



Guerra do Paraguai e imprensa no Rio Grande do Sul:

dois ensaios históricos

FRANCISCO DAS NEVES ALVES



UNIVERSIDADE
AbERTA
www.uab.pt
Cátedra CIPSH
de Estudos Globais
2020-2025



**Guerra do Paraguai e
imprensa no Rio
Grande do Sul:
dois ensaios históricos**



COLEÇÃO
RIO-GRANDENSE



CONSELHO EDITORIAL/CIENTÍFICO

Alvaro Santos Simões Junior

- Universidade Estadual Paulista – Assis -

António Ventura

- Universidade de Lisboa -

Beatriz Weigert

- Universidade de Évora -

Carlos Alexandre Baumgarten

- Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul -

Ernesto Rodrigues

- CLEPUL – Universidade de Lisboa -

Francisco Gonzalo Fernandez Suarez

- Universidade de Santiago de Compostela -

Francisco Topa

- Universidade do Porto -

Isabel Lousada

- Universidade Nova de Lisboa -

João Relvão Caetano

- Cátedra CIPSH de Estudos Globais (CEG) -

José Eduardo Franco

- CEG e CLEPUL – Universidade de Lisboa -

Maria Aparecida Ribeiro

- Universidade de Coimbra -

Maria Eunice Moreira

- Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul –

Maria Cristina Firmino Santos

- Universidade de Évora -

Vania Pinheiro Chaves

- CEG e CLEPUL – Universidade de Lisboa -

Francisco das Neves Alves

Guerra do Paraguai e imprensa no Rio Grande do Sul: dois ensaios históricos



UNIVERSIDADE
AbERTA
www.uab.pt

**Cátedra CIPSH
de Estudos Globais**
2020-2025



Biblioteca Rio-Grandense

Lisboa / Rio Grande
2021

DIRETORIA DA CÁTEDRA DE ESTUDOS GLOBAIS DA UNIVERSIDADE ABERTA/CIPSH/UNESCO

DIREÇÃO:

José Eduardo Franco (Coord)
Carla Oliveira
Cécile Méadel
Fabrice d'Almeida
João Luís Cardoso
José Ignacio Ruiz Rodríguez
Valérie Dévillard
Pierre-Antoine Fabre

COMISSÃO PEDAGÓGICA:

João Relvão Caetano (Coord.)
Darlinda Moreira
Jeffrey Scoot Childs
Rosa Sequeira
Sandra Caeiro

ASSESSORIA EXECUTIVA:

Cristiana Lucas (Coord.)
José Bernardino
Milene Alves
Paula Carreira
Susana Alves-Jesus

DIRETORIA DA BIBLIOTECA RIO-GRANDENSE

Presidente: Francisco das Neves Alves
Vice-Presidente: Pedro Alberto Távora Brasil
Diretor de Acervo: Mauro Nicola Póvoas
1º Secretário: Luiz Henrique Torres
2º Secretário: Ronaldo Oliveira Gerundo
Tesoureiro: Valdir Barroco

Ficha Técnica

- Título: Guerra do Paraguai e imprensa no Rio Grande do Sul: dois ensaios históricos
- Autor: Francisco das Neves Alves
- Coleção Rio-Grandense, 45
- Composição & Paginação: Marcelo França de Oliveira
- Cátedra de Estudos Globais da Universidade Aberta/CIPSH/UNESCO
- Biblioteca Rio-Grandense
- Lisboa / Rio Grande, Outubro de 2021

ISBN – 978-65-89557-36-4

CAPA: *A Sentinela do Sul*. Porto Alegre, 23 fev. 1868, p. 8.

O autor:

Francisco das Neves Alves é Professor Titular da Universidade Federal do Rio Grande, Doutor em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul e realizou Pós-Doutorados junto ao ICES/Portugal (2009); à Universidade de Lisboa (2013), à Universidade Nova de Lisboa (2015), à UNISINOS (2016), à Universidade do Porto (2017), à PUCRS (2018), à Cátedra Infante Dom Henrique/Portugal (2019) e à UNESP (2020). Entre autoria, coautoria e organização de obras, publicou mais de cento e sessenta livros.

SUMÁRIO

Cenas da Guerra do Paraguai na imprensa caricata da Corte e do Rio Grande do Sul.....11

Personagens da Guerra do Paraguai e processos de herocização por meio da imprensa: dois estudos de caso.....45

Cenas da Guerra do Paraguai na imprensa caricata da Corte e do Rio Grande do Sul

Ao longo da segunda metade da década de sessenta do século XIX, o Império do Brasil se envolveria no mais grave confronto bélico de sua história, compondo uma Tríplice Aliança junto com Argentina e Uruguai, para enfrentar o Paraguai. Essa guerra viria a ser a mais ferrenha dentre as questões platinas das quais o Brasil participou levando em frente suas práticas intervencionistas em relação a alguns de seus vizinhos sul-americanos. As intervenções brasileiras tinham por característica fundamental a invasão do país adversário, com a derrubada do governo desfavorável à causa imperial, e já fora realizada contra as repúblicas argentina e uruguaia, em ações bélicas normalmente breves no cronológico. A Guerra da Tríplice Aliança, entretanto, tendo em vista a resistência do povo guarani e as dificuldades enfrentadas pelos aliados, acabaria por estender-se no tempo, durando em torno de um lustro, o qual viria a ser desastroso para o derrotado Paraguai, aniquilado após fim do conflito, mas também traria efeitos indeléveis para o Império que teria algumas de suas estruturas abaladas pelo prolongado enfrentamento militar.

A duração da Guerra do Paraguai, os esforços voltados ao conflito bélico, os riscos advindos da luta próxima às fronteiras nacionais e a quantidade de

indivíduos envolvidos viriam a constituir alguns dos fatores que levaram a um enorme interesse pelos acontecimentos no teatro de guerra. Para saciar tal sede de informações a imprensa exerceu um papel fundamental, trazendo notícias e expedindo opiniões sobre os acontecimentos envoltos no confronto militar. Incomensuráveis páginas de jornal foram elaboradas através das localidades brasileiras que contavam com o periodismo, com a publicação de textos e imagens sobre o cenário bélico.

Nesse contexto, um dos segmentos da imprensa brasileira que contou com o gosto do público leitor foi o das publicações ilustradas, as quais somavam ao texto o apelo visual da imagem. Dentre as folhas de natureza ilustrada, um dos gêneros que mais se destacou no Brasil do século XIX foi aquele representado pelos semanários caricatos. Houve nessa época uma proliferação de periódicos caricatos pelas principais cidades do Império¹

¹ A respeito da expansão da imprensa caricata no Brasil, observar: FLEIUSS, Max. *A caricatura no Brasil. Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*. t. 80. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1917. p. 583-609; LIMA, Herman. *História da caricatura no Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1963.; MAGNO, Luciano. *História da caricatura brasileira: os precursores e a consolidação da caricatura no Brasil*. Rio de Janeiro: Gala Edições, 2012.; SINZIG, Pedro. *A caricatura na imprensa brasileira: contribuição para um estudo histórico-social*. Petrópolis: Vozes, 1911.; SODRÉ, Nelson Werneck. *A história da imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.; SOUZA, Jonas Soares de. A vitrine do imaginário: periódicos ilustrados no século XIX. *Documentos*. v. 3. n. 6. Campinas: B.C.M.V, jul/dez. 1991. p. 33-43.; e TÁVORA, Araken. *D. Pedro II e o seu*

e eles teriam também uma ação contundente na divulgação do teatro de guerra. Em linhas gerais, o jornalismo brasileiro atuaria decisivamente em nome da causa imperial contra o adversário em comum e, no caso dos caricatos, não seria diferente. Assim ocorreria também um engajamento junto ao periodismo caricato, o qual lhe conferiu um relevante papel, uma vez que condenou as formas de atuação do adversário e apresentou-se como privilegiada base da legitimação pretendida pelo Império em sua ação armada contra o governo paraguaio². Neste trabalho são abordados dois desses hebdomadários que trouxeram cenas da guerra para seus leitores, um na Corte, a *Semana Ilustrada*, e outro localizado na mais meridional Província brasileira, *A Sentinela do Sul*, precursora de seu gênero no Rio Grande do Sul, levando em conta o período de tempo em que circularam simultaneamente, ou seja, nos anos de 1867 e 1868.

A *Semana Ilustrada* foi editada no Rio de Janeiro entre 1860 e 1876, em “formato pequeno, com oito páginas, quatro de texto e quatro com ilustrações”. Tal semanário “publicava poesias, crônicas e contos”, em um quadro pelo qual, as crônicas ficavam “sob a responsabilidade do Dr. Semana, figura obrigatória da ilustração da capa” que comentava “os sucessos da semana” junto do “seu moleque”, um “pequeno escravo”. Por suas páginas “passaram os mais conhecidos escritores e jornalistas da época”, como

mundo através da caricatura. 2.ed. Rio de Janeiro: Ed. Documentário, 1976.

² SILVEIRA, Mauro César. *A batalha de papel: a Guerra do Paraguai através da caricatura*. Porto Alegre: L&PM, 1996. p. 169.

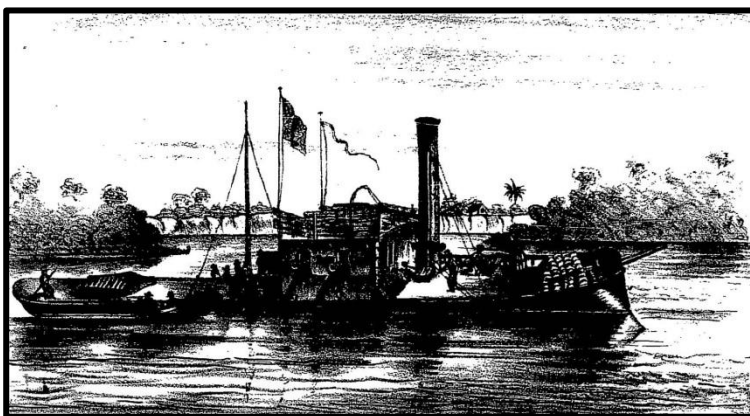
“Machado de Assis, Quintino Bocaiúva, Pedro Luís, Joaquim Manuel de Macedo, Joaquim Nabuco, Bernardo Guimarães”. Além disso, possuía “como correspondentes na guerra com o Paraguai Joaquim José Inácio, Antônio Luís von Hoonholtz e Alfredo d’Escagnolle Taunay”. Contou com a direção de Henrique Fleiuss, sendo “totalmente desenhada e litografada” por ele durante os primeiros números, vindo depois a receber a cooperação de H. Aranha, Aristides Seelinger, Ernesto Augusto de Sousa e Silva e Aurélio de Figueiredo³.

A Guerra da Tríplice Aliança foi tema recorrente nas páginas da *Semana Ilustrada*, aparecendo nas matérias textuais opinativas e informativas e também nas gravuras, a partir da perspectiva caricatural. Ao mesmo tempo, o semanário buscou trazer para seus leitores algum conteúdo imagético referente ao teatro de operações, atendendo uma angustiosa demanda por informes daquilo que estava se desenrolando em meio aos enfrentamentos bélicos. Nesse sentido, cenas de batalha, paisagens dos locais onde se desenvolviam as lutas, ilustrações de navios de guerra, mapas e plantas de determinados lugares foram alguns dos recursos utilizados pelo periódico para apresentar notícias acerca dos acontecimentos no Paraguai.

Nessa linha, a folha ilustrada carioca mostrou “a canhoneira encouraçada *Tamandaré*” e “a corveta encouraçada *Brasil*”, ambas “depois do combate de Curupaiti”, em registros enviados pelo almirante

³ SODRÉ, Nelson Werneck. *História da imprensa no Brasil*. 4.ed. Rio de Janeiro: Mauad, 2007. p. 204-206.

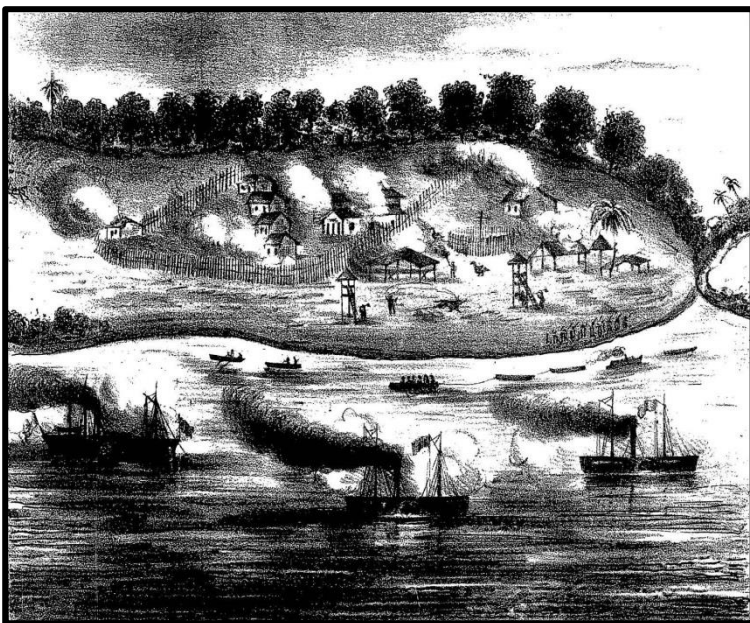
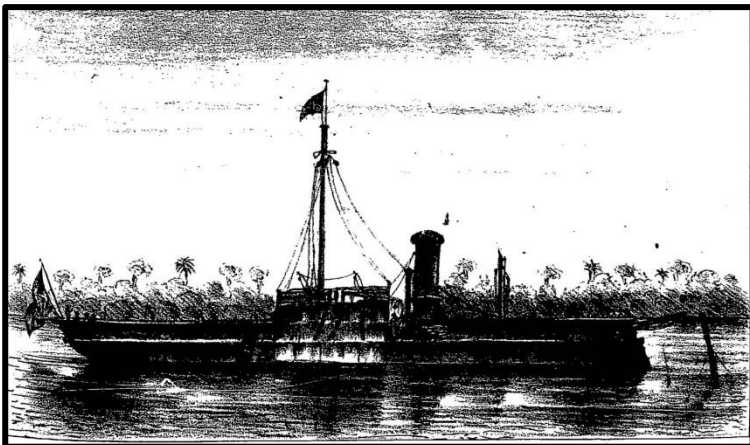
Joaquim José Inácio⁴. Já em outra edição era publicada uma cena de batalha, com o “bombardeio e incêndio do acampamento paraguaio de S. José Mi, pelos navios da divisão do Alto-Paraná, *Chuí*, *Greenhalgh* e *Henrique Martins*”⁵. Alguns cenários paraguaios eram também ilustrados pela folha caricata, como uma “parte de S. Cosme, povoação paraguaia na margem direita do Alto Paraná, tirada com auxílio do binóculo”; a “guarda do Cerrito, na margem direita do Alto Paraná”, considerada como uma “posição importante”; a “família de um soldado do 14º de infantaria de linha, 3º corpo do exército em marcha”; e a “Vila de Itati (correntina) na margem esquerda do Alto Paraná”, em gravura “tirada do rio”. O periódico informava que estes últimos quatro desenhos tinham sido “obsequiados pelo capitão de engenheiros Conrado de Niemeyer”⁶.

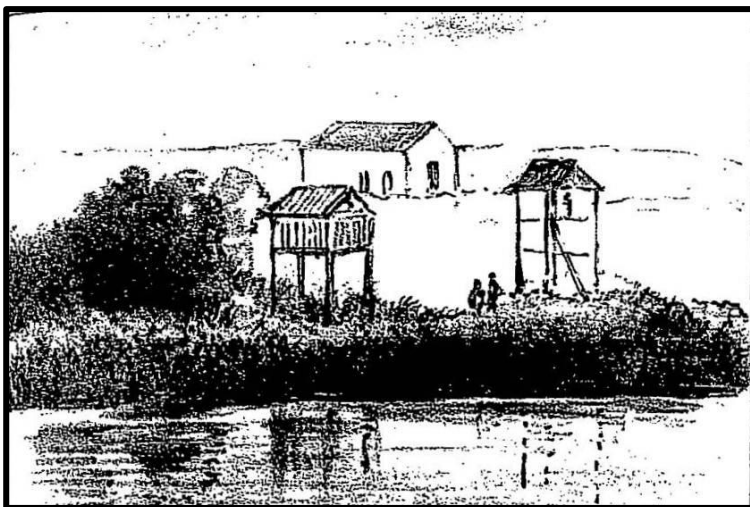


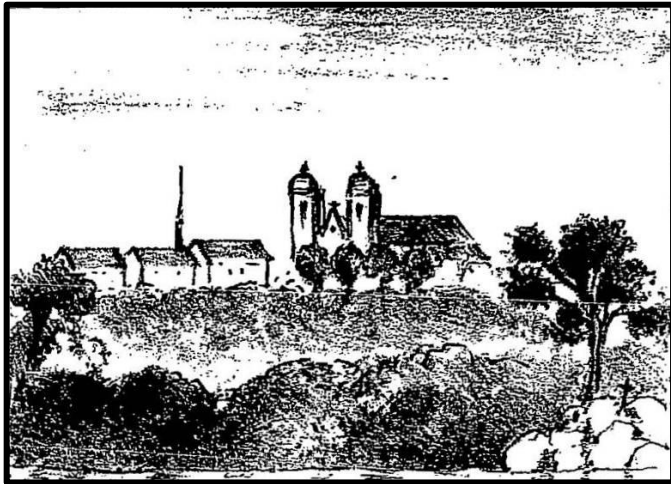
⁴ *Semana Ilustrada*. Rio de Janeiro, 15 set. 1867, p. 5.

⁵ *Semana Ilustrada*. Rio de Janeiro, 22 set. 1867, p. 4-5.

⁶ *Semana Ilustrada*. Rio de Janeiro, 13 out. 1867, p. 5.

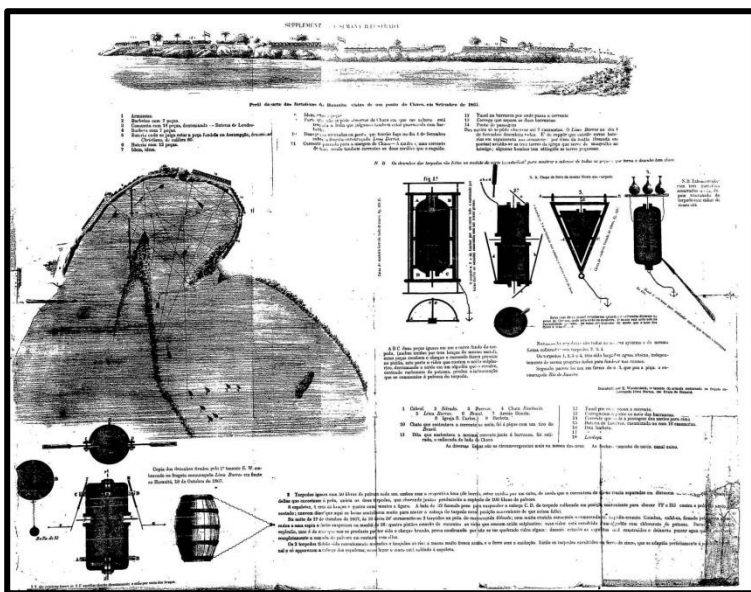






Um esquema gráfico bastante completo foi publicado pelo jornal, na forma de suplemento, trazendo um “perfil de parte das fortalezas de Humaitá, vistas de

um ponto do Chaco, em setembro de 1867⁷. Também foi apresentada pelo semanário a “passagem de Curupaiti efetuada pela esquadra encouraçada sob o mando do almirante Joaquim José Inácio, a 15 de agosto de 1867”⁸. Mais tarde, foi mostrada a “passagem dos monitores encouraçados pelas baterias de Curupaiti na noite de 13 de fevereiro de 1868, às 8 ½ horas”⁹. Ainda foi desenhada a “planta do Ponto de Tajy, acima da fortaleza de Humaitá”¹⁰.

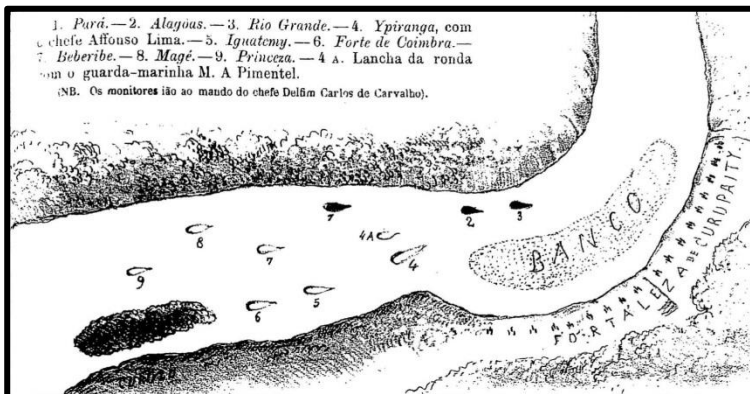
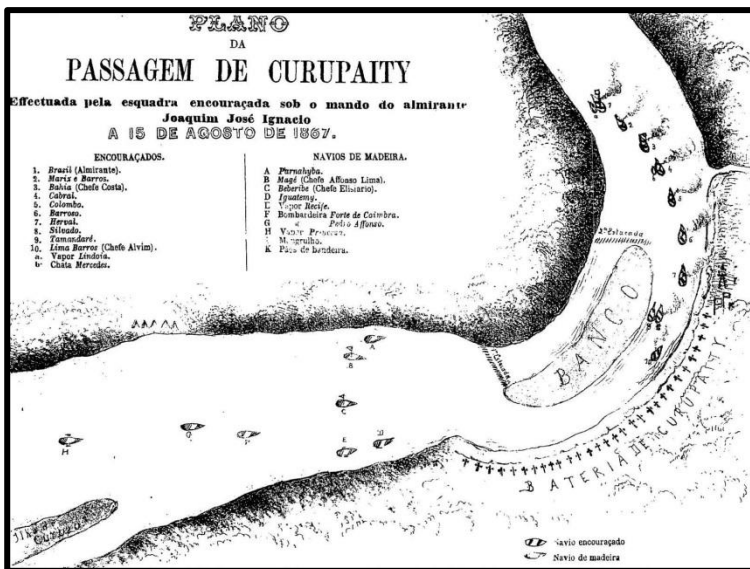


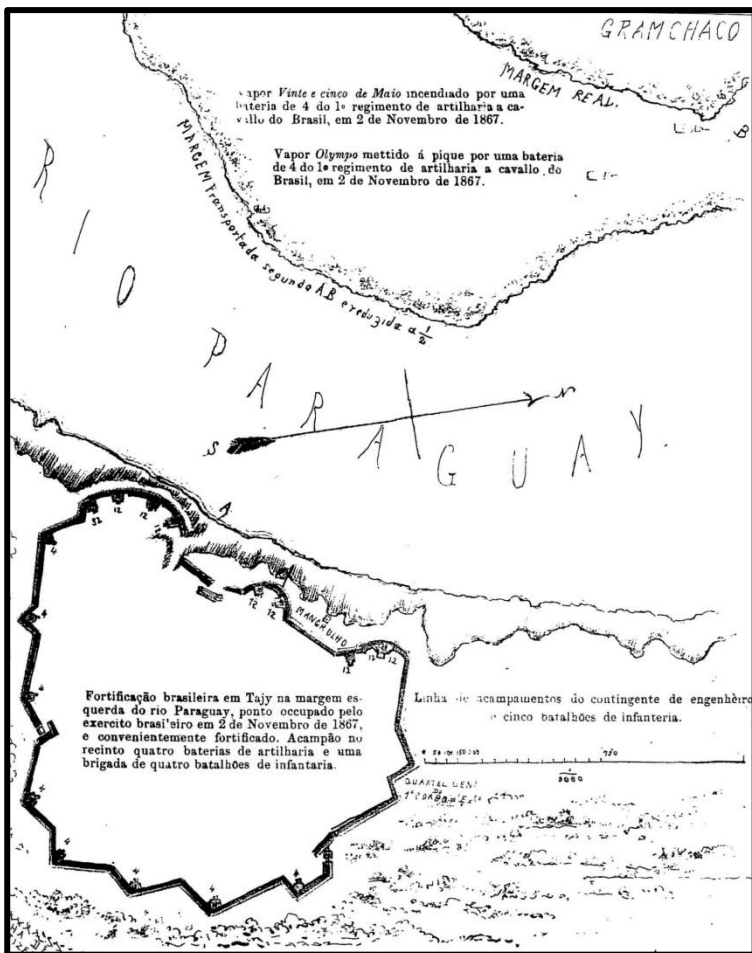
⁷ *Semana Illustrada*. Rio de Janeiro, 17 nov. 1867, suplemento.

⁸ *Semana Illustrada*. Rio de Janeiro, 24 nov. 1867, p. 8.

⁹ *Semana Illustrada*. Rio de Janeiro, 15 mar. 1868, p. 5.

¹⁰ *Semana Illustrada*. Rio de Janeiro, 22 mar. 1868, p. 5.

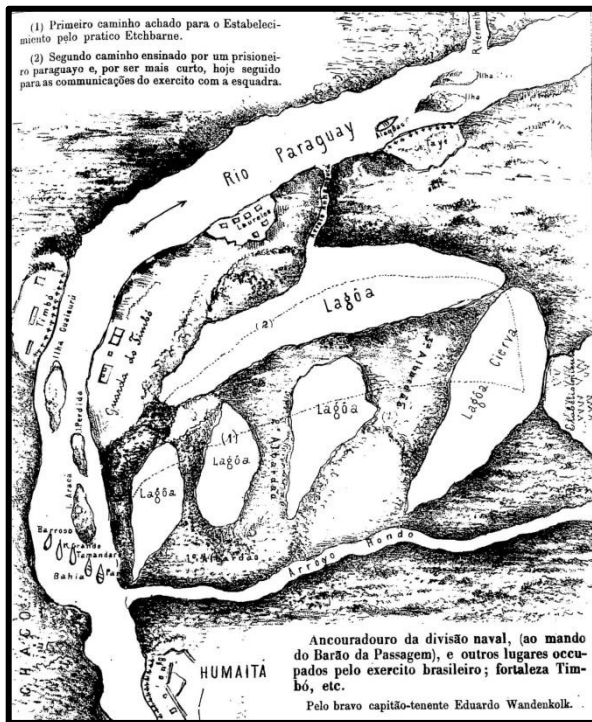




Os caminhos para o “Estabelecimento”, importante posição do conflito bélico, apareciam na “Planta do Rio Paraguay”¹¹. Também esteve entre as

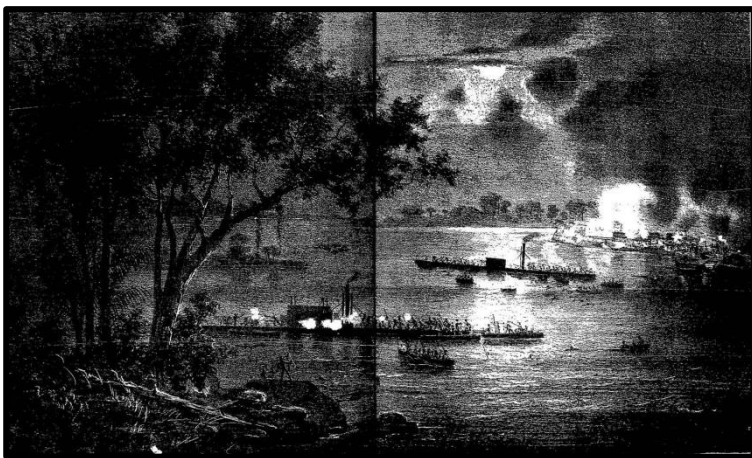
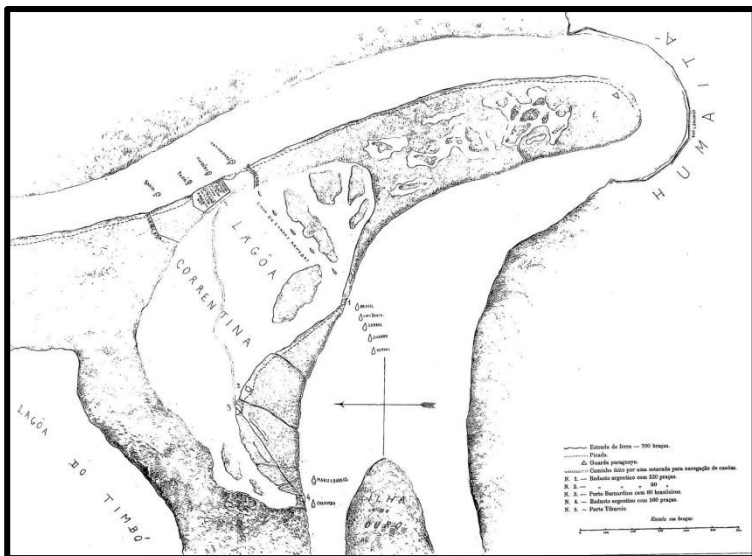
¹¹ *Semana Illustrada*. Rio de Janeiro, 24 maio 1868, p. 5.

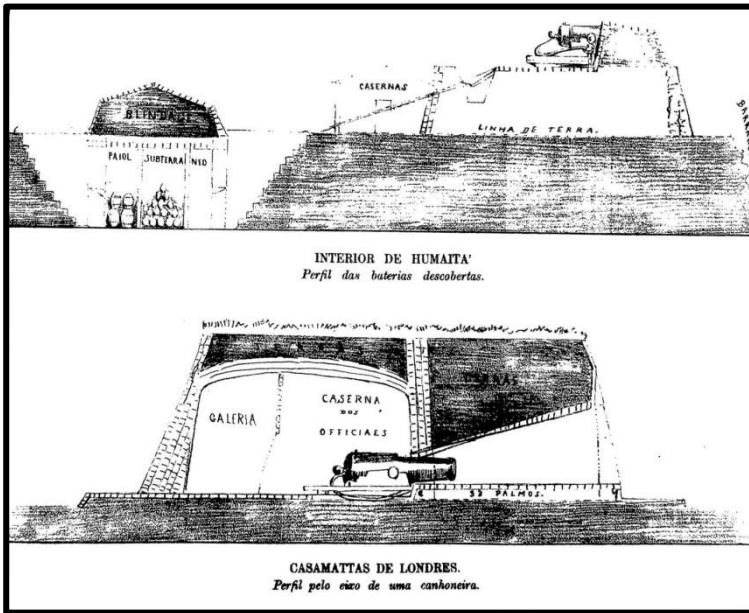
representações iconográficas da folha o “Plano do sítio de Humaitá pelo Chaco”, com levantamento realizado por ordem do vice-almirante Visconde de Inhaúma e, na mesma edição, foi ilustrado o “glorioso combate dos encouraçados brasileiros *Barroso* e monitor *Rio Grande*”¹². Outra presença nas páginas do periódico foram dois esquemas, um demonstrando o “interior de Humaitá” e outro com “as casamatas de Londres – perfil pelo eixo de uma canhoneira”¹³.



¹² *Semana Ilustrada*. Rio de Janeiro, 2 ago. 1868, suplemento.

¹³ *Semana Ilustrada*. Rio de Janeiro, 16 ago. 1868, p. 5.



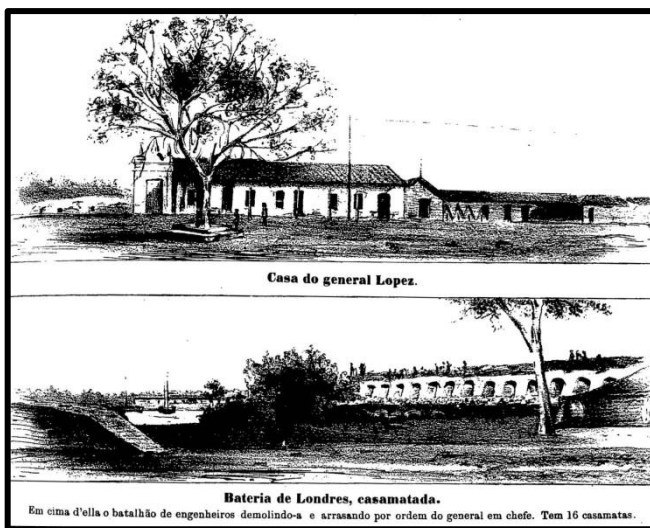
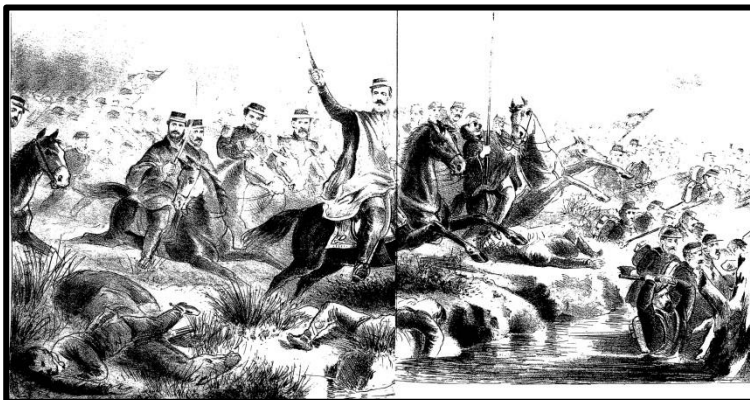


Uma cena do teatro de guerra foi mostrada pelo hebdomadário, ao apresentar um movimento de reconhecimento, de 16 de julho de 1868, comandado pelo general visconde do Herval¹⁴. Em termos de paisagens, apareceu também o “interior de Humaitá”, com a “casa do general Lopez” e a “bateria de Londres”, a qual era destruída pelo batalhão de engenheiros¹⁵. Nova planta voltava a ilustrar as páginas do periódico, com um

¹⁴ *Semana Ilustrada*. Rio de Janeiro, 23 ago. 1868, p. 4-5.

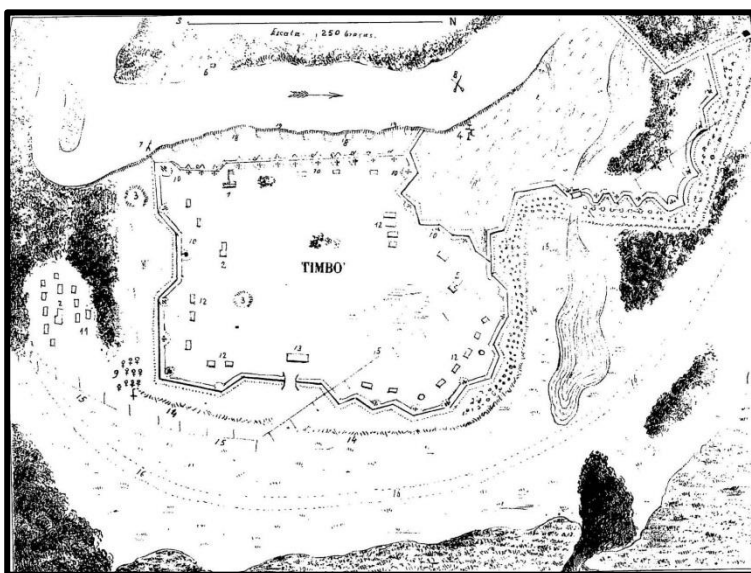
¹⁵ *Semana Ilustrada*. Rio de Janeiro, 13 set. 1868, p. 5.

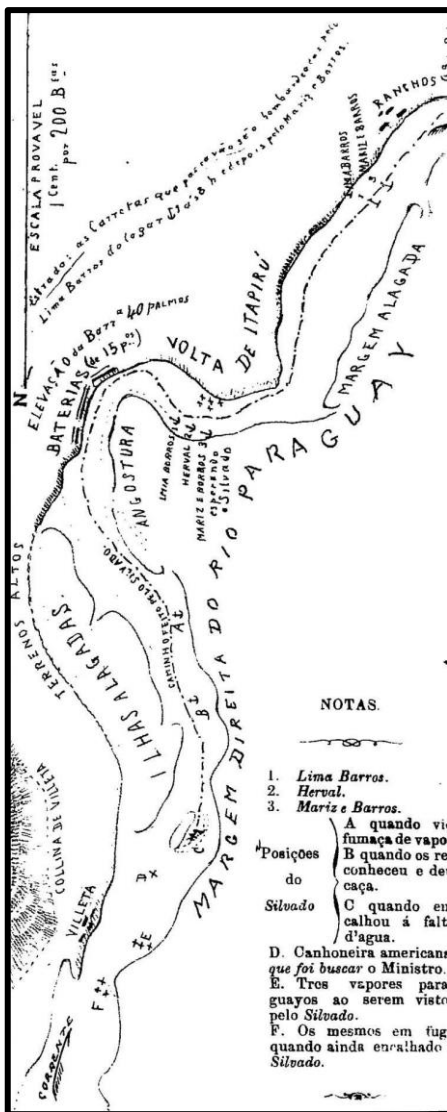
“esboço da Fortaleza do Timbo”¹⁶. Já outra ilustração trazia o “esboço do Rio Paraguai”¹⁷.



¹⁶ *Semana Ilustrada*. Rio de Janeiro, 27 set. 1868, p. 8.

¹⁷ *Semana Ilustrada*. Rio de Janeiro, 4 out. 1868, p. 5.

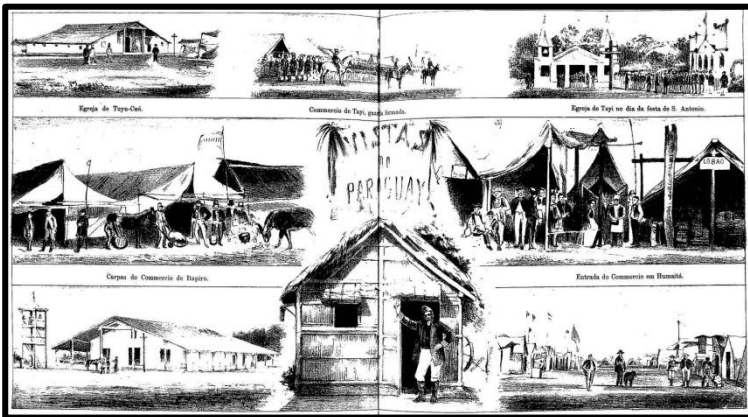




Esboço do rio Paraguay

em parte occupado pela 2.^a divisão (commandante Maméde) no dia 7 de Setembro de 1868, em que o *Silvado*, sob o mando do capitão de fragata José da Costa Azevedo, forçou por duas vezes as baterias paraguayas de Itapirú, fortes de 15 peças, e deu caça a tres vapores da republica que fugirão rio acima.

Várias paisagens do país com o qual o Império guerreava foram apresentadas em “Vistas do Paraguai, obsequiosamente oferecidas pelo capitão de mar e guerra Bernardo Alves de Moura”¹⁸. O desenho de outra cena de batalha trazia, sob o título “Guerra do Paraguai” a tropa liderada pelo “barão do Triunfo no dia 23 de setembro de 1868 na passagem do Rio Surubi-hi”¹⁹. Já uma nova planta demonstrava a “parte do Rio Tebicuary por onde se efetuou a passagem do exército desde 1º até 6 de setembro”, em desenho remetido “pelo guardamarinha Afonso Augusto Rodrigues de Vasconcelos”²⁰. O último registro da *Semana Ilustrada* de cenas da guerra, ao final do ano de 1868, ocorreu com a ilustração da canhoneira Iguatemi, no Alto Paraná, a 7 de novembro de 1868, em salvamento de lancha a vapor que foi a pique²¹.

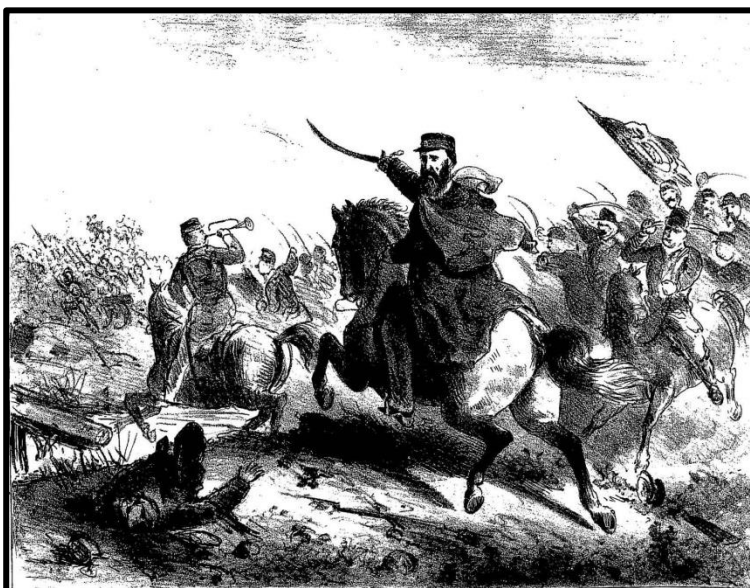


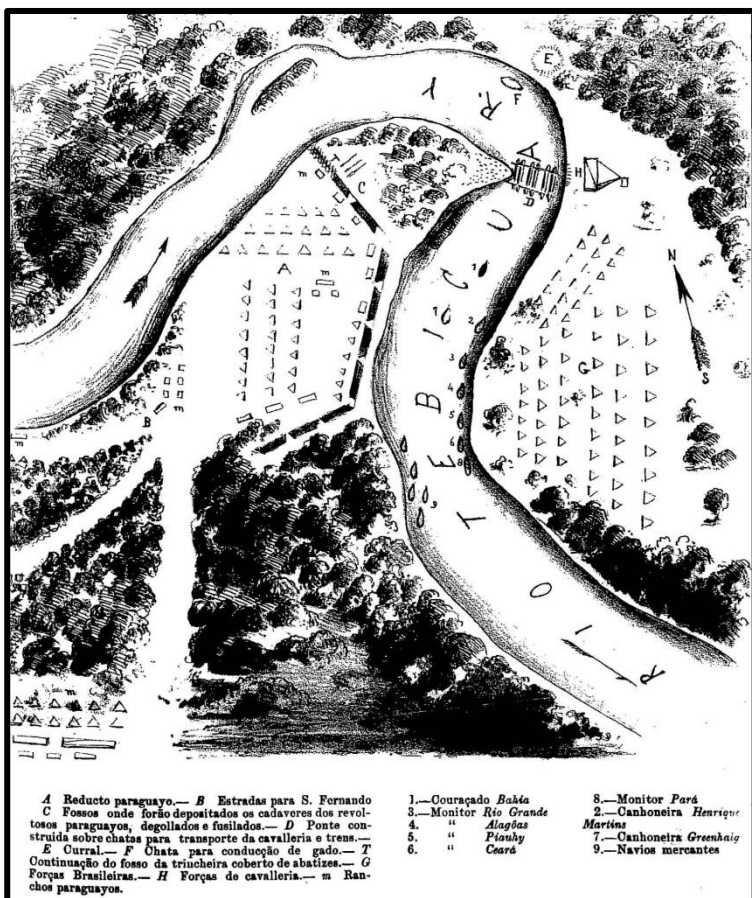
¹⁸ *Semana Ilustrada*. Rio de Janeiro, 25 out. 1868, p. 4-5.

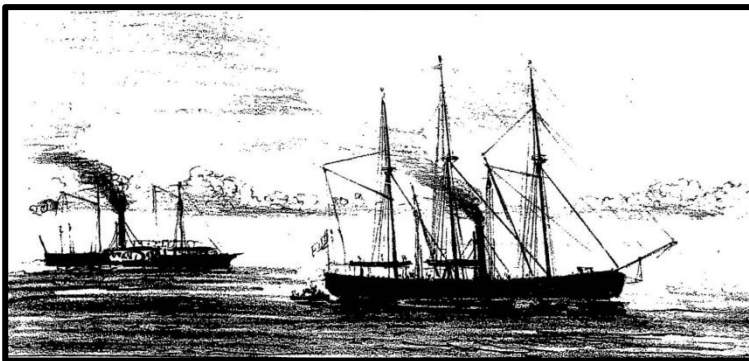
¹⁹ *Semana Ilustrada*. Rio de Janeiro, 1º nov. 1868, p. 8.

²⁰ *Semana Ilustrada*. Rio de Janeiro, 15 nov. 1868, p. 5.

²¹ *Semana Ilustrada*. Rio de Janeiro, 20 dez. 1868, p. 5.







Bem longe da Corte, no Rio Grande do Sul, tal processo se repetiria, notadamente com o hebdomadário que viria a constituir o inaugurador do jornalismo humorístico nas terras sulinas. Tal folha pioneira foi *A Sentinela do Sul*, editada na capital da Província, entre julho de 1867 e, provavelmente, a virada entre 1868 e 1869. Júlio Timóteo de Araújo e Manoel Felisberto Pereira da Silva eram seus proprietários, a sua impressão era feita na Litografia Imperial de Emílio Wiedemann, enquanto as ilustrações ficavam a cargo de Inácio Weingärtner, que atuava como gravador naquela empresa. *A Sentinela* apresentava-se como jornal ilustrado, crítico e joco-sério e, com humor, lembrava que seria publicada diariamente, com exceção dos dias de semana. Em meio aos modelos normalmente mais críticos e ácidos das folhas caricatas, *A Sentinela do Sul* manteve sua construção discursiva e suas manifestações

pictóricas em padrões razoavelmente mais amenos e moderados²².

A *Sentinela do Sul*²³ manteve padrões gráficos bastante aprimorados para os padrões da época, ainda mais por se tratar de um momento de gênese do jornalismo caricato no Rio Grande do Sul. A Guerra do Paraguai constituiria o tema mais difundido nas páginas do hebdomadário que trazia aos leitores textos e imagens acerca do cenário bélico. De acordo com o caráter de mobilização patriótica que dominava a imprensa brasileira de então, a folha caricata também se dispunha a uma figurativa participação na guerra, engajando-se com a causa nacional²⁴. Em termos iconográficos, a folha trazia retratos dos militares brasileiros atuando no *front*, caricaturas denegrindo a ação dos adversários e enaltecendo a brasileira e alegorias em torno de vitórias nacionais. Além disso, o semanário apresentou ao público vários dos cenários da guerra, contribuindo com as representações imagéticas acerca daquilo que acontecia durante o conflito.

Nesse sentido, ainda nas suas primeiras edições, a folha caricata mostraria um acampamento de militares brasileiros, com a presença de prisioneiros, tentando

²² FERREIRA, Athos Damasceno. *Imprensa caricata do Rio Grande do Sul no século XIX*. Porto Alegre: Globo, 1962. p.13-27.

²³ Texto ampliado a partir de ALVES, Francisco das Neves. Cenas da Guerra do Paraguai nas páginas de um semanário caricato gaúcho. In: ALVES, Francisco das Neves. *Ensaio de História Sul-Rio-Grandense*. Rio Grande: Biblioteca Rio-Grandense, 2015. p. 19-30.

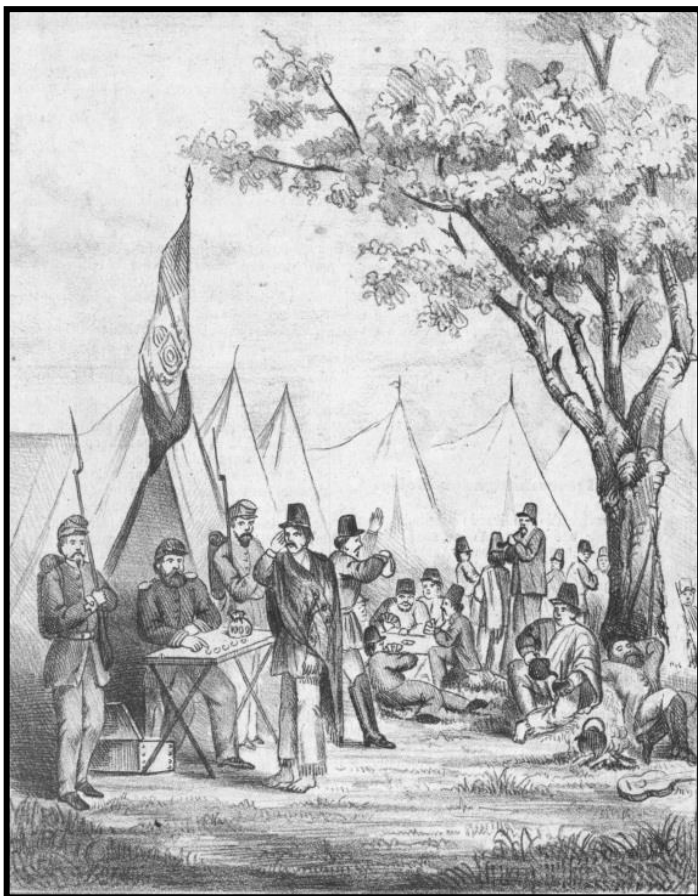
²⁴ ALVES, Francisco das Neves. A gênese da imprensa caricata sul-rio-grandense e a Guerra do Paraguai. In: *Historiae*. v. 5. n. 1. Rio Grande: Ed. da FURG, 2014. p. 11-14.

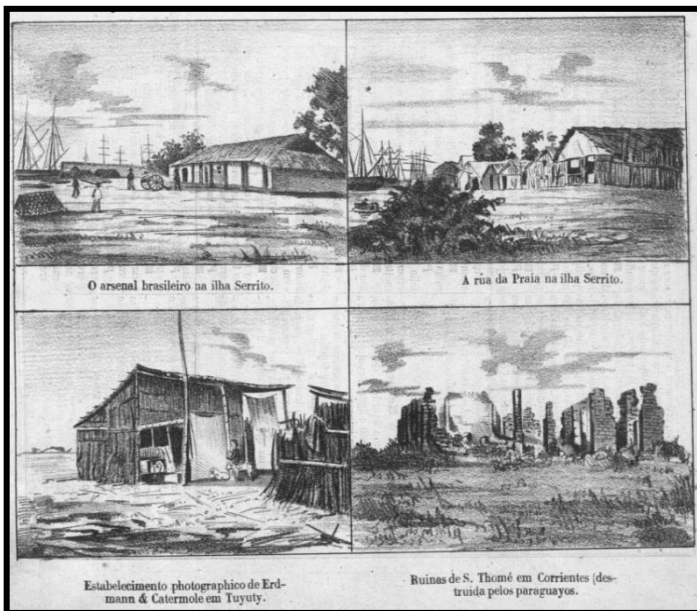
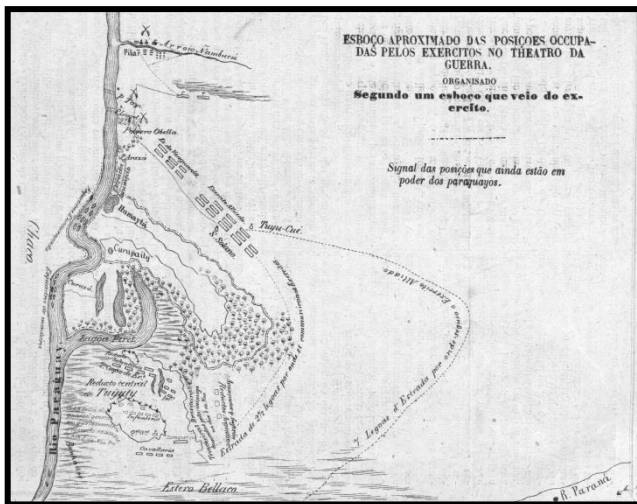
demonstrar o bom tratamento que estes estariam a receber das forças imperiais²⁵. Mapas e plantas também se tornaram comuns nas páginas da *Sentinela*, visando a demonstrar graficamente as operações bélicas que se desenvolviam no território inimigo, como foi o caso de um “esboço aproximado das posições ocupadas pelos exércitos no teatro da guerra”. No mesmo número, o jornal mostraria algumas vistas do cenário bélico, como um arsenal, uma rua, um estabelecimento fotográfico e as ruínas de localidade destruída na guerra²⁶. Uma outra planta buscava demonstrar a distribuição das forças brasileiras ao longo do território paraguaio²⁷.

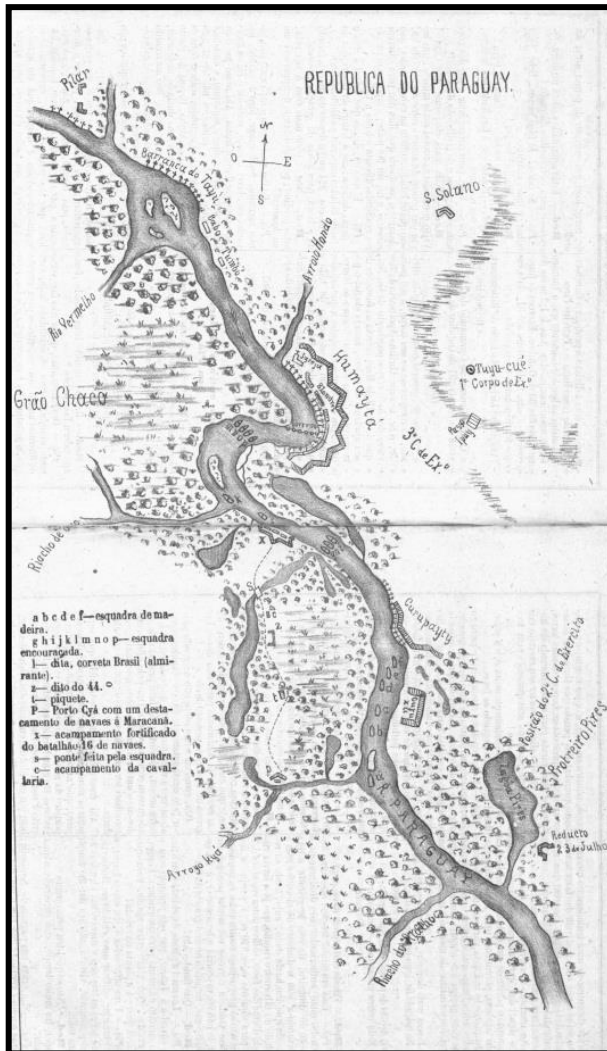
²⁵ *A Sentinela do Sul*. Porto Alegre, 28 jul. 1867, p. 5.

²⁶ *A Sentinela do Sul*. Porto Alegre, 24 nov. 1867, p. 4-5.

²⁷ *A Sentinela do Sul*. Porto Alegre, 19 jan. 1868, p. 4-5.

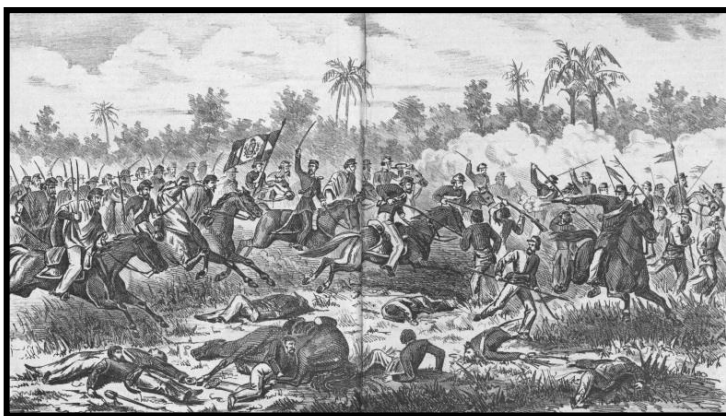






Um dos grandes intentos do hebdomadário era demonstrar as vitórias e uma propalada valentia das

tropas imperiais, notadamente as formadas por sul-rio-grandenses, como foi o caso do desenho de uma “carga da cavalaria brasileira do General Andrade Neves”. Com fervor patriótico a folha heroizava os brasileiros, afirmando que, diante daquele quadro: “- Qual o coração rio-grandense que não estremecerá de júbilo ao ver esta cavalaria invicta”, a qual “se atira ao encontro do inimigo, levando-o de vencida no primeiro choque” e “derrubando-o, pisando-o, esmagando-o, fazendo-o retroceder, e fugir em vergonhosa debandada”⁻²⁸. Na mesma linha, o jornal narrava acerca da “Surpresa de Tuiuti”, considerando que já pertencia à história, aquele “esplêndido triunfo alcançado pelos brasileiros”, que, surpreendidos e em menor número, teriam vencido os adversários, apresentando uma “estampa” que seria “digna de apreciar-se”, pois representaria “uma página e quicá uma das maiores glórias” da “história brasileira”²⁹.



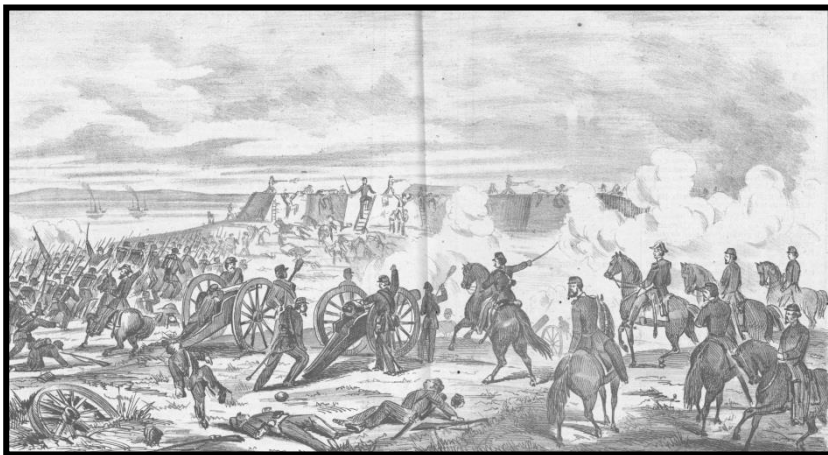
²⁸ *A Sentinela do Sul*. Porto Alegre, 9 fev. 1868, p. 2-5.

²⁹ *A Sentinela do Sul*. Porto Alegre, 23 fev. 1868, p. 3, 6, 8.



Seguindo a mesma perspectiva de pensamento, o semanário publicaria gravura representando a “Tomada do Reduto Estabelecimento”, afirmando que tal ação designaria “o triunfo de dois grandes feitos”, ou seja, “a conclusão de uma guerra que tantas mil vidas tem destinado” bem como “a redenção de um povo que vive atado por uma vil tirania”. O episódio era descrito como um “faustoso acontecimento”, no qual ficara comprovada a “nobre audácia dos soldados brasileiros” e de seus “exemplos heroicos” diante do “altar da pátria”, diante do qual “o martírio é uma virtude” e “uma glória heroica”. O periódico chamava atenção dos leitores para aquela batalha porque ela seria “digna da sua admiração”, pois representava “um feito histórico” e “uma grande vitória” para o “vasto e rico Império,

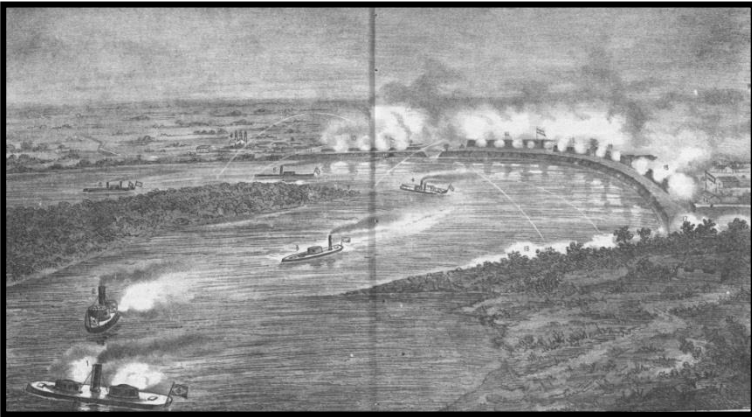
fadado pela providência” a “ser o garantidor da liberdade e da ordem da América meridional”³⁰.



Ainda no intento de heroicizar a ação militar brasileira, o hebdomadário estamparia a gravura “Passagem de Humaitá”, qualificada como “uma epígrafe que simboliza uma grande vitória” e “uma vitória que nobilita a esquadra brasileira”, considerada “valente como a melhor esquadra do mundo”, pois “aniquilou o orgulho paraguaio e captou a admiração de todos”. Segundo o jornal, aquele evento “quebrou o orgulho do tirano que envergonha o século” e “ergueu bem alto o nome brasileiro para todos verem nele o tipo de abnegação e do heroísmo”. Acreditava que todos teriam orgulho em possuir aquela estampa, ficando o

³⁰ *A Sentinela do Sul*. Porto Alegre, 29 mar. 1868, p. 3-6.

público “orientado desse grande acontecimento, que tanto ensoberbece o orgulho nacional”³¹.

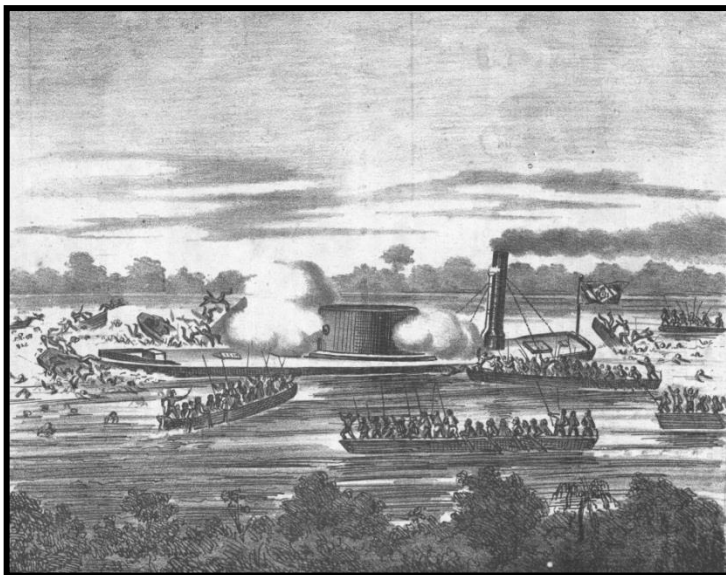


O periódico caricato mostraria também desenho retratando “canoas paraguaias dando abordagem ao monitor Alagoas”, caracterizado como “um dos mais ricos episódios havidos na guerra” e uma “luta sublime”, encerrando um fato “glorioso para o Brasil” e “horrível para o inimigo” e constituindo uma página “das mais gloriosas” para o país³². Ainda quanto aos registros do cenário bélico, a folha estamparia uma “Planta do teatro de guerra”, chamando atenção para tal esboço que daria “ideia clara e muito precisa” das posições ocupadas por aliados e paraguaios. Para o periódico, tal planta era do “maior interesse”, uma vez que naquele mesmo terreno viria a ser “pelejada uma

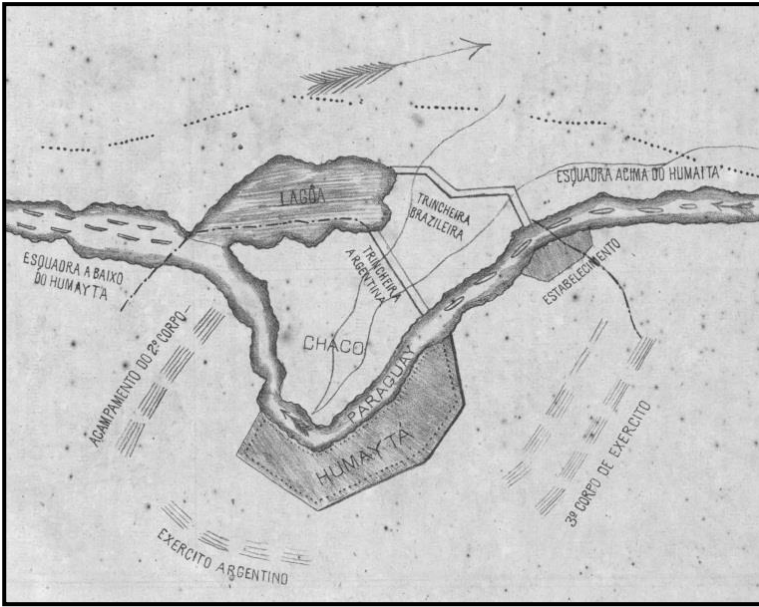
³¹ *A Sentinela do Sul*. Porto Alegre, 5 abr. 1868, p. 2, 4-5.

³² *A Sentinela do Sul*. Porto Alegre, 12 abr. 1868, p. 2-3, 8.

ação, senão decisiva, pelo menos muito importante” e que poderia “decisivamente influir sobre o futuro da guerra”³³.



³³ *A Sentinela do Sul*. Porto Alegre, 14 jun. 1868, p. 2,5.



Dessa maneira, tanto a Corte, quanto o extremo-meridional Rio Grande do Sul teriam condições de “assistir” a várias das cenas da Guerra da Tríplice Aliança através das páginas da *Semana Ilustrada* e de *A Sentinela do Sul*. O Rio de Janeiro constituía a sede administrativa do Império e, portanto, local de mando e decisão quanto aos destinos do país na guerra, além de constituir o centro cultural e demográfico do Brasil, o que levava a um amplo público leitor, que buscava com afã notícias do *front*. Já a Província sulina havia sofrido diretamente com as agonias da guerra, ao ter seu território invadido, bem como contribuía com um dos mais significativos contingentes de militares para o teatro das batalhas e constituía um ponto estratégico,

encravado entre os vizinhos platinos, de modo que tinha significativa parte de sua população interessada nos destinos do conflito. Em ambos os locais, fosse por motivos conjunturais, como os caminhos das relações exteriores brasileiras, fosse circunstanciais no que tange aos brasileiros, mormente os gaúchos, que pegaram em armas e marcharam para o território inimigo ou ainda o não esquecido risco de uma nova invasão, serviriam como motes para o consumo dos textos e desenhos dos hebdomadários.

Nesse sentido, através de suas matérias e desenhos, o semanário carioca e o porto-alegrense encontraram um público leitor ávido por informações do Paraguai. Através da imagem e de uma linguagem mais direta e incisiva, trazendo notícias sobre a guerra e sustentando o confronto com o inimigo, a *Semana Ilustrada* e *A Sentinela do Sul* dariam também o seu quinhão no constante esforço de guerra que marcou o cotidiano da imprensa brasileira à época do conflito contra o Paraguai³⁴. Assim, esses dois periódicos caricatos, um fluminense e o outro gaúcho, mantiveram o sentido nacional de entusiasmo patriótico³⁵, mostrando cenas da guerra nas quais apresentavam/heroicizavam as ações brasileiras, deslegitimavam as atitudes dos adversários e construíam a imagem de uma vitória

³⁴ ALVES, Francisco das Neves. Imprensa caricata rio-grandense-do-sul e Guerra do Paraguai: imagem, informação e conflito discursivo. In: ALVES, Francisco das Neves (org.). *Imprensa, história, literatura e informação – Anais do II Congresso Internacional de Estudos Históricos*. Rio Grande: FURG, 2007. p. 258.

³⁵ ALVES, 2014, p. 45-46.

gloriosa e iminente do Império, prevendo, erroneamente o breve encerramento do conflito, com a derrota definitiva do adversário, o que demandaria ainda significativo tempo para acontecer.

Personagens da Guerra do Paraguai e processos de herocização por meio da imprensa: dois estudos de caso

A Guerra do Paraguai constituiu um fenômeno histórico do qual adveio uma série de personalidades militares que viriam a ser guindados ao panteão dos denominados “heróis nacionais”, bem como de eventos que seriam demarcados como as consideradas “datas cívicas”. A construção desses processos de heroificação esteve fortemente ligada a tendências de fundo nacionalista e de fervor patriótico, elementos constitutivos que estiveram presentes em várias etapas da formação histórica brasileira.

Nesse sentido, “o herói da história deve simbolizar a nação, este valor intocável e ambíguo”³⁶. Os heróis surgem, assim, “não somente como símbolos conspícuos do Estado, mas como centros de responsabilidade, decisão e ação”³⁷. Os fatos vinculados a tais atos considerados históricos geraram “muitas datas” que se “transformaram em marcos comemorativos, criando-se rituais para que a sociedade

³⁶ MICELI, Paulo. *O mito do herói nacional*. 3.ed. São Paulo: Contexto, 1991. p. 12.

³⁷ HOOK, Sidney. *O herói na História*. Rio de Janeiro: Zahar, 1962. p. 12.

se envolva e participe de maneira específica do processo de rememoração”³⁸. A imprensa teria um papel essencial na difusão nessa ação de heroizar indivíduos, contribuindo decisivamente na busca pela perpetuação da mesma junto à memória social. Na cidade do Rio Grande, por significativo tempo uma das mais importantes do sul do Brasil, o jornalismo também agiu nesse sentido, como foi o caso da exaltação de dois personagens heroicizados, o almirante Tamandaré e o imperial marinheiro Marcílio Dias. Tal ação da imprensa rio-grandina consiste o objeto de estudo desta pesquisa³⁹.

O almirante Tamandaré: memória e heroificação

A imprensa, “como estrutura institucional”, constitui “um instrumento de difusão e expressão culturais”, cujo “valor instrumental” deve ser destacado

³⁸ BITTENCOURT, Circe. Introdução. In: BITTENCOURT, Circe (org.). *Dicionário de datas da História do Brasil*. São Paulo: Contexto, 2007. p. 12.

³⁹ Texto elaborado a partir da adaptação de: ALVES, Francisco das Neves. *Almirante Joaquim Marques Lisboa – o bicentenário do Marquês de Tamandaré: história & memória*. Rio Grande: Marinha do Brasil; 5º Distrito Naval; Faculdades Atlântico Sul; Anhanguera Educacional, 2007. p. 105-148; e ALVES, Francisco das Neves. *Batalha Naval do Riachuelo: breve estudo acerca de sua contextualização e de sua incorporação ao cenário da heroificação nacional*. In: ALVES, Francisco das Neves (org.) *Batalha Nacional do Riachuelo: a guerra em versos*. Porto Alegre: Casalettras, 2019. p. 15-25.

com primazia, pois “traz à mente a presença de um conjunto de elementos produtores de diversas consequências intelectuais e espirituais”. Ela é “uma instituição de controle social e de comunicação coletiva, de força política e social”, fazendo parte “dos meios de comunicação de massa, das técnicas de difusão e dos meios de expressão”⁴⁰. Progressivamente, os jornais passaram a representar fundamental papel como documento de reconstrução política, econômica, social, cultural e ideológica da vida em sociedade, avultando sua relevância quando se trata dos estudos de cunho histórico. Aos poucos, os historiadores perderam os preconceitos contra a imprensa, antes considerada uma documentação tendenciosa, de modo que há considerável tempo passaram a ser cada vez mais intensas as pesquisas que utilizam o jornalismo como fonte e como objeto de trabalho.

As atividades jornalísticas iriam passar por várias etapas de avanço ao longo da história da humanidade, com ênfase para o denominado mundo ocidental, de modo que, apesar das várias iniciativas que constituíram verdadeiros antecedentes, a imprensa escrita ganharia espaço irretorquível junto às sociedades europeias a partir dos processos revolucionários que se desencadearam desde o final do século XVIII até a metade da centúria seguinte. Esse avanço do jornalismo europeu iria encontrar eco em várias partes do mundo, notadamente na América, onde teria participação significativa na divulgação dos ideais emancipacionistas

⁴⁰ TRASMONTE, Baldomero Cores. Imprensa. In: SILVA, Benedicto (coord.). *Dicionário de Ciências Sociais*. 2. ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1987. p. 579.

que redundariam na formação dos Estados Nacionais americanos. A América Portuguesa não ficaria imune a essa expansão. A partir dos primórdios do século XIX, os jornais encontrariam vasto terreno para proliferar no contexto brasileiro, contribuindo decisivamente no desencadear dos fatores motores da independência política.

No Brasil, a imprensa escrita passaria por várias fases em sua evolução, desde a etapa inicial, em que pequenas folhas divulgavam os ideais colonizadores e os emancipacionistas, passando pelos jornais que discutiam a política à extenuação, mormente à época das crises do I Reinado e da época regencial, perpassando ainda ao crescimento e diversificação das lides jornalísticas ao longo do II Reinado e dos primórdios da República, chegando à gênese da imprensa empresarial, desde os anos trinta do século XX, e, com o passar das décadas, culminando com a denominada grande imprensa, representante dos meios de comunicação de massa que, até a atualidade, figura ao lado do jornalismo eletrônico. O Rio Grande do Sul constituiria representante fiel de cada uma dessas etapas de evolução, não diferindo nesse processo a cidade do Rio Grande, cuja imprensa, por muito tempo, foi uma das mais importantes entre as praticadas em termos provinciais/estaduais.

Entre os jornais mais longevos da cidade do Rio Grande, destacaram-se aqueles criados ainda no século XIX, como o *Diário do Rio Grande* (1848-1910), cuja principal característica, apesar de manifesta simpatia pelas greis partidárias, foi a busca de um primado da notícia como norte editorial, e o *Echo do Sul* (1858-1934), que chegou a ser conhecido como o decano do jornalismo rio-grandino, caracterizando-se

essencialmente pelos seus vínculos partidários primeiramente aos conservadores, durante o Império, e depois aos federalistas, na maior parte da República, e, já na centúria seguinte, buscaria manter uma postura de independência em relação à política. No século XX, circulariam ainda no Rio Grande *O Tempo* (1906-1960) e o *Rio Grande* (1913-1994), igualmente longevos, o primeiro preocupado principalmente com a transcrição noticiosa, com forte vínculo às questões locais, e circunstanciais aproximações partidárias e o segundo, primeiramente como órgão de partido, até mais contemporaneamente abandonar os vínculos partidários e buscar seguir os destinos do jornalismo independente. Finalmente surgiria o *Agora*, em 1975, com o intento de acompanhar, dentro de seus limites, as evoluções do moderno jornalismo empresarial.

Nos periódicos rio-grandinos, a edificação do Almirante Tamandaré como personagem histórico encontraria uma caixa de ressonância das mais consideráveis. Essas publicações periódicas constituiriam fundamental meio de difusão da temática envolvendo a vida de Joaquim Marques Lisboa e da própria consolidação do dia 13 de dezembro, como data de celebração de Tamandaré e do Marinheiro, contribuindo decisivamente para que esse tema viesse a encontrar seu lugar no cerne de uma memória social⁴¹ rio-grandina, sul-rio-grandense e brasileira, com a abordagem de uma ação estendida entre o primeiro

⁴¹ DUARTE, Luiz Fernando Dias. Memória social. In: SILVA, Benedicto (coord.). *Dicionário de Ciências Sociais*. 2.ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1987. p. 740-741.

centenário de nascimento do personagem e os primórdios do século XXI.

A construção de uma identidade na figura histórica do Almirante Tamandaré a partir da imprensa seria um processo de paulatina afirmação. Esse fenômeno teria um ponto significativo por ocasião do centenário do nascimento de Joaquim Marques Lisboa, no início do século XX. Os jornais rio-grandinos existentes à época ressaltaram a efeméride, como foi o caso do *Echo do Sul*, o qual anunciava que no dia seguinte se passaria “o primeiro centenário do nascimento do ínclito Almirante Marquês de Tamandaré, considerado como uma glória imperecível da Marinha Nacional e orgulho das gerações brasileiras”. Segundo o jornal, “para solenizar a data” que relembrava “o primeiro dia de vida de um patriota exemplar, bravo entre os bravos, a quem o Brasil tanto” estaria a dever, de modo que seriam celebrados “solenes atos religiosos em intenção da alma do benemérito compatriota extinto”, os quais teriam “lugar na igreja Matriz, devendo erguer-se no centro da nave do mesmo templo alteroso catafalco”, junto ao qual haveria responso. O periódico complementava a notícia convidando “a população do Rio Grande a assistir àquelas cerimônias, associando-se assim à merecida homenagem” que se tributava “a um rio-grandense notável, cheio de serviço à nação e digno entre os dignos”⁴².

Aquele jornal que se considerava o decano da imprensa rio-grandina ainda publicaria extensa coluna na qual descrevia a biografia do Marquês de Tamandaré,

⁴² *Echo do Sul*. Rio Grande, 12 dez. 1907, p. 3.

com amplo destaque para o salvamento dos navios *Ocean Monarch* e *Vasco da Gama*, bem como para a origem do nome de seu título nobiliárquico, encerrando a matéria ao divulgar que “na Igreja Matriz” realizara-se a anunciada “missa em homenagem ao bravo almirante brasileiro, filho do Rio Grande do Sul”, a qual fora “bastante concorrida por admiradores do famoso marinheiro”⁴³. O recentemente criado *O Tempo* também prestaria homenagem ao centenário do “Velho Marinheiro”, lastimando a até então ausência de manifestações sobre o acontecimento. A folha demarcava que já houvera quem assinalasse “com justa mágoa não haver em nossa terra o culto dos grandes homens”, de modo que “o esquecimento ficava sendo a recompensa aos serviços dos que os prestaram à Pátria, com o sangue ou com a inteligência”, complementando que “esta grande verdade vinha à memória, a propósito do centenário de um herói rio-grandense, para a comemoração do qual não se sabia ainda de movimento algum”⁴⁴. Esta apontada carência de manifestações ao que parece advinha ainda das posições políticas adotadas pelo Almirante Tamandaré ao final de sua vida, mantendo-se solidário à forma monárquica de governo.

Ao protestar contra aquela até então ausência de comemorações, *O Tempo* explicava se referir ao “glorioso Almirante Joaquim Marques Lisboa, Marquês de Tamandaré”, destacando que aquele que um dia perlustrara a história brasileira “conhecera os feitos de denodado marinheiro”, o qual “tratava-se de um homem

⁴³ *Echo do Sul*. Rio Grande, 13 dez. 1907, p. 1.

⁴⁴ *O Tempo*. Rio Grande, 2 dez. 1907, p. 2.

verdadeiramente notável pelas suas qualidades extraordinárias, cuja memória tornou-se credora de culto que a gratidão nacional deve aos seus heróis”. O jornal assinalava o patriotismo do personagem em destaque, ressaltando que o mesmo tinha o “direito à consagração de seus pósteros”, de modo que “o centenário natalício de um brasileiro, de um rio-grandense dessa estirpe”, não poderia “passar despercebido”, sendo “preciso que alguma coisa se fizesse para comemorá-lo”, mesmo que ficasse “essa comemoração muitíssimo aquém da dívida do civismo”. A publicação rio-grandina apelava às autoridades públicas que tomassem providências naquele sentido, “uma vez que a vida deste grande homem é a história da marinha brasileira”, propondo-se a deixar esta ideia, “pelo muito que merecia a memória dos grandes vultos” e ficando na expectativa que se as mesmas fossem consideradas “pelo fulgurante nome que sugeria”⁴⁵. Por ocasião da data do aniversário natalício de Marques Lisboa, o periódico rio-grandino fazia nova alusão ao mesmo, apontando detalhes da vida do militar, com destaque para a origem de sua ação naval e para as ações de salvamento do *Ocean Monarch* e do *Vasco da Gama*, uma vez que, segundo a folha, “o glorioso Almirante, cuja biografia, cheia de lances heróicos, de atos de nobre valor e acendrado patriotismo”, abrangia “a história da Marinha no Brasil desde a independência”, merecia “ser lembrado para que os seus conterrâneos conhecessem como o ilustre rio-grandense” conquistara os títulos que o colocavam “nas culminâncias da hierarquia nobiliárquica do

⁴⁵ *O Tempo*. Rio Grande, 2 dez. 1907, p. 2.

passado regime”⁴⁶. Um dos mais tradicionais jornais rio-grandinos, o *Diário do Rio Grande*, já se encontrava em plena decadência e estava prestes a desaparecer nos primórdios do século XX. Com um ano de defasagem, também destacou o centenário de Joaquim Marques Lisboa, detalhando que se completavam cento e um anos que nascera “o bravo Almirante Tamandaré, cuja vida” constituía “uma das mais legítimas glórias da Marinha” e citando alguns dos episódios de sua vida, concluindo que sua progressão nos postos militares era resultado dos seus “serviços prestados à Pátria”⁴⁷.

A edificação da figura de Tamandaré junto à memória coletiva ganharia corpo a partir da consagração do 13 de Dezembro como Dia do Marinheiro. Esse intento ficava bem expresso no texto do Aviso de 4 de setembro de 1925⁴⁸ que determinava a “data aniversária do Almirante Tamandaré” como “o Dia do Marinheiro”, justificando-se que o “Marquês de Tamandaré representava na história naval brasileira a figura de maior destaque entre os ilustres oficiais de Marinha que honraram e elevaram a sua classe”, pois, “Voluntário fora formar e combater nas hostes dos verdadeiros patriotas que, ao brado do Ipiranga, acorreram à obra ingente da Independência”, além do que “a sua vida fora um exemplo, um padrão de glória, e constitui um dos maiores patrimônios da Armada Nacional”. Dizia ainda o Aviso que, “de simples praticante de piloto no mais

⁴⁶ *O Tempo*. Rio Grande, 13 dez. 1907, p. 1.

⁴⁷ *Diário do Rio Grande*. Rio Grande, 13 dez. 1908, p. 1.

⁴⁸ Citado por BOITEUX, Henrique. *O Marquês de Tamandaré: um indígene brasileiro*. Rio de Janeiro: Zélio Valverde, 1943. p. 572-573.

alto cruzheiro da Marinha libertadora, através de imensos riscos e homéricos episódios, até Comandante-em-Chefe das Forças Navais Brasileiras em operações contra a ditadura paraguaia” e “de humilde candidato à Academia de Marinha, já amparado pelas elogiosas referências de chefes, com John Taylor, até Almirante, cujos bordados a sua espada conquistou em pelejas porfiadas”, bem como “de obscuro Tenente da Armada Imperial, partira valoroso e entusiasta para a luta da Cisplatina, até nobre Marquês e alto dignitário da Corte de maneira tão tradicionalmente simples que o apontaram como o mais democrático titular da fidalguia indígena”, de modo que, “em todos os postos e comissões, em todos os atos e atitudes, provou de forma iniludível o acerto da profecia de Lord Cochrane, quando vaticinava, no Aspirante, o futuro Nelson da Marinha Brasileira”.

Segundo o Aviso, o Dia do Marinheiro seria “também, o ‘Dia de Tamandaré’”, servindo “para as demonstrações do civismo de nossos marujos, de seus propósitos firmes de defesa da Pátria, de amor à bandeira, de culto pelas nossas honrosas tradições, e de confiança nas origens serenas da raça, capazes de manter sempre grandioso o progresso crescente da nacionalidade”. Determinava ainda que nesse dia deveria “a Marinha render ao insigne Tamandaré as homenagens reclamadas pelos seus inestimáveis serviços à liberdade e união dos brasileiros, demonstrando que o seu nome e seu exemplo” continuavam “bem vívidos no coração de quantos sabem honrar a impoluta e gloriosa farda da Marinha Nacional”. Ainda conforme o mesmo Aviso, os oficiais e suboficiais, inferiores e praças deveriam “envidar todos

os esforços para o maior brilhantismo nas festividades desse dia, procurando transmitir-lhes a feição propriamente náutica”, tendo em vista que “o insigne Almirante nunca deixara, em qualquer circunstância, de ser marinheiro na acepção lata do vocábulo, amando o mar e tudo quanto a ele se refere”. Ficava disposto que “nos navios, corpos e estabelecimentos navais, o dia 13 de dezembro” seria “inteiramente dedicado a essa comemoração”, na qual deveria ter “parte saliente o marinheiro em geral”. Nesse sentido, o espírito norteador da efeméride ficaria justificado a partir dos “feitos” de Tamandaré, o qual se tornaria o Patrono da Marinha, tendo em vista que, “marinheiro intrépido”, escrevera “páginas imperecíveis de bravura, heroísmo, tenacidade, patriotismo e capacidade”⁴⁹. Progressivamente, as comemorações oriundas daquela determinação de 1925 criariam raízes junto à sociedade brasileira como um todo e não só no meio militar.

Assim, as festividades do 13 de Dezembro encontrariam lugar de destaque na páginas dos jornais, caso do *Rio Grande*, ao dizer que o Brasil estava comemorando, “pela primeira vez, uma alta instituição de puro e alto civismo – o Dia do Marinheiro”, o qual fora “marcado em 13 de dezembro porque foi esse o dia em que, em 1807, nasceu Joaquim Marques Lisboa, Marquês de Tamandaré, a glória maior da gloriosa história naval do Brasil”. Naquela data, “sendo o dia do nascimento de Tamandaré, o primeiro marinheiro brasileiro, deveria haver nesta cidade as mais carinhosas, as mais expressivas comemorações”, uma vez que era a

⁴⁹ ANDRÉA, Júlio. *A Marinha Brasileira: florões de glórias e de epopeias memoráveis*. Rio de Janeiro: C. Mendes Jr., 1955. p. 120.

urbe “o primeiro porto e o único oceânico do Rio Grande do Sul, berço de tantos heróis”, portanto o jornal *Rio Grande* já ressaltava as novas interpretações de historiadores que vinham reconhecendo o Rio Grande como lugar de nascimento do homenageado⁵⁰. O *Echo do Sul* acompanharia o enaltecimento à efeméride, ao dizer que se consagraria aquele dia “ao marinheiro, elemento de defesa inteligente e consciente pela Pátria”, representado “na figura histórica, altamente dominadora, de Joaquim Marques Lisboa, Almirante patricio, nascido neste Estado”, mas insistia ainda na tese de que o local de nascimento seria a “fronteira Vila de S. José do Norte”, aplaudindo “esse vulto notabilíssimo da nossa história” e descrevendo as comemorações a ocorrer no Rio de Janeiro⁵¹. O *Tempo*, por sua vez, informava os acontecimentos que marcariam as festividades referentes ao “Dia do Marinheiro brasileiro, a data natalícia do Almirante Tamandaré”⁵².

Na perspectiva da imprensa, paulatinamente o 13 de Dezembro viria a ser incorporado ao rol das datas cívicas nacionais. Em pequena nota, o mais antigo jornal rio-grandino lembrava que no dia seguinte, data do nascimento “do invicto almirante Tamandaré”, comemorava-se em todo o território nacional o Dia do Marinheiro, de modo que saudava “antecipada e efetivamente a brava maruja Brasileira”⁵³. A partir dos anos 30, da formação da “República Nova” e do avanço

⁵⁰ *Rio Grande*. Rio Grande, 12 dez. 1925, p. 2.

⁵¹ *Echo do Sul*. Rio Grande, 12 dez. 1925, p. 3.

⁵² *O Tempo*. Rio Grande, 12 dez. 1925, p. 3.

⁵³ *Echo do Sul*. Rio Grande, 12 dez. 1928, p. 1.

do nacionalismo como pressuposto legitimador da nova ordem nacional, o Dia do Marinheiro, associado à evocação do Almirante Marques Lisboa passaria por um processo de consolidação. O jornal *Rio Grande* seria, entre os periódicos rio-grandinos e rio-grandenses, aquele que mais regularmente iria demarcar o Dia do Marinheiro, ressaltando o papel deste que, “como o soldado, como o operário, como o lavrador”, representava “uma força modesta mas fecunda e digna do progresso social, que se fazia grande e nobre no harmonioso conjunto das forças vivas” que elaboravam “a grandeza e a felicidade da Pátria”. Demonstrando que a tese do nascimento de Tamandaré na cidade do Rio Grande já ganhava corpo, a folha explicava que esta cidade tinha mais um “motivo de simpatia pela data consagrada ao marinheiro brasileiro”, pois fora ela que dera “ao mundo, nesse dia de 1807, destinando-o assim ao fim a que era consagrado, a figura imortal de Joaquim Marques Lisboa, o grande Almirante do Brasil”⁵⁴.

As solenidades do 13 de Dezembro passavam a ser cada vez mais difundidas, não só nos meios militares. O *Tempo*, ainda no início dos anos 30, noticiava a celebração de uma missa na Igreja Matriz, “com responso por alma do bravo almirante marquês de Tamandaré, em homenagem ao centenário natalício daquele herói”⁵⁵. Na mesma época, dizia o *Rio Grande* que a vida do Almirante fizera parte do cotidiano rio-grandino: “no dia 13 de dezembro de 1807, nesta cidade, ali à rua que seu pai, Francisco Marques Lisboa, deu nome, esquina da rua Marechal Floriano”, nascera

⁵⁴ *Rio Grande*. Rio Grande, 13 dez. 1932, p. 2.

⁵⁵ *O Tempo*. Rio Grande, 13 dez. 1933, p. 1.

“Joaquim Marques Lisboa, o Marquês de Tamandaré, o maior almirante brasileiro”, e aquela data passara a ser “consagrada, no Brasil, como o Dia do Marinheiro”. De acordo com o jornal, “a cidade marítima do Estado, que foi o berço natal de Tamandaré, o maior Almirante, não deixaria passar despercebida a data”, que constituía “alvo imediato para as suas expansões de júbilo cívico”⁵⁶. Quase dez anos depois do Aviso de 1925, a imprensa aplaudia a escolha daquela data para ser o Dia do Marinheiro, já que a história brasileira não continha “outro mais genuinamente representativo do marinheiro nacional”, descrevendo a ação de Joaquim Marques Lisboa desde o início de sua “carreira naval com as lutas da independência”, prestando “assinalados serviços no agitado período revolucionário que o Brasil então atravessou, e o domínio do mar permitiu ao governo central debelar todas as revoltas”, por ocasião das guerras “contra o governo do Uruguai, e depois contra o ditador Solano Lopez, sagrando-se herói”, chegando ao advento da República, quando, “obediente à disciplina, apresentou-se ao novo governo, afirmando porém a sua fé monárquica e a sua afeição ao imperador decaído”, quando então se afastou do serviço até a sua morte⁵⁷.

O jornal *Rio Grande* insistia na tese do nascimento de Tamandaré na cidade portuária rio-grandense e dedicava algumas linhas à biografia do Almirante, um “dos primeiros marinheiros brasileiros”, que viria a ser, através de “uma carreira longa e magnífica, de trabalho e honra, de triunfos e glórias, o maior Almirante do Brasil”, e deixara com sua existência “uma síntese

⁵⁶ *Rio Grande*. Rio Grande, 13 dez. 1933, p. 2.

⁵⁷ *O Tempo*. Rio Grande, 13 dez. 1934, p. 2.

esplêndida da própria história da Marinha Nacional, da Independência à República". Para o periódico, a criação do Dia do Marinheiro significava um "testemunho do afeto cívico do Brasil aos dignos servidores da sua defesa naval", escolhendo-se, "para tal, com justiça absoluta, o dia 13 de dezembro, data do nascimento do Marquês de Tamandaré", uma vez que, com este, nascera "o marinheiro brasileiro", desdobrando-se depois "em almirantes ilustres, em oficiais de raro brilho e valimento, em milhares de marujos de bravura invencida"⁵⁸. O jornal noticiaria os vários acontecimentos que demarcavam o 13 de Dezembro no âmbito da cidade do Rio Grande, que, por "ser o porto marítimo do Rio Grande do Sul, e porto extremo da costa sul do país", tinha "maior contato com a Marinha Nacional", não esquecendo que era "o berço natal de Tamandaré, o maior Almirante e o maior marinheiro da Armada Brasileira", portanto não deixaria passar aquela data "sem manifestar o seu apreço cívico às Forças Navais da Nação"⁵⁹.

Quando o estabelecimento do Dia do Marinheiro completava uma década, mais uma vez eram apontados alguns detalhes da biografia do Almirante Marques Lisboa, destacando-se que jamais houvera "figura de maior projeção na história da gloriosa Marinha de Guerra Brasileira, pela sua bravura pessoal, virtudes cívicas e sentimentos patrióticos". Lembravam-se as comemorações da elevação do Rio Grande à categoria de cidade, demarcando-se que o personagem rio-grandino não teria sido esquecido por ocasião da efeméride, uma

⁵⁸ *Rio Grande*. Rio Grande, 12 dez. 1934, p. 1.

⁵⁹ *Rio Grande*. Rio Grande, 14 dez. 1934, p. 1.

vez que as autoridades públicas mandaram colocar uma placa comemorativa ao seu nascimento no local onde viera ao mundo. Explicava-se que o dia 13 de Dezembro assinalara “o nascimento do primeiro marujo brasileiro”, o qual se fizera “o maior Almirante do Brasil”, merecendo, portanto, “as homenagens do apreço e da solidariedade cívica”. Buscando ressaltar a inspiração da data, a imprensa fazia referência aos acontecimentos da Intentona Comunista ocorrida naquele ano: “na hora dolorosa e inquieta por que a Nação” acabara de passar, “assaltada pela brutal investida comunista, o marinheiro nacional” promovera “magnífico exemplo de disciplina e patriotismo, mantendo-se sereno e resolutos na defesa do regime, no serviço da Pátria”, de modo que em todos os tempos seria aquela a “atitude digna”, ou seja, “o melhor elogio do marinheiro pátrio”⁶⁰, buscando marcar junto à memória social o papel dos militares na manutenção da ordem estabelecida.

No ano seguinte, o jornal *O Tempo* limitava-se a publicar pequena nota intitulada “Efeméride”, na qual destacava a data natalícia do Marquês de Tamandaré, insistindo na questão do seu nascimento “na fronteira Vila de S. José do Norte”⁶¹. Já o *Rio Grande* informava que se estava a comemorar o Dia do Marinheiro, data considerada como “a consagração da Pátria Brasileira” àquele “eficiente cooperador da sua grandeza, como operário modesto, na paz, e soldado glorioso, na guerra”, data do aniversário natalício daquele que quisera e soubera “fazer-se, pelo seu acendrado patriotismo, de primeiro marinheiro no Brasil, no maior

⁶⁰ *Rio Grande*. Rio Grande, 13 dez. 1935, p. 1.

⁶¹ *O Tempo*. Rio Grande, 13 dez. 1936, p. 3.

almirante da Pátria”. Esse jornal, por sua vez, afirmava a certeza do nascimento de Tamandaré na cidade do Rio Grande, lembrando inclusive seu endereço original, e que essa circunstância e “a própria condição de cidade marítima, que tem o Rio Grande”, bastariam “para despertar as simpatias do nosso povo pelas coisas da Marinha Nacional”, bem como para “explicar a ufanía cívica com que a cidade” via “passar o Dia do Marinheiro do Brasil”⁶².

A partir do final de 1937 se daria a culminância da centralização político-administrativa que já se desenvolvera nos primeiros anos do pós-Revolução de 1930 e desde as consequências advindas da rebeldia de 1935, com o estabelecimento da ditadura do Estado Novo. O contexto internacional era conturbado e se prenunciava um novo conflito bélico em escala mundial, num quadro de revalorização do papel dos militares e de ideais em torno do nacionalismo, conjuntura propícia ao destaque de personagens históricos brasileiros, entre eles o Almirante Tamandaré. De acordo com esta perspectiva, o periódico *Rio Grande* comentava que, “no seu justo afã de homenagear aqueles cuja ação diretamente se relacionava com o bem da Pátria e da coletividade nacional, o Governo da República reservara o dia 13 de dezembro” para a “consagração do Marinheiro”, e que a escolha dessa data amparava-se, “com muita justiça, no fato de ser o dia que demarcava o nascimento” de um dos nomes “mais fulgurantes” e que aclarava “as páginas rutilantes da História Pátria Brasileira”. O jornal voltava a enfatizar que o Rio Grande era o torrão natal de Marques Lisboa, bem como

⁶² *Rio Grande*. Rio Grande, 12 dez. 1936, p. 2.

reforçava a ideia de que o Dia do Marinheiro para os rio-grandinos teria dupla significação, pois propiciava ensejo a que, a um só tempo, se prestasse “o culto sincero da reverência ao Marinheiro, como fator esforçado das glórias, e a um conterrâneo que, pelo seu alto valor, como espírito e como homem, como operário da História e, assim, como o irmão de lutas”, revelara “sempre o valor incontestável da raça em triunfante formação”⁶³.

Ainda por ocasião das comemorações do 13 de Dezembro de 1938, *O Tempo* chamava a atenção para a data, passando a incorporar a suas convicções a premissa de que Tamandaré nascera na cidade do Rio Grande, comentando que aquele dia era “consagrado ao Marinheiro”, tendo em vista demarcar o nascimento do “intrépido almirante, nosso conterrâneo”, estabelecendo-se assim uma homenagem ao “valeroso almirante”, que fulgia “nas páginas da História como magnífico exemplo de bravura e honestidade”, de modo que aquela data seria “motivo de orgulho para os homens do mar”⁶⁴.

Em dezembro de 1939, o jornal *Rio Grande* divulgava extensa biografia do “Nelson Brasileiro”, concluindo que a “sua vida foi a encarnação perfeita da disciplina, da honra e do dever”, de modo que “vultos como o de Tamandaré dignificam uma classe e glorificam uma Nação”, uma vez que ele “nunca se afastou do evangelho do dever, nunca traiu o juramento prestado, nunca pugnou por outra causa que não fosse a de prestigiar as instituições de sua Pátria”, e ainda teve “a disciplina e o preparo técnico-profissional da Marinha

⁶³ *Rio Grande*. Rio Grande, 12 dez. 1938, p. 2.

⁶⁴ *O Tempo*. Rio Grande, 13 dez. 1938, p. 12.

para a defesa do Brasil” como “pedra basilar de suas aspirações”. A questão da lição de vida emanada a partir do personagem também era evidenciada no periódico: “na simplicidade desta homenagem, vai resumido o que foi a ação gloriosa de Tamandaré”, cujas vivências constituiriam “um livro aberto onde a mocidade” poderia “haurir os melhores exemplos de bravura, de caráter, de desprendimento, de honra, devotamento incomparável à causa do Brasil”, diante do que restaria aos brasileiros, naquele dia, “render as homenagens de reconhecimento cívico e da estima patriótica ao marinheiro brasileiro”⁶⁵.

O mundo vivia a II Guerra Mundial e a glorificação dos antepassados passava a ser recorrente na voz dos jornais, como ao afirmar-se que o 13 de Dezembro era “consagrado ao Marinheiro, sendo, consequentemente, de grande júbilo” para os brasileiros, “por ser festivo na gloriosa Armada Nacional”⁶⁶. Em 1941, *O Tempo* restringia-se a publicar brevíssima nota lembrando o Dia do Marinheiro⁶⁷, ao passo que o *Rio Grande* fazia significativa relação entre a efeméride e o clima de conflagração que afligia o contexto mundial. Já na manchete, estampava: “Nesta hora extremamente grave, em que todos os brasileiros reúnem-se, acima de todas as preferências e todas as crenças ideológicas, em torno dos poderes constituídos, ao serviço da Nação, o Marinheiro do Brasil não pode ficar à margem das manifestações fraternais da solidariedade cívica do povo brasileiro”. Mais uma vez eram ressaltados dados

⁶⁵ *Rio Grande*. Rio Grande, 13 dez.1939, p. 1-2.

⁶⁶ *Rio Grande*. Rio Grande, 13 dez. 1940, p. 2.

⁶⁷ *O Tempo*. Rio Grande, 13 dez. 1941, p. 1.

biográficos do Almirante Tamandaré e dado amplo destaque à sua “vida edificante, esmaltada das mais nobres virtudes e iluminada de bravura e de patriotismo inextinguíveis, valendo a sua fé de ofício por verdadeiro resumo da história naval do Brasil”⁶⁸.

No ano seguinte, o *Rio Grande* repetia quase literalmente a exortação feita no Dia do Marinheiro anterior, mais uma vez demarcando as preocupações com os riscos da guerra⁶⁹. Na mesma ocasião, ao noticiar as festividades em torno da data, dizia o jornal que constituía “uma brilhante demonstração de civismo a homenagem prestada ontem a Joaquim Marques Lisboa, o bravo Marquês de Tamandaré, por motivo do

⁶⁸ *Rio Grande*. Rio Grande, 12 dez. 1941, p. 1. Ainda sobre o contexto bélico de então e suas relações com a data comemorativa, afirmava o jornal, complementando a manchete: “Passará, pois, na data de amanhã, o Dia do Marinheiro Brasileiro, elemento dos mais preciosos, em todos os tempos, da organização da Defesa Nacional, e nunca esquecido, por isto mesmo, daqueles que sincera e honestamente procuram cooperar na obra patriótica da Defesa Nacional, e nunca desapoiado da estima, do respeito e da admiração do povo brasileiro. Principalmente nesta hora extremamente grave, em que todos os brasileiros de alma sincera e de consciência honesta, militares e civis, reúnem-se acima de todas as preferências e todas as crenças ideológicas, em torno dos poderes constituídos, para a eventual defesa da integridade e da soberania nacionais, tanto quanto da ordem e da economia interna da Nação, que correm a sorte do próprio Continente Americano, traído e agredido, o marinheiro do Brasil não pode ficar à margem das manifestações fraternais da solidariedade cívica do povo brasileiro”.

⁶⁹ *Rio Grande*. Rio Grande, 12 dez. 1942, p. 1.

transcurso de mais um ano de seu nascimento, nesta cidade”, bem como relatava alguns dos principais atos comemorativos que tiveram lugar na comuna portuária⁷⁰. Também descrevendo as festividades, *O Tempo* destacava que se revestira “da mais condigna e notável festividade, nesta cidade, quer pelo povo como pelas Forças Armadas da guarnição, a passagem do Dia do Marinheiro comemorado nos quartéis e nos estabelecimentos de ensino”⁷¹.

A efetiva participação do Brasil na II Guerra contra as forças do Eixo propiciava aos jornais um posicionamento mais efetivo quanto ao embate bélico mundial, de modo que, mais uma vez, a efeméride do 13 de Dezembro servia para renovar o espírito de enfrentamento contra o inimigo externo em comum. De acordo com essa perspectiva, afirmava o *Rio Grande* que se estava a celebrar, “em todo o território nacional, o Dia do Marinheiro”, e “a brava Marinha Brasileira, que de tantas glórias se cobriu, quando da guerra contra o Paraguai, e que, presentemente, continua a honrar as nossas tradições, vigiando, diuturna e atentamente, as nossas costas, como medida de precaução ante o constante perigo que nos ameaça por parte dos piratas nazistas”, seria, “por sem dúvida alguma, altamente homenageada de norte a sul, como de inteira justiça era merecedora”. Diante das homenagens à Marinha, o periódico não deixava de também reverenciar a figura de Tamandaré⁷². Na mesma linha, *O Tempo* buscava

⁷⁰ *Rio Grande*. Rio Grande, 14 dez. 1942, p. 1.

⁷¹ *O Tempo*. Rio Grande, 15 dez. 1942, p. 1.

⁷² *Rio Grande*. Rio Grande, 13 dez. 1943, p. 1.

evidenciar breve biografia e historiava a gênese do Dia do Marinheiro⁷³.

Tradicionalmente preocupado em divulgar matérias de natureza histórica, o *Rio Grande* possuía uma perene coluna intitulada “Fatos e coisas de antanho”, destinada essencialmente a reviver acontecimentos do passado da cidade. Numa delas, a data lembrada era o 13 de Dezembro, para o que o jornal aproveitava a ocasião para enaltecer o Almirante Tamandaré, assim como reforçar, inclusive com a citação de documentos, a questão da cidade do Rio Grande como local de nascimento de Marques Lisboa⁷⁴. O ano seguinte seria marcado pelo desfecho da II Guerra Mundial, com a vitória dos aliados, que traria consequências indelévels para a formação histórica brasileira, com a desintegração da ditadura estado-novista e os primeiros passos em direção a um processo de redemocratização.

A conjuntura então vivida não ficaria esquecida por ocasião das comemorações do 13 de Dezembro, caso da matéria que destacava que o Brasil estava a celebrar o Dia do Marinheiro, num quadro pelo qual, “em todos os quadrantes da Terra de Santa Cruz” a alma nacional haveria “de se curvar genuflecta diante do Altar da Pátria e queimar o incenso do mais puro júbilo cívico numa homenagem sincera aos bravos marinheiros do Brasil, heroicos continuadores das glórias” do passado. No “pavoroso conflito armado” em que haviam se empenhado “as forças democráticas, pela sobrevivência dos povos livres de todo o mundo, a Armada Brasileira” cumprira “com incedível galhardia a sua tarefa e

⁷³ *O Tempo*. Rio Grande, 14 dez. 1943, p. 1.

⁷⁴ *Rio Grande*. Rio Grande, 13 dez. 1944, p. 1.

conquistara para si, sem favor algum, a glória de fator preponderante na vitória final das forças da Liberdade, do Bem e da Justiça”. O especial significado da data comemorativa para o Rio Grande e a descrição das principais solenidades também foram destaque nas páginas da imprensa⁷⁵.

A redemocratização nacional se afirmaria a partir de 1946 e a recente vitória sobre o Eixo continuava sendo alvo de enaltecimento do nacionalismo no Brasil. O Dia do Marinheiro seria incluído nesse processo, na figura do Marquês de Tamandaré, descrito como “filho ilustre desta terra”, cuja existência fora “toda um hino de bravura cívica e de acendrado amor à liberdade, e o seu boníssimo coração” revelava “no imortal e grande marinheiro a plenitude das virtudes morais que exaltam e distinguem a gente brasileira”. Destacava ainda a imprensa que, “no transcurso de tão soberba data, a Pátria” reafirmava “a sua gratidão aos bravos defensores da integridade de nossos mares, legião de heróis que ainda há pouco escreveram páginas de verdadeiro estoicismo desagravando a honra nacional, quando a pirataria nazista tentava estender até a América a baba peçonhenta do seu totalitarismo agressor”⁷⁶.

A base discursiva permaneceria bem próxima no ano seguinte, quando o 13 de Dezembro serviria para relembrar o combate aos modelos autoritários, tanto na conjuntura internacional como até no caso brasileiro, afirmando-se que aquela data servia para relembrar “vultos imortais da História Pátria, que em rasgos de estoicismo admirável escreveram as mais belas páginas

⁷⁵ *Rio Grande*. Rio Grande, 12 dez. 1945, p. 1-2.

⁷⁶ *Rio Grande*. Rio Grande, 12 dez. 1946, p. 2.

de civismo, brasilidade e renúncia”. Destacava-se que a Marinha era uma “instituição predestinada, dentro da vida do Brasil como nação livre”, tendo sido “através de toda a sua história gloriosa um dos baluartes mais soberbos da integridade física e moral da Pátria comum”, num contexto pelo qual “esta função histórica da Marinha Brasileira” fora ainda há pouco “magnificamente reafirmada, por ocasião da Segunda Grande Guerra Mundial, quando os bravos marinheiros” brasileiros, “em todos os departamentos da hierarquia militar, garantiram nos mares da Pátria o triunfo final e decisivo das forças da Liberdade, congregadas contra a tirania e a opressão”⁷⁷.

A biografia e o enaltecimento ao Almirante Marques Lisboa seriam mais uma vez destacados nas referências ao 13 de Dezembro de 1948, apontando-se a “bravura” e o “patriotismo inextinguíveis” do personagem, que bem representaria o marinheiro brasileiro, considerado como “elemento dos mais preciosos, em todos os tempos, da organização da Defesa Nacional, e nunca esquecido, por isto mesmo, daqueles que sincera e honestamente procuram cooperar na obra patriótica da Defesa Nacional, e nunca desapoiado da estima, do respeito e da admiração do povo brasileiro”⁷⁸. A partir de 1949 se ampliariam as comemorações, referindo-se cada vez mais, não apenas a um Dia e sim a uma Semana do Marinheiro/da Marinha. A esse respeito manifestava-se o jornal *Rio Grande*, noticiando que iniciava “em todo o Brasil a Semana do Marinheiro, justa e merecida homenagem à

⁷⁷ *Rio Grande*. Rio Grande, 13 dez. 1947, p. 1.

⁷⁸ *Rio Grande*. Rio Grande, 13 dez. 1948, p. 1.

invicta Armada Nacional, cujas comemorações” culminariam com 13 de Dezembro. Segundo a folha, “escola de civismo, de bravura moral e de pátrio pundonor, a Marinha de Guerra do Brasil” bem merecia “a homenagem comovida do reconhecimento”, tendo em vista seu papel, “garantindo a integridade dos mares em todos os instantes da vida nacional” e tendo “escrito as mais belas páginas de heroísmo, renúncia e sacrifício”⁷⁹.

Por ocasião da Semana do Marinheiro de 1949, o *Rio Grande* noticiava os acontecimentos no Estado em homenagem à efeméride, lembrando a presença de navios na capital, em solenidades a que “o povo do Rio Grande” associava-se “com natural agrado”, uma vez que, “merecedores das mais eloquentes demonstrações de apreço, os veteranos marujos” teriam oportunidade “para viver horas de conforto cívico entre os irmãos do Sul, que se envaideciam de guardar o berço de seu imortal Patrono”⁸⁰. Passados dois anos, o destaque seria bem maior à data da Marinha Brasileira, de modo que efusivamente o *Rio Grande* anunciava que “terra e povo” estariam “ligados à invicta Marinha de Guerra do Brasil”, pois o Rio Grande preparava-se “para celebrar condignamente a Semana do Marinheiro”⁸¹. Houve mais uma vez amplo destaque para os apontamentos biográficos de Tamandaré, considerado como “o grande marinheiro, filho da terra legendária fundada pelo brigadeiro Silva Paes”, “um dos maiores vultos da nacionalidade” e “o indígite seguro e inviolável da

⁷⁹ *Rio Grande*. Rio Grande, 6 dez. 1949, p. 1.

⁸⁰ *Rio Grande*. Rio Grande, 14 dez. 1949, p. 1.

⁸¹ *Rio Grande*. Rio Grande, 7 dez. 1951, p. 1.

Marinha Brasileira”⁸². A descrição de várias das solenidades alusivas também fez parte da cobertura sobre o dia 13 de Dezembro⁸³.

⁸² *Rio Grande*. Rio Grande, 10 dez. 1951, p. 1. A coincidência de olhares sobre a Marinha, o Marinheiro e o Almirante a partir do 13 de Dezembro também ficava expressa nas palavras do jornal: “A Marinha detentora de brasões imortais; a Marinha que ostenta o cetro de ouro da Disciplina e da Honra e que foi a viga mestra da consolidação da Independência e da unidade do Brasil; a Marinha que já recebeu de Clio os galardões merecidos; a Marinha onde tudo é fidalguia, trabalho, abnegação, patriotismo, a Marinha com justa ufania se apresta para festejar o Dia do Marinheiro, em homenagem ao seu guia espiritual, o grande Tamandaré, na certeza de que os exemplos modelares do seu Patrono imortal a farão mais forte, coesa e disciplinada para as brilhantes conquistas do futuro; pois todos os brasileiros compreendem que somente uma Marinha possante e moderna poderá defender este gigante cobiçado que é o Brasil. Salve, Tamandaré! Em coro com a gloriosa Marinha, o teu povo, por cuja honra fizeste da tua vida um holocausto, o teu povo te saúda, com todo o ardor do seu patriotismo insuperável”. Na mesma linha, manifestava-se: “Todo o Brasil celebra amanhã o Dia do Marinheiro. É a homenagem emotiva da Pátria agradecida aos bravos soldados do mar, legião heroica que, no Império e na República, encheram de glória as páginas da nossa História. Participando ativamente dos lances épicos que, através dos tempos, exaltaram as armas nacionais, o Marujo do Brasil é bem a afirmação da bravura cívica e coragem moral da nossa gente, encarnação vigorosa dos mais nobres atributos da nossa raça. Na paz e na guerra, decisiva tem sido a contribuição do Marinheiro Nacional, para a grandeza maior dos destinos nacionais” (*Rio Grande*. Rio Grande, 12 dez. 1951, p. 1).

⁸³ *Rio Grande*. Rio Grande, 11 dez. 1951, p. 1

Também no ano de 1951, o jornal *O Tempo* encamparia a ideia da relação entre as efemérides do Marinheiro, da Marinha e de seu Patrono, enaltecendo a ação destes e buscando que servisse como ensinamento às gerações vindouras. Lembrava o jornal que o Dia do Marinheiro fora instituído a fim de que fosse “cultuada, em todo o Brasil, a memória sacrossanta de Tamandaré”, apontado como “o maior herói de nossos mares”, que dera ao Brasil “os mais edificantes exemplos de devotamento, de honra, de bravura e de patriotismo”. Segundo a folha, o Dia do Marinheiro era “o dia de Tamandaré”, pois este simbolizava a Marinha, através de “uma trajetória luminosa”, de uma “biografia tão bela e sugestiva”, que não encontraria “similar entre os grandes almirantes que pontificaram na História dos povos de grande poderio marítimo do mundo”⁸⁴.

Dando ênfase ao contexto local, o periódico destacava que Rio Grande, com a Semana da Marinha, demonstrara “o seu alto espírito de civismo, com as esplêndidas comemorações ao seu filho ilustre, que tanto dignificou a Pátria, simbolizando a Marinha de Guerra, gloriosa e altaneira do Brasil”, tendo em vista que não haveria “maior júbilo, por parte de um povo patriota e digno”, do que aquele em que eram exaltadas “as qualidades e os feitos dos que tudo fizeram no passado pela glória, honra e sobrevivência do Brasil”. Na perspectiva da publicação rio-grandina, Marques Lisboa tornara-se “digno da consagração da posteridade”, constituindo o “nume tutelar da Marinha e do Brasil”, de modo que “as brilhantes comemorações realizadas em sua cidade natal” teriam “o privilégio de despertar a

⁸⁴ *O Tempo*. Rio Grande, 13 dez. 1951, p. 1.

consciência cívica da nossa gente”, a fim de que ela visse “na Marinha a viga mestra da defesa do Brasil”. Concluía que “no poderio marítimo estava a grandeza e a felicidade dos povos”, sendo esta uma “lição da História”, pois seria necessário “incutir em nossa mocidade altiva, forte e valorosa o gosto e o senso pela vida do mar”, constituindo este “um imperativo categórico”, já que a Marinha era “uma escola moral e cívica, de honra e trabalho”, na qual devia ser visto um “símbolo da defesa da honra e da defesa imortal do Brasil”, elevando o país “a uma posição digna do seu passado de glórias”, um esteio da paz, do progresso, da justiça e da civilização”⁸⁵.

Parte das homenagens prestadas pela imprensa rio-grandina ao 13 de Dezembro, em 1952, deu-se por meio da transcrição da fala do Capitão dos Portos do Rio Grande do Sul, segundo o qual “o aniversário do nascimento do Almirante Marquês de Tamandaré” constituía “o ponto culminante da Semana da Marinha,

⁸⁵ *O Tempo*. Rio Grande, 13 dez. 1951, p. 1. O conteúdo de exortação pública do jornal persistia até o fechamento da matéria: “Sejamos dignos dos sacrifícios de todos os heróis da Marinha, os quais nos legaram uma Pátria livre, forte, respeitável e progressista. Elevemos com entusiasmo os nossos fastos navais, colaborando para que a Marinha de Guerra se situe em posição de relevo, a que tem direito, pelos serviços e sacrifícios pela causa sagrada do Brasil. Homenagear Tamandaré, Patrono dos soldados do mar, é um imperativo categórico de todos os bons patriotas, pois sua vida é um evangelho onde a mocidade poderá haurir os melhores exemplos de caráter, de bravura, de honra e devotamento incomparável à Pátria. Salve, Tamandaré, Patrono da gloriosa Marinha de Guerra!”.

que em todos os quadrantes da grande Pátria Brasileira” vinha sendo “condignamente festejada”, num quadro em que estas homenagens refletiam “com justiça a fidalga cidade marítima, torrão natal de tão valorosos e insignes marujos”⁸⁶. Afirmava em síntese que a “excelsa figura” do Patrono da Marinha vinha sendo “merecidamente estudada sob os seus mais variados aspectos”, de modo que “o menos avisado leitor da sua lendária vida” ficaria empolgado e sentiria “imediatamente a predestinação histórica do ilustre rio-grandino”, ficando ainda “impressionado pela singular carreira do insigne marinheiro”. Após alguns aportes biográficos, concluía que era grande “a responsabilidade da Marinha em ter por Patrono um vulto de tão excepcionais virtudes marinheiras, militares e cívicas”, em quem todos teriam “um exemplo a imitar”⁸⁷.

O jornal *Rio Grande*, por ocasião do 13 de Dezembro de 1953, manifestava sua intenção de constituir-se em propugnador dos interesses rio-grandinos, enfatizando que era a cidade litorânea o berço de Joaquim Marques Lisboa. Já no título da matéria, lembrava a abertura do estribilho do hino citadino, com a expressão “Terra de Tamandaré”. O periódico apontava que estavam iniciando “as comemorações anuais da Semana do Marinheiro, assinalada pela data de nascimento do Marquês de Tamandaré, Patrono da Marinha de Guerra do Brasil”, efeméride “especialmente grata para o povo rio-grandino”, já que na localidade nascera o personagem,

⁸⁶ *Rio Grande*. Rio Grande, 13 dez. 1952, p. 1; *O Tempo*. Rio Grande, 13 dez. 1952, p. 10.

⁸⁷ *Rio Grande*. Rio Grande, 17 dez. 1952, p. 1.

que iniciara sua vida “sentindo de perto as sensações que a vida do marinheiro oferecia”, bem como começara “a carreira que o transformaria em legendária figura de comandante, passando à imortalidade como um exemplo de desprendimento e acendrado amor à Pátria”. A folha exaltava a cidade do Rio Grande “como sentinela do extremo sul”, que enfeixava “toda a tradição marinheira dos estados meridionais do Brasil”, pois estivera presente na Batalha do Riachuelo, “com a inteligência de Tamandaré, com a decisão de Abreu e o sacrifício de Marcílio Dias”, e mais tarde fora “o centro de formação para uma grande parcela de rio-grandenses”, que deixavam o pingô em que percorriam o pampa, “integrando-se na marinha, cruzando os mares com seus navios, avançando contra o perigo e vigiando o litoral imenso do país”. A publicação rio-grandina aproveitaria o momento para reivindicar a reabertura de uma Escola de Aprendizes Marinheiros, que deixara de funcionar e estaria a fazer falta à sociedade local⁸⁸.

As notícias sobre as festividades continuavam sendo uma constante na cobertura da Semana do Marinheiro, com destaque para os informes sobre competições atléticas e discursos proferidos⁸⁹. Ainda o *Rio Grande* noticiava que a Semana da Marinha vinha “se desenvolvendo com o esplendor costumeiro”, observando que a “Noiva do Mar”, expressão utilizada para designar a urbe portuária, era “uma cidade ligada à Marinha do Brasil”, uma vez que estava “plantada no litoral Atlântico” e se desenvolvera “em função de seu excelente porto, vendo nos navios que aportavam,

⁸⁸ *Rio Grande*. Rio Grande, 5 dez. 1953, p. 2.

⁸⁹ *Rio Grande*. Rio Grande, 10 dez. 1953, p. 1.

oriundos das mais variegadas partes do mundo, um fator decisivo no intenso progresso” que realizara. Mais uma vez o jornal entrelaçava a importância da efeméride com o processo de construção da comuna litorânea rio-grandense, afirmando que “a vila pacata e tristonha transformara-se na cidade altaneira e trepidante” que se aprendera a admirar, pois, “contrariando todos os prognósticos, o rio-grandino transformara as areias traiçoeiras em marcos inabaláveis de seu progredir”. Enfatizava a folha que “a Marinha jamais nos abandonou, esteve e está ligada aos nossos destinos”, permanecendo “fiel a sua tarefa de ligar o Rio Grande ao mundo, levando para lá os produtos de nosso parque industrial, de nossa agricultura e de nossa pecuária, e trazendo aquilo que necessitamos para mover a engrenagem do nosso progredir”⁹⁰.

Lembrando o nascimento de Tamandaré e Marcílio Dias nestas terras, a imprensa rio-grandina voltava a reivindicar a instalação de uma Escola de Aprendizes Marinheiros, a qual viria a constituir um “marco que, por certo, ainda mais estreitos tornaria os laços de identificação entre os marinheiros do Brasil e os homens do Rio Grande”⁹¹. A *Semana do Marinheiro* era enaltecida ainda em notas de cunho histórico sobre a atuação da Marinha Brasileira, com ênfase para a descrição da batalha naval do Riachuelo, descrita como “a luta que passaria à história como uma sequência de atitudes heroicas”, em que “a Pátria agradecida imortalizara nas páginas de sua história aqueles marinheiros de coragem inexcedível”, vindo a partir daí

⁹⁰ *Rio Grande*. Rio Grande, 11 dez. 1953, p. 10.

⁹¹ *Rio Grande*. Rio Grande, 11 dez. 1953, p. 10.

“uma plêiade de heróis a integrar a galeria de honra da Marinha”. O *Rio Grande* concluía a matéria declarando que “a terra de Tamandaré, de Abreu e de Marcílio Dias” prestara “sua homenagem aos vultos do passado e do presente”, que teriam “sabido proporcionar ao povo brasileiro um clima de segurança, mercê de sua gloriosa atividade marinha”⁹².

Na mesma linha, *O Tempo* também divulgava as “grandes solenidades” pelas quais seriam comemoradas, em todo o país, a Semana da Marinha. Segundo o jornal, “Pátria de largos mares, o Brasil” despertava o “entusiasmo de seus filhos para as coisas do oceano”, portanto as festividades planejadas teriam “alto significado, mormente em nossa terra, berço de verdadeiros gigantes do mar simbolizados nas figuras másculas e heroicas de Marcílio Dias e Tamandaré”, de modo que a folha associava-se “às festas da marujada do Brasil”⁹³. Depois, a publicação rio-grandina expressava que se encerravam “as festividades da Marinha, que com invulgar brilhantismo” foram realizadas em todo o Brasil. Dizia o periódico que, “chamados ao presente na rememoração dos vivos através de vibrantes orações, alocações radiofônicas e artigos da imprensa, os heróis dos mares brasileiros do passado viveram simbolicamente” entre os brasileiros, “na pátria indevassável do pensamento nestes dias” em que lhes fizeram “*honoris* pela causa que homericamente souberam defender, legando uma história gloriosa repassada de feitos emoldurados de bravura e coragem”. Segundo o jornal, “vozes discorreram os rastros de

⁹² *Rio Grande*. Rio Grande, 12 dez. 1953, p. 1.

⁹³ *O Tempo*. Rio Grande, 8 dez. 1953, p. 1.

exemplar patriotismo”, “penas tingiram papéis na magia eloquente das letras exaltando”, “as ondas hertzianas foram condutoras de alocações onde se cantava a perícia” dos “marinheiros do passado”, destacando “seus feitos principais e apontando-os como exemplos às gerações de hoje”. A folha rio-grandina, lembrando ainda os episódios da época da II Guerra, prestava reverência a “todos os grandes vultos da briosa força oceânica brasileira” e reservava-se o direito de render “póstuma e especial homenagem àqueles marinheiros da gloriosa Marinha Mercante do Brasil que, nas caladas da noite, feridos em nossas próprias águas, foram por insidiosa manobra inimiga jogados às profundezas de nossos mares”. A esses “heróis desconhecidos da Marinha Mercante”, *O Tempo* propunha-se pôr em seus túmulos, “em simbolismo sincero”, uma “coroa de letras”, representando “as flores da imprensa”⁹⁴.

O júbilo pela Semana do Marinheiro cada vez mais ganhava corpo junto à imprensa rio-grandense, destacando-se que, “entre as muitas datas festivas que se comemorava pelo Brasil”, aquela “dedicada à gloriosa Marinha de Guerra do Brasil” seria “sem dúvida uma das que mais de perto falava ao coração da gente rio-grandina”, uma vez que sua terra e sua gente estavam ligadas “de corpo e alma ao marinheiro indômito do Brasil, não só porque filhos desta terra são: Tamandaré, Abreu e o marujo Marcílio Dias, como também porque o papareia – denominação pela qual são conhecidos os rio-grandinos – adora o mar, ama o seu irmão marujo e glorifica a sua gente”. De acordo com a imprensa, a Marinha do Brasil caminhava “impávida pelo mar afora,

⁹⁴ *O Tempo*. Rio Grande, 13 dez. 1953, p. 1.

não como arma de guerra”, mas “como elemento de paz e de concórdia, levando a todos os povos a sua mensagem de paz e de confiança no futuro”, assim como “na guerra fora sentinela alerta dos mares, auxiliando os seus aliados à conquista da vitória”. O espírito de regozijo orientava os festejos à Semana da Marinha, enviando-se, “da terra de seus grandes heróis”, uma “prece aos que tombaram na luta” e os “votos em favor de todos quantos contribuíram para a sua maior grandeza”⁹⁵. As comemorações mais uma vez serviriam para renovar o pleito do restabelecimento de uma Escola de Aprendizes Marinheiros na cidade⁹⁶.

À metade dos anos cinquenta, a República Brasileira vivia momentos agitados, tendo em vista as disputas políticas entre grupos divergentes, cada qual defendendo um modelo diferenciado para imprimir aos rumos do país. A normalidade das instituições abalava-se a cada processo eleitoral. Uma das crises mais graves desencadeou-se durante o segundo governo de Getúlio Vargas e culminou com o seu suicídio, de consequências indelévels para a sociedade brasileira. As repercussões de tal clima político se faziam sentir nos comentários jornalísticos acerca da Semana da Marinha. Permanecia a ideia de que a efeméride servia para lembrar “em todo o território nacional a glória dos marinheiros do Brasil, que sempre souberam honrar as tradições” nacionais. Reforçava-se também o pressuposto de que para os rio-grandinos a Semana da Marinha tinha “um significado diferente, pois nela não se homenageava apenas a Marinha, mas o seu Patrono”, o qual nascera “neste solo

⁹⁵ *O Tempo*. Rio Grande, 11 dez. 1954, p. 1.

⁹⁶ *Rio Grande*. Rio Grande, 11 dez. 1954, p. 10.

predestinado” e tendo em vista que “o Rio Grande estava ligado ao mar desde os primórdios de sua fundação”, existindo “em todo habitante desta península um profundo e intenso sentimento” que o impelia “para realizações intimamente ligadas ao salso elemento”. Lembrando os “atos de heroísmo” praticados pelos integrantes da Marinha, com destaque para Tamandaré e Marcílio Dias, a imprensa destacava o valor do “exemplo” desses personagens, ainda mais naquela “hora conturbada da vida nacional, quando os ânimos exaltados não” prometiam “serenar tão cedo”, de modo que, “no momento” em que se tributava “homenagens à Marinha Brasileira”, apelava-se “para o patriotismo de todos, encarecendo a necessidade de concórdia e de perdão”, pois o país estaria a precisar “de paz”, tendo em vista que, “num estado contínuo de agitação, temor e ódios, era impossível construir”⁹⁷.

Os jornais cada vez mais colaboravam na criação de uma identidade no que tange às homenagens a Tamandaré, à Marinha e ao Marinheiro, com especial atenção ao Almirante e sua biografia, constantemente reproduzida por ocasião da semana em torno do 13 de Dezembro⁹⁸. Nesse quadro, a Marinha era enaltecida por

⁹⁷ *Rio Grande*. Rio Grande, 7 dez. 1955, p. 2.

⁹⁸ *Rio Grande*. Rio Grande, 9 dez. 1955, p. 7. Sobre Tamandaré, publicava o jornal: “No dia 13 de dezembro, o Brasil e muito especialmente a Armada Nacional festejam o Dia do Marinheiro. Este dia foi escolhido pelas altas autoridades navais do país, por ter sido nele que em 1807 nasceu o Marinheiro Almirante Joaquim Marques Lisboa – atual Patrono da Marinha de Guerra do Brasil. Dizer algo sobre a existência desse Chefe Impoluto é um dever que se impõe sempre que festejamos uma Semana da Marinha, devido ao

sua “missão civilizatória” ao longo da história nacional, destacando-se que, desde a independência e ao longo de toda a existência do país, a Armada tivera uma

valor que sempre o nimbou quando em vida. Sua ascensão é um exemplo pujante do quanto pode a crença, a abnegação, a fé, e graças a essas virtudes que sempre o acompanharam, pôde ele galgar os degraus da hierarquia militar, tornando-se um ídolo de sua classe e um símbolo de sua Pátria. Nenhum outro exemplo de crença, nenhum outro modelo de abnegação, nenhum outro símbolo de bravura podia ser apresentado aos nautas de hoje, antes de Joaquim Marques Lisboa, o Inesquecível Marquês de Tamandaré. Sua atuação fez dele um dos vultos de maior projeção da Armada Nacional, senão o seu Patrono eminente, superior, insubstituível enfim. A escola que formou e deu vida, a mentalidade que criou e deu ânimo, a orientação que tomou e transmitiu, jamais feneceram no espírito das gerações navais que se sucederam, e aí está a Armada do Brasil – com essa bagagem magnífica de acontecimentos sem par – gloriosa, triunfal, eterna!... Por isso é ele reverenciado em mais esta Semana da Marinha que estamos vivendo, e o será para sempre enquanto a Nacionalidade permanecer de pé, Tamandaré é um símbolo! Símbolo de fé, de patriotismo, de crença, de desprendimento, de abnegação! Símbolo de tenacidade, já que por si só foi de Grumete a Almirante e Marquês, portando consigo todo o rigor e toda a capacidade de um Líder que se fez Imortal! Símbolo de Homem, já que soube cultivar todas as virtudes que devem ornar a vida de um homem! Que a Marinha em sua Semana de Festas o reverencie mais uma vez, e que o Brasil inteiro o proclame para sempre, já que ele pode ser um Monumento Humano, no qual o Marujo e o Almirante se confundiram perfeitamente; o Militar e o Estadista se completaram sem solução de continuidade; e finalmente, o Chefe Rigoroso e o Comandante Boníssimo se multiplicaram imperecíveis de radiosa Luz!...”.

inquestionável ação, advinda também do seu “grande almirante, o insigne rio-grandino Tamandaré”, que, “juntamente com outros ilustres e bravos homens” de sua “mesma estirpe, contribuiu na consolidação” da emancipação nacional, elevando o país “de maneira apreciável no conceito dos outros povos”. Anunciavam-se sete dias que serviriam para “recordar e reviver”, vários “pontos dos tantos que assinalaram o luminoso caminho percorrido” pela Marinha, de modo que, no intento da “grandeza e segurança da Pátria, a cidade do Rio Grande, “onde nasceram as figuras extraordinárias de Almirante e Marinheiro – Tamandaré e Marcílio Dias”, através de seus “poderes públicos, sociedade e povo”, certamente tributaria na Semana da Marinha “excepcionais homenagens”⁹⁹. Ao mesmo tempo que anunciava os atos festivos, a imprensa cobrava das autoridades públicas providências no sentido de dotar a comuna portuária de um monumento mais condizente com a magnitude do homenageado¹⁰⁰.

No ano do sesquicentenário do nascimento de Joaquim Marques Lisboa, a imprensa comentava com mais entusiasmo as possibilidades de ser erguido um monumento ao personagem¹⁰¹. Houve discursos, torneios esportivo-militares, palestras, entre outras atividades, “reverenciando a memória do ilustre Almirante Marquês de Tamandaré, Patrono da Marinha”. A biografia do personagem não fora esquecida nas alusões aos cento e cinquenta anos de seu nascimento, além do que se destacava que a cidade que

⁹⁹ *Rio Grande*. Rio Grande, 11 dez. 1956, p. 8.

¹⁰⁰ *Rio Grande*. Rio Grande, 14 dez. 1956, p. 1.

¹⁰¹ *Rio Grande*. Rio Grande, 6 dez. 1957, p. 1.

lhe “serviu de berço”, engalanara-se “para reverenciar a sua memória, orgulhosa, como todo o Brasil, deste filho ilustre, herói de mil batalhas, cuja vida se inscreveu na história e ficou para exemplo das gerações que haveria de suceder”. A importância da Marinha na vida nacional e o seu especial valor para os rio-grandinos eram também destacados, fazendo-se mais uma vez referência às disputas partidárias que então marcavam o país, de modo que se declarava que, se por um lado havia “corações transbordando de alegria”, por outro, “olhos e pensamentos” se dirigiam para a Marinha, pois nela, “em todos os momentos graves do Brasil, sempre” fora depositada “grande confiança”, e como era “grave a fase por que estava passando a Pátria”, havia a certeza de que os “marujos, com seus irmãos de farda, de terra e ar, saberiam ser dignos de tão honroso passado”¹⁰².

Já ao final dos anos cinquenta, os jornalistas referiam-se às anuais comemorações da Semana da Marinha, afirmando que chegaram a ficar “um tanto indecisos”, uma vez que tanto já havia sido dito acerca da “magnífica Marinha, que à primeira vista” tinha-se “impressão de que era matéria esgotada”, pois de tudo quanto ela era, valia e fazia, “as mais brilhantes culturas e expressões do pensamento brasileiro” já o haviam dito “com brilho e erudição”, no entanto as expressões acabavam sendo encontradas e o enaltecimento àquela Força Armada era pronunciado¹⁰³. As várias cerimônias realizadas, com ênfase às da Capital Federal, eram noticiadas pela imprensa¹⁰⁴, como atos que se

¹⁰² *Rio Grande*. Rio Grande, 13 dez. 1957, p. 1.

¹⁰³ *Rio Grande*. Rio Grande, 13 dez. 1958, p. 8.

¹⁰⁴ *O Tempo*. Rio Grande, 11 dez. 1958, p. 1.

espalhavam pelas mais diversas praças do país¹⁰⁵ e ganhavam corpo na terra natal do Almirante Joaquim Marques Lisboa¹⁰⁶. Nessa época, as comemorações do 13 de Dezembro na cidade do Rio Grande culminariam com a inauguração do busto em homenagem ao Marquês de Tamandaré, em 1960¹⁰⁷.

O ano de 1961 seria de profunda agitação política no cenário brasileiro, mormente com a renúncia do Presidente eleito Jânio Quadros, apenas sete meses após a sua posse, e as dificuldades em garantir a posse do Vice-Presidente João Goulart, chegando-se à implantação de um sistema parlamentarista na direção da vida pública nacional. As graves dissensões internas levavam muitos jornais a certa busca por algum tipo de independência em relação às disputas políticas. No caso das comemorações do 13 de Dezembro, isso ficava evidenciado naquele ano, quando muitas publicações limitaram-se a divulgar os vários atos alusivos à data, sem qualquer ilação às circunstâncias então vividas, caso do *Rio Grande*, que noticiou as várias festividades na urbe litorânea¹⁰⁸.

A Semana da Marinha de 1962 era anunciada como um momento em que a cidade viveria “grandes dias, quando inúmeras homenagens” seriam “prestadas aos bravos marinheiros do Brasil, relembrando seus feitos gloriosos e salientando a participação ativa” que realizavam “em benefício da Pátria”. As comemorações incluíam o lançamento de flores ao mar, em homenagem

¹⁰⁵ *Rio Grande*. Rio Grande, 7 dez. 1959, p. 1.

¹⁰⁶ *Rio Grande*. Rio Grande, 12 dez. 1959, p. 1.

¹⁰⁷ *Rio Grande*. Rio Grande, 13 dez. 1960, p. 1.

¹⁰⁸ *Rio Grande*. Rio Grande, 6 dez. 1961, p. 1.

aos que nele sucumbiram¹⁰⁹, gincanas e demais cerimônias cívico-militares em homenagem ao Patrono da Marinha, junto ao seu busto recém-inaugurado, e colocação de palma de flores¹¹⁰. Os dados biográficos de Marques Lisboa mais uma vez não foram esquecidos, afirmando-se que os anos passavam, “mas o sol da glória” ficava projetado “sempre, cada vez mais alto, a figura imortal de Tamandaré”, apontado como um “bravo” que recebera “das mãos dadivosas do destino a centelha do gênio e, por isso mesmo, foi estupendamente grande na difícil arte da guerra naval”, e a “bravura, audácia e sagacidade marinheira” foram postas à “prova mais eloquente, nos perigos e guerras esforçados, mais do que permitiu a força humana”¹¹¹.

Por essa ocasião, algumas das palavras do Almirante também foram destacadas, e concluía-se afirmando que “a Marinha, de ontem e de hoje”, jamais desmentiria “o roteiro traçado pelo Patrono” que escolhera, ou seja, “una e indivisível, por uma força imponderável de eterna mística de lealdade e pundonor em todos os momentos da vida nacional” nos quais se decidia “o destino da Pátria”, constituía “uma esperança e uma certeza presente”¹¹². As circunstâncias políticas brasileiras permaneciam conturbadas, desencadeando-se ainda mais disputas a partir do plebiscito que aprovou o retorno do sistema presidencialista. Muitos jornais buscavam manter certa neutralidade diante dos acontecimentos, refletindo-se essa prática inclusive nas

¹⁰⁹ *Rio Grande*. Rio Grande, 3 dez. 1962, p. 1.

¹¹⁰ *Rio Grande*. Rio Grande, 7 dez. 1962, p. 6-7.

¹¹¹ *Rio Grande*. Rio Grande, 13 dez. 1962, p. 1.

¹¹² *Rio Grande*. Rio Grande, 13 dez. 1962, p. 1.

matérias sobre o 13 de Dezembro, em que se limitavam a divulgar os atos festivos em torno das comemorações e a prestar “páginas de honra” à efeméride¹¹³. A situação política nacional se agravaria ao extremo, culminando com a deflagração do movimento militar de 1964, que apeava o modelo populista predominante praticamente durante todo o período entre 1946 e 1964, ainda que o populismo não constituísse uma modalidade política unívoca e homogênea, tendo existido, isso sim, algumas práticas populistas, ou “populismos”, como o trabalhista, de Getúlio Vargas e João Goulart, o desenvolvimentista, de Juscelino Kubitschek de Oliveira e o moralista de Jânio Quadros. A virada de 1963 para 1964 marcaria os estertores do populismo brasileiro, com o estabelecimento do regime vigente durante os Governos Militares.

Nos pós-64, permaneceria a tendência de serem os acontecimentos referentes ao 13 de Dezembro mais descritos do que comentados, caso do *Rio Grande*, que anunciava a visita de embarcações à cidade em homenagem à data festiva¹¹⁴. O jornal destacava que se organizava na cidade a “homenagem à Força Armada que tantas tradições gloriosas” encerrava e que tinha, em “todas as épocas, papel saliente na defesa da soberania e dos mais altos interesses nacionais”. O periódico rio-grandino anunciava uma missa em homenagem à efeméride, rezada na Igreja Matriz de São Pedro, e continuava a dar destaque ao nascimento de Tamandaré na cidade do Rio Grande¹¹⁵, embora chegasse a permitir

¹¹³ *Rio Grande*. Rio Grande, 7 dez. 1963, p. 1.

¹¹⁴ *Rio Grande*. Rio Grande, 4 dez. 1964, p. 1.

¹¹⁵ *Rio Grande*. Rio Grande, 9 dez. 1964, p. 7.

que em suas páginas fosse divulgada uma crônica não-editorial, na qual o autor buscava retomar a versão de que o berço do Patrono da Marinha seria a cidade de São José do Norte¹¹⁶, tese já desconsiderada há décadas pela Marinha, pela historiografia e pela imprensa.

Em 1965, a imprensa anunciava que se comemoraria uma “instituição de puro e alto civismo”, o Dia do Marinheiro, destacando a relevância do evento para a urbe litorânea, uma vez que aquela data, “sendo o dia do nascimento de Tamandaré, o primeiro marinheiro brasileiro”, deveria “ter nesta cidade as mais carinhosas, as mais expressivas comemorações”, pois era ela “o primeiro porto e o único oceânico do Rio Grande do Sul, berço de tantos heróis, inclusive da Marinha, a começar pelo próprio Tamandaré, pelo Vice-Almirante Abreu, pelo marinheiro Marcílio Dias”. Provavelmente tendo em vista o artigo publicado no ano anterior, retomava-se à ênfase do nascimento de Marques Lisboa na cidade do Rio Grande¹¹⁷. Já no ano seguinte, divulgavam-se as atividades desenvolvidas durante a Semana da Marinha, tendo se consolidado o busto na Praça Tamandaré como ponto demarcado para as comemorações¹¹⁸. No próprio dia 13, destacava-se que se passava mais um aniversário natalício de “Joaquim Marques Lisboa, o Marquês de Tamandaré, o *Nelson Brasileiro*, o Patrono da Marinha do Brasil”, de modo que todo o país comemorava a

¹¹⁶ *Rio Grande*. Rio Grande, 12 dez. 1964, p. 8.

¹¹⁷ *Rio Grande*. Rio Grande, 13 dez. 1965, p. 2.

¹¹⁸ *Rio Grande*. Rio Grande, 6 dez. 1966, p. 1; *Rio Grande*. Rio Grande, 12 dez. 1965, p. 2.

efeméride, “como o Dia do Marinheiro, encerramento das festividades anuais da Semana da Marinha”¹¹⁹.

A exaltação da nacionalidade retomava um caminho de constante recorrência durante os Governos Militares, de maneira que o elogio dos “exemplos” dos personagens do passado encontrava amplo espaço para desenvolver-se. Nesse quadro, a respeito da Semana da Marinha de 1967, a imprensa afirmava que esta Força Armada, “gloriosa na paz e na guerra” e “credora da gratidão do povo”, começaria “a festejar a sua semana”, e a cidade do Rio Grande, “de maneira especial”, integrava-se nas comemorações, as quais culminariam “no Dia do Marinheiro, escolhido por ser aquele em que, há mais de século e meio, viu a luz, neste mesmo núcleo, aquele que seria o Marquês de Tamandaré”. Entusiasticamente, declarava-se que “nas belonaves de hoje como nas fragatas de antanho, o espírito do rio-grandino ilustre” permanecia “vivo, nortando a ação dos marujos brasileiros numa integração dos conceitos de Pátria e Dever” e divulgavam-se os atos comemorativos¹²⁰. No próximo ano retomava-se a descrição das solenidades e evocava-se a intrínseca relação da comunidade rio-grandina para com Tamandaré, a Marinha e o Marinheiro¹²¹.

¹¹⁹ *Rio Grande*. Rio Grande, 13 dez. 1966, p. 2.

¹²⁰ *Rio Grande*. Rio Grande, 7 dez. 1967, p. 1 e 5.

¹²¹ *Rio Grande*. Rio Grande, 13 dez. 1968, p. 1 e 2. Acerca da data comemorada, afirmava o jornal: “Festeja hoje o Brasil o Dia do Marinheiro, escolhida a data aniversária do seu vulto maior, o Almirante Marquês de Tamandaré, Joaquim Marques Lisboa, um filho ilustre de Rio Grande, feito Patrono da Marinha. Nossa terra, de um modo especial, tem a ver com a

data de hoje. Repleta de tradições marinheiras, orgulhamo-nos da conterraneidade do Patrono e de seu herói máximo, o legendário Marcílio Dias, cujo exemplo de bravura excepcional passou à história, naquele distante 11 de junho em que seu sangue tingiu o convés da *Parnaíba*, na árdua batalha do Riachuelo. Aqui, nesta terra que foi berço de suas figuras máximas, saudamos a Marinha, vendo nela a força armada de mil glórias e tradições, vanguardeira das pugnas cruentas que consolidaram a nossa independência política, em defesa da nossa soberania. Mas não foi apenas na guerra que a Marinha firmou a sua posição patriótica que lhe vale a simpatia e o respeito da nação brasileira. Nas tarefas de paz, em uma série de atividades, que se ampliam à medida em que avança a técnica e o país se desenvolve, a Marinha está presente num primeiro plano, coordenando a navegação, que é base primordial do comércio, fonte da riqueza. Se o Brasil se orgulha da sua Marinha, se reverencia os seus vultos eminentes, mais do que qualquer núcleo, Rio Grande a festeja neste dia. É que esta cidade, velha de 232 anos, foi o berço do Patrono, do qual já se passam 160 anos, um menino aqui nasceu predestinado a uma gloriosa missão. Na vila de poucas casas, cujas ruas tortuosas e empoeiradas eram varridas pelos ventos do mar, veio à luz, no lar de Francisco Marques Lisboa, o menino que tomou o nome de Joaquim e, anos depois, ainda muito jovem, dava satisfação a sua vocação marinheira. Ele, que cresceu vendo o mar e os navios que o sulcavam, satisfez, em breve, a atração que se exercia sobre o seu ânimo de aventura e, integrando-se na Armada que se formava (...), logo encontrou a oportunidade de demonstrar os seus méritos na faina de marinheiro. E, vinda a independência, já se destacava nas primeiras lutas, que foram degraus para a escalada gloriosa, que se prolongou por muitos anos, mas se concluiu num supremo posto, com um título nobiliárquico a significar o reconhecimento da nação pelos seus extraordinários serviços. Nossa reverência à figura do conterrâneo ilustre, que a

Nas comemorações de 1969, retomava-se a grande atenção à abordagem de natureza biográfica quanto ao Almirante Tamandaré, com destaque para o seu batizado na Matriz de São Pedro, chegando-se a historiar a já antiga querela do local do nascimento do personagem, confirmando-se peremptoriamente a perspectiva da cidade do Rio Grande como o berço do Patrono da Marinha. Descrita a programação de eventos da Semana da Marinha, a maior ênfase se dava para a missa a se realizar no citado templo, o mais antigo do Rio Grande do Sul¹²², bem como se noticiava a presença do Governador do Estado durante as festividades¹²³. A imprensa divulgava que as comemorações espalhavam-se por todo o Brasil, “especialmente nas cidades do litoral, ou aquelas à margem dos caudalosos rios” em que a Marinha mantinha “os seus postos vigilantes e os seus navios prontos para defender os interesses do país”¹²⁴.

O jornal *Rio Grande*, arraigado às suas origens rio-grandinas, mais uma vez enfatizava a relevância das comemorações em torno do 13 de Dezembro para a comuna portuária. Nesse sentido, assinalava que na cidade do Rio Grande a Semana da Marinha teria “as comemorações mais brilhantes”, o que não advinha do

Marinha escolheu para Patrono, e na qual se consubstanciam os ideais marinheiros. Temos orgulho de que entre nós haja nascido um vulto exponencial da Pátria, e por isso, 13 de dezembro assume para a gente rio-grandina um significado especial, que precisa ser registrado com júbilo”.

¹²² *Rio Grande*. Rio Grande, 2 dez. 1969, p. 1 e 5.

¹²³ *Rio Grande*. Rio Grande, 6 dez. 1969, p. 12.

¹²⁴ *Rio Grande*. Rio Grande, 8 dez. 1969, p. 2.

fato de que na urbe se passassem “sete dias com espetáculos festivos, muito foguete e uma série interminável de eventos”, e sim pelo motivo que “o povo rio-grandino tomava conhecimento das comemorações como nenhum outro, e vibrava com elas, sentindo a Marinha como parte integrante da comunidade”. Afirmava o jornal que bastava observar “por este Brasil afora, mesmo à beira do mar, os conhecimentos populares sobre a ação da Marinha no passado e no presente”, para que se concluísse que era o rio-grandino “o mais enfronhado neste assunto”, uma vez que a gente desta terra não incorria “nos erros graves em assuntos de Marinha, que se observavam até mesmo em órgãos de imprensa de outras plagas, quanto mais no homem do povo”, que tinha “nos jornais um fator importante de ilustração e cultura”. Segundo a folha, essa primazia se devia ao “orgulho proporcionando pela conterraneidade de Tamandaré e de Marcílio Dias que nenhum rio-grandino” ignorava. Ressaltando o próprio papel do jornalismo, o *Rio Grande* enfatizava que importante era também “a divulgação que a imprensa de todos os tempos, nesta terra”, vinha fazendo “em torno dos fatos de Marinha”. Na concepção do jornal, “a recepção ao Governador diante da Matriz de São Pedro, na data do nascimento de Tamandaré”, assumiria “um significado muito importante e, antes de mais nada”, configurava “a mais bonita homenagem” que o Estado prestava à Marinha no seu dia, devendo “repetir-se a cada ano, para reafirmar ao Brasil uma das figuras mais destacadas de sua história, o grande Almirante nascido no Rio Grande”¹²⁵.

¹²⁵ *Rio Grande*. Rio Grande, 8 dez. 1969, p. 2.

Ainda no ano de 1969, por ocasião da Semana da Marinha, essa Força Armada doaria um retrato do Marquês de Tamandaré para a Prefeitura do Rio Grande. O quadro era descrito como “desconhecido da maioria do povo”, já que “a figura característica do Patrono da Marinha” que há muito se fixara junto à memória coletiva era “aquela na sua velhice”, em que aparecia “com a farda de gala e já encanecido”, no entanto, a pintura em questão mostrava um Marques Lisboa bem mais jovem. De acordo com a imprensa, os rio-grandinos seriam os primeiros “a conhecer o seu herói nacional através de um retrato feito aos vinte e quatro anos de idade”, o qual doravante seria “divulgado por todos os órgãos de imprensa do Estado”, tendo em vista a remessa de várias cópias de parte de autoridade da Marinha. Explicava-se que o retrato fora feito na década de 1840, quando da presença de Joaquim Marques Lisboa na Inglaterra, ressaltando-se o episódio do salvamento do *Ocean Monarch*¹²⁶.

Ainda que parecesse um assunto esgotado, o debate em torno do local de nascimento do Almirante permanecia encontrando espaço nas matérias jornalísticas, buscando-se utilizar argumentos historiográficos e com base documental para dar um fim à questão e demarcar o Rio Grande como o “torrão natal” de Tamandaré¹²⁷. A querela envolvia inclusive a publicação de correspondência de leitores, caso de uma carta editada no porto-alegrense *Correio do Povo*, ao que acorria o *Rio Grande* para garantir a certeza de que o

¹²⁶ *Rio Grande*. Rio Grande, 9 dez. 1969, p. 1.

¹²⁷ *Rio Grande*. Rio Grande, 9 dez. 1969, p. 8.

berço do Patrono da Marinha era a urbe rio-grandina¹²⁸. O “torrão natal” de Marques Lisboa ainda mereceria mais uma matéria em outra edição de 1969 do *Rio Grande*, que acabaria por considerar encerrada a discussão, tendo em vista os fortes argumentos lançados por historiadores e biógrafos de Tamandaré acerca de sua naturalidade rio-grandina¹²⁹. Chegado o 13 de

¹²⁸ *Rio Grande*. Rio Grande, 10 dez. 1969, p. 8.

¹²⁹ *Rio Grande*. Rio Grande, 11 dez. 1969, p. 2 e 8. Acerca da “opinião definitiva” quanto ao tema do berço de Tamandaré, o jornal explicava: “Rio Grande e São José do Norte são comunas que as águas do canal não podem separar. Esta dependeu daquela, através dos anos e até mesmo de dois séculos. A entrada de navios na Barra, para chegarem ao porto de Rio Grande, nunca prescindiu dos serviços de sinalização, que melhor se situavam na margem correspondente ao município de São José do Norte. E, quando o monumental projeto de abertura da Barra se executou, sem surpresa verificou-se que constava de dois molhes gigantescos, um dos quais tinha de ser construído na costa nortense. Por isso e por muito mais, nunca foi tão cabível aquela expressão usada para refletir a boa vizinhança do Brasil com os países do Prata, aplicada a Rio Grande e São José do Norte: Tudo nos une, nada nos separa. Havia, entretanto, uma discussão velha de um século, talvez, quanto ao lugar de nascimento de dois grandes vultos da história pátria, por coincidência, ambos marinheiros, ambos símbolos que vieram do passado para servir de exemplo presente: o Marquês de Tamandaré e o Imperial Marinheiro Marcílio Dias. A discussão se arrastou, com argumentos de variada solidez, expressando, por si só, a grandeza de dois homens ilustres, cuja honra da conterraneidade era disputada por duas comunas. Com o respeito ao grande Almirante, que a Marinha fez seu Patrono, Rio Grande, sem qualquer documento que o provasse, pois os

Dezembro, o *Rio Grande* divulgava que na cidade foram realizadas “solenidades sem precedentes” no Dia do Marinheiro, com um “caráter extraordinário em sua

arquivos da velha Matriz de São Pedro haviam desaparecido, reivindicava a honra de ter sido o seu berço porque aqui residia a sua família, numa casa que podia ser facilmente localizada, entre outras que pertenciam ao mesmo proprietário, o pai de Tamandaré, cujo nome era dado à própria rua, então um beco, muito conhecido como de ‘Chico Marques’. (...) E, finalmente, há poucos anos, também uma pá de cal veio cair sobre a discussão em torno do local de nascimento de Tamandaré, como se não bastassem os já pesquisados; as declarações de próprio punho do hoje Patrono da Marinha, feitas, respectivamente, por ocasião de seu casamento, no Rio de Janeiro, e em correspondência enviada à Câmara dos Vereadores do Rio Grande e arquivada na atual Prefeitura, depois de haver recebido convite para visitar a sua ‘terra nata’. Numa e noutra, é o próprio Tamandaré quem afirma ter nascido na então vila de São Pedro do Rio Grande, ter sido batizado pouco depois, no templo que, orgulhosamente, chamou ‘catedral’ de São Pedro, da mesma vila, e haver afirmado, ao responder a carta dos vereadores, o seu desejo de voltar a ver a terra natal. A descoberta desses documento de próprio punho, desta confissão espontânea de Tamandaré, terminou com a discussão. Gustavo Barroso, que publicou uma biografia do Patrono da Marinha, depois de haver simplesmente referido o seu lugar de nascimento em São José do Norte nas duas primeiras edições, quando da terceira penitenciou-se do erro, tendo em vista a declaração descoberta e hoje guardada cuidadosamente pela Marinha. Assim, portanto, não há mais o que discutir. Tamandaré era um rio-grandino e o que se afirmar em contrário configura ofensa à sua memória, pois a um herói que se venera, nem de longe pode passar a idéia de negar as suas afirmações, o que seria o mesmo que chamá-lo de mentiroso”.

execução”, dedicando o jornal uma página à cobertura dos eventos, bem como outras duas, especiais, ricamente ilustradas, a homenagear a “Marinha gloriosa do passado e do presente”¹³⁰.

No início dos anos 70, a imprensa noticiava que as solenidades em torno do 13 de Dezembro haviam atingido raias de extremo significado. Mais uma vez o ponto alto das comemorações seria no denominado templo-monumento, a Matriz de São Pedro¹³¹. A presença do Governador do Estado e várias outras autoridades públicas era outra vez anunciada para participação do ato cívico-religioso-militar¹³². As atividades comemorativas foram descritas detalhadamente¹³³, além da publicação de comentários valorizadores da ação da Marinha Brasileira. Destacava a imprensa que chegara o “grande dia” da Marinha, por meio da “data do nascimento de Tamandaré, consagrada, há quarenta e cinco anos, como o Dia do Marinheiro”, de modo que esta Força Armada encontrava-se “em festa, e, de maneira especial, este pedaço de chão em que o herói viu a luz primeiro, tornou-se cristão, ensaiou os passos e sentiu a sua vocação na vista constante do mar”. Dizia ainda que já havia alguns anos que se comemorava “a data cada vez com mais brilhantismo, mas nunca da maneira como se iniciara” no ano anterior, ocorrendo um aprimoramento

¹³⁰ *Rio Grande*. Rio Grande, 13 dez. 1969, p. 1, 4-5.

¹³¹ *Rio Grande*. Rio Grande, 2 dez. 1970, p. 1.

¹³² *Rio Grande*. Rio Grande, 11 dez. 1970, p. 1.

¹³³ *Rio Grande*. Rio Grande, 12 dez. 1970, p. 1.

naquele 1970, “firmando-se uma tradição de prestígio da Marinha e até do povo gaúcho”¹³⁴.

A imprensa chamava atenção para as autoridades que se deslocaram para a comunidade portuária tendo por fito a participação nos atos solenes, de modo que deixara de ser “uma comemoração apenas rio-grandina para ser gaúcha”, estendendo-se ainda mais naquela ocasião para abranger todo o sul do Brasil. Destacava que se deveria fazer justiça, registrando o mérito desta iniciativa à Marinha, à qual Rio Grande deveria “ser grato”, pois por um lado a cidade “se projetava, orgulhosamente, como o berço de Tamandaré”, constituindo uma “nova Meca” onde vinham “ter as maiores notoriedades estaduais para reverenciar a memória do herói”, e por outro, ela “captava para si o prestígio desta região”, fazendo “lembrar a sua história gloriosa e a sua ação no presente, para, afinal, tornar-se alvo da admiração que bem” merecia. Declarava-se ainda que aquele era um dia de festa, “especialmente para Rio Grande”, que recordava “a glória do filho ilustre”, desejando que repicassem os sinos, que se fizesse “o alarido da gente empolgada”, que apitassem “os navios e todos os veículos” que aqui se encontrassem, que troassem “os canhões da Armada e que espocassem os foguetes”, pois tudo seria “ainda pouco para que esta cidade” viesse a expressar “o seu júbilo por ter sido a terra de Tamandaré”. Concluía-se fazendo votos de que a partir de então a cidade vivesse “todos os 13 de Dezembro” daquela forma, com “as alegrias de um dia festivo, embandeirada em arco, banda formada no convés, tudo compondo uma apoteose à

¹³⁴ *Rio Grande*. Rio Grande, 12 dez. 1970, p. 1.

glória daquele que confirmou os prognósticos, fazendo-se ‘o Nelson Brasileiro’”¹³⁵.

A Matriz de São Pedro, que viria a ser transformada em Catedral, parecia fixar-se como local onde se daria um dos pontos altos das comemorações do 13 de Dezembro na cidade do Rio Grande¹³⁶. Descrevendo a solenidade no antigo templo, o *Rio Grande* apontava para o seu “aspecto festivo, com marinheiros e escoteiros do mar postados em diversos locais do seu interior”, num quadro em que “os marinheiros no altar” simbolizavam “a reverência naval”, enquanto os escoteiros representavam a “reverência da juventude ligada ao mar” e evocavam “a juventude de Tamandaré, em sua formação nesta região do país”. O Governador e demais autoridades públicas eram esperados, o que traria por significado “a gratidão do Rio Grande do Sul à gloriosa Marinha, da qual tantos benefícios” tinha recebido “e a que ofereceu um dos seus filhos para tomar o lugar mais destacado na galeria dos seus heróis”¹³⁷.

Breves dados biográficos de Tamandaré desde seu nascimento até a data em que foi efetivado o Dia do Marinheiro mais uma vez compunham as matérias sobre o 13 de Dezembro. A imprensa lamentava a ausência do Governador e outras autoridades, entretanto exultava com o anúncio de uma breve “fase de histórica renovação” da Marinha do Brasil, prevista para o ano seguinte, em que o país comemoraria o sesquicentenário de sua independência. Afirmava-se que o povo rio-

¹³⁵ *Rio Grande*. Rio Grande, 12 dez. 1970, p. 1.

¹³⁶ *Rio Grande*. Rio Grande, 2 dez. 1971, p. 1.

¹³⁷ *Rio Grande*. Rio Grande, 6 dez. 1971, p. 1 e 3-4.

grandino, “com a sua consciência marítima tradicional, orgulhoso da conterraneidade de Tamandaré e Marcílio Dias”, via “com entusiasmo esta renovação da força naval brasileira”, ansiando “para que num futuro próximo, assim como esta terra foi afinal reconhecida na sua importância para as linhas de navegação, ganhando um Superporto”, conquistasse, além da permanência da Capitania dos Portos do Estado, “uma base de navios de socorro e patrulha”¹³⁸. Além da divulgação dos eventos comemorativos, ficava expressa através do jornalismo uma outra reivindicação local, ligada à possibilidade da instalação do 5º Distrito Naval na cidade portuária gaúcha¹³⁹. Em 1972, as comemorações na cidade do Rio Grande centraram-se mais uma vez na missa solene rezada no templo onde Tamandaré foi batizado¹⁴⁰.

O caráter predominantemente informativo voltava a caracterizar as matérias sobre o 13 de Dezembro, em 1973, divulgando-se os atos festivos que, no Rio Grande, voltavam a se concentrar na herma da Praça Tamandaré¹⁴¹. No ano seguinte, a imprensa divulgava a matéria “Vocação marinheira”, apontando a íntima relação da cidade onde nascera o Patrono da Marinha para com o mar¹⁴². Noticiava também o “ato

¹³⁸ *Rio Grande*. Rio Grande, 13 dez. 1971, p. 1-2 e 8.

¹³⁹ *Rio Grande*. Rio Grande, 14 dez. 1971, p. 1-2

¹⁴⁰ *Rio Grande*. Rio Grande, 13 dez. 1972, p. 1.

¹⁴¹ *Rio Grande*. Rio Grande, 13 dez. 1973, p. 1.

¹⁴² *Rio Grande*. Rio Grande, 13 dez. 1974, p. 2. Sobre a denominada “vocação” rio-grandina, afirmava a imprensa: “Rio Grande sempre esteve intimamente ligada ao mar” não só por estar situada às margens do oceano, se não que por lhe ter chegado através do mar as sementes da civilização, que ela espalhou por aqui e além, como centro pioneiro, que foi, na

colonização do Rio Grande do Sul. Nossa vocação marinheira começou há quase 238 anos, desde aquele 19 de fevereiro de 1737, quando as naus de Silva Paes aqui aportaram, e perpetuou-se através dos tempos (...). Rio Grande, berço de lidadores famosos que gravaram seus nomes a ferro e fogo em entreveros formidáveis pelas coxilhas e planuras do pampa largo, também ofereceu no domínio imenso das águas nomes que a fama, a justa fama, glorificou nos fatos da História Pátria. Desde o valoroso Marcílio Dias até o grande Tamandaré, passando pelo bravo Joaquim Francisco de Abreu, Rio Grande, cidade marítima, 'Noiva do Mar', tem sua história identificada, perfeitamente, com a história da própria Marinha do Brasil. E não, apenas, porque deu a ela vultos insignes, da estatura dos acima com reverência mencionados, mas porque entendeu o destino maior que as características de sua geografia lhe impunham, destino que foi plasmado pela grandeza de seus filhos, na busca sempre continuada de aprimorar sua condição de único porto marítimo do Estado e dos maiores do Brasil. (...) Foi feliz a Marinha ao fixar o dia 13 de Dezembro como sua maior data comemorativa. Ao assinalar, marcadamente, o dia do nascimento do 'Nelson Brasileiro', a Marinha consagra a vida e a obra de um vulto dos mais preclaros do Brasil, brasileiro e rio-grandino a pontuar o valor e a nobreza do marujo nacional perante as demais nações do mundo. Os feitos ilustres e os rasgos de nobreza do eminente marinheiro são de todos por demais conhecidos e não caberia citá-los no exíguo espaço deste comentário editorial. Os brasileiros que amam sua Pátria sabem deles e os memoram com respeito e admiração. Hoje, como ontem, a nobilitante tarefa de nossa Marinha de Guerra, a faina indômita dos homens que zelam pela segurança de nossos quase oito mil quilômetros de costas, os quais se estendem pelos 370 quilômetros de mar territorial, esse trabalho de profundo significado, dizíamos, prossegue sem o menor vislumbre de esmorecimento. (...) São grandes os

cívico no Dia do Marinheiro”¹⁴³. Já em 1975, os jornais lembravam a memória do Marquês de Tamandaré e suas raízes rio-grandinas, destacando as interfaces entre Pátria e dever¹⁴⁴ e informando que nesse ano as comemorações foram marcadas por rápida cerimônia¹⁴⁵.

O caráter predominantemente noticioso tornava-se cada vez mais a marca registrada da imprensa e o 13 de Dezembro passava a também constituir uma matéria de divulgação. Por vezes as notas biográficas chegavam a ser sucintas, afirmando-se, entretanto, que aquela “data crescia de expressão para o povo rio-grandino”, trazendo-se “a mais efusiva saudação à Marinha gloriosa, responsável pela segurança no mar e guardiã da soberania deste país de imenso litoral” e chamando atenção para o fato de que, naquele dia, reverenciava-se “a memória do seu ilustre Patrono, símbolo e exemplo de bravura, denodo e acendrado amor à Pátria”¹⁴⁶. O 13 de Dezembro propiciava também atividades de cunho filatélico, como ao lançar-se, nessa data, selos em homenagem à Marinha do Brasil, bem como os tradicionais atos cívico-militares, realizados, no caso da cidade do Rio Grande, em volta do busto do Patrono da Marinha¹⁴⁷.

caminhos do mar, por onde transita a riqueza das nações, num intercâmbio de progresso, tão grande quanto o espírito que anima os homens aos quais coube a missão maior de conservá-los livres”.

¹⁴³ *Rio Grande*. Rio Grande, 14 dez. 1974, p. 5.

¹⁴⁴ *Rio Grande*. Rio Grande, 13 dez. 1975, p. 2.

¹⁴⁵ *Agora*. Rio Grande, 13 dez. 1975, p. 3.

¹⁴⁶ *Rio Grande*. Rio Grande, 12 dez. 1976, p. 1.

¹⁴⁷ *Agora*. Rio Grande, 14 dez. 1976, p. 2-3.

O Dia do Marinheiro de 1977 era também destaque no editorial do jornal *Agora*, afirmando a folha que era aquela uma “homenagem mais do que justa àqueles que escolheram os vasos de guerra de sua Nação para ali, cumprindo as tarefas da vida militar naval, muitas vezes árduas e cansativas, tornarem-se homens úteis e valorosos”, e observando que “nos momentos em que foi solicitada a sua intervenção, a Marinha de Guerra do Brasil sempre demonstrou contar com elementos de brio, quer no comando, quer na execução das ordens”. Argumentava ainda que “os fatos históricos” revelavam “a veracidade desta afirmativa”, de modo que, “na vigilância do mar territorial brasileiro, estabelecido em duzentas milhas de extensão, ou defendendo o território da sanha nazista, nos tempos da Grande Guerra”, a Marinha mostrara que se mantinha “digna da descendência de tão ilustres nomes da História Pátria”. Tamandaré era lembrado como “orgulho ímpar para a gente rio-grandina”, dedicando-se à Marinha “os cumprimentos modestos, mas sinceros, daqueles que sabem reconhecer seu inestimável valor, na certeza de que jamais ficaria estagnada no tempo, pois o aperfeiçoamento e expansão da frota eram necessidades imperiosas”¹⁴⁸.

Ao final dos anos setenta, sob o título “Marinha prestigia a Terra de Tamandaré no Dia do Marinheiro”, anunciava-se para o Rio Grande “comemorações de excepcional brilhantismo” para o 13 de Dezembro, “com a presença de quatro almirantes e de uma força-tarefa composta de sete unidades”¹⁴⁹. A programação incluía

¹⁴⁸ *Agora*. Rio Grande, 14 dez. 1977, p. 2.

¹⁴⁹ *Rio Grande*. Rio Grande, 2 dez. 1978, p. 2.

cerimônia cívico-militar na herma do Almirante, discursos, apresentação de banda, coquetel e *Te-Deum* na Catedral de São Pedro. Descrições da vida do Patrono da Marinha, com destaque para seus “exemplos de civismo”, o debate historiográfico sobre o lugar de nascimento e a necessidade de um monumento mais condigno ao Marquês de Tamandaré foram também temas abordados pela imprensa em 1978, sob títulos evocativos como “Festividades sem precedentes no Dia do Marinheiro”, “Tamandaré, um herói rio-grandino lembrado dia 13” ou “A festa do Dia do Marinheiro”¹⁵⁰.

O ano de 1979 representa um passo decisivo em direção a mudanças nos destinos do país. O processo de reabertura política desencadeara-se já há meia década e teria um de seus pontos de inflexão naquele ano. Por ocasião do 13 de Dezembro, os jornais limitaram-se a descrever os atos cívicos e militares que demarcaram a efeméride¹⁵¹. Um ano mais tarde, as notas sobre o Dia do Marinheiro foram ainda mais informativas, limitando-se a arrolar o horário de cada atividade comemorativa a desenvolver-se, à exceção de um texto que reivindicava um monumento mais significativo ao Almirante Tamandaré do que o busto erguido na praça homônima¹⁵². Em 1981, uma razoavelmente extensa biografia do Almirante Tamandaré era trazida a público,

¹⁵⁰ *Agora*. Rio Grande, 11 dez. 1978, p. 5; *Rio Grande*. Rio Grande, 13 dez. 1978, p. 1; *Rio Grande*. Rio Grande, 14 dez. 1978, p. 1; *Agora*. Rio Grande, 14 dez. 1978, p. 8.

¹⁵¹ *Agora*. Rio Grande, 13 dez. 1979, p. 1; *Rio Grande*. Rio Grande, 14 dez. 1979, p. 1; *Agora*. Rio Grande, 14 dez. 1979, p. 3.

¹⁵² *Rio Grande*. Rio Grande, 13 dez. 1980, p. 1-2.

com destaque para sua participação na Guerra da Independência e no salvamento do *Ocean Monarch*, bem como para as condecorações e títulos recebidos¹⁵³; além disto, foram divulgados os atos festivos realizados em homenagem a mais um aniversário do nascimento de Marques Lisboa¹⁵⁴. No ano seguinte, além das usuais notas de divulgação dos atos solenes, voltava-se a abordar aspectos biográficos de Tamandaré, ao mesmo tempo em que se revelava o motivo dessa recorrência, afirmando que “muitos” desconheciam a razão de ser o dia 13 a data comemorativa do Marinheiro, revelando o intento de consolidar ainda mais a imagem do Patrono, relacionado com a Marinha e o Marinheiro, junto à memória coletiva, uma vez que era ele “motivo de orgulho para todos os rio-grandinos”¹⁵⁵.

A participação dos veteranos de guerra da Marinha do Brasil nas comemorações do 13 de Dezembro em 1983 era destacada através da imprensa¹⁵⁶, bem como eram prestadas homenagens a essa Força Armada e seus “grandes e inesquecíveis feitos”, realizados “ao longo de toda a sua história, como legítima representante dos direitos de soberania e representatividade da Pátria em todo seu extenso litoral marítimo”. Dizia-se ainda que a Marinha não estava “estagnada, deitada sobre os louros conquistados pelos bravos do passado” e, “muito pelo contrário”, era “a Arma de Defesa Militar brasileira que vinha

¹⁵³ *Agora*. Rio Grande, 11 dez. 1981, p. 8.

¹⁵⁴ *Rio Grande*. Rio Grande, 14 dez. 1981, p. 1.

¹⁵⁵ *Agora*. Rio Grande, 11 dez. 1982, p. 1; *Agora*. Rio Grande, 13 dez. 1982, p. 1; *Agora*. Rio Grande, 14 dez. 1982, p. 2.

¹⁵⁶ *Agora*. Rio Grande, 12 dez. 1983, p. 4.

apresentando inovações e melhoramentos incontáveis, às vezes até surpreendentes e inesperados”, como fora o caso do “Esquadrão Feminino da Marinha, iniciativa absolutamente pioneira” no país, “no sentido de valorização da mulher, garantindo a ela os mesmos direitos civis assegurados aos varões, num pluralismo de funções verdadeiramente democráticas, sem odiosas e retrógradas discriminações de cor, credo, raça ou sexo”. Deste modo, manifestava-se “júbilo e satisfação” pela “presença permanente e promissora de uma unidade de tal porte da Marinha”, com o que se renovariam “os motivos para a comemoração da passagem de mais um Dia do Marinheiro na terra que serviu de berço ao Patrono Tamandaré”¹⁵⁷. Ainda em 1983, o *Rio Grande* divulgava as atividades alusivas ao Dia do Marinheiro e publicava longo comentário defendendo que a cidade do Rio Grande ainda necessitava “ostentar o monumento condizente à memória” do Almirante Tamandaré. Na mesma edição, o jornal apresentava matéria em homenagem ao Patrono da Marinha, destacado já na epígrafe como “Herói da Independência, da Cisplatina e da Guerra do Paraguai”, ressaltando uma outra vez um esboço biográfico do personagem¹⁵⁸.

A imprensa rio-grandina manifestava entusiasmo no 13 de Dezembro de 1984, explicando que as comemorações a partir de então teriam um “sentido especial”, tendo em vista a instalação no Rio Grande do 5º Distrito Naval, de modo que as festividades contariam com a presença do Governador e das maiores autoridades militares do Estado. Além dos atos já

¹⁵⁷ *Agora*. Rio Grande, 13 dez. 1983, p. 2.

¹⁵⁸ *Rio Grande*. Rio Grande, 13 dez. 1983, p. 1-3.

tradicionais na Praça Tamandaré, ocorreria também a instalação da Sociedade dos Amigos da Marinha na cidade portuária¹⁵⁹. Uma das manchetes publicadas na ocasião destacava: “13 de dezembro – Dia do Marinheiro – dia de quem defende nossa soberania no mar”, avaliando a importância do mar para a sociedade brasileira e explicando que para aquela efeméride fora escolhido o aniversário natalício do Almirante Tamandaré, pois “ninguém como ele reuniu maior vocação marinha, maior exemplo de bravura e liderança, de patriotismo e dignidade, de lealdade e sacrifício”, de modo que, “por todos seus feitos navais e por sua brilhante personalidade, símbolo glorioso das virtudes cívicas, o grande Marinheiro, Marquês de Tamandaré”, fora “elevado às honras e à culminância de Patrono da Marinha”¹⁶⁰.

À metade dos anos 80 o processo de reabertura no Brasil chegava à sua culminância. Ainda que não saísse vencedora a proposta de eleição direta para Presidente da República, o cargo voltaria a ser ocupado por um civil, eleito por sufrágio indireto, iniciando-se a então denominada Nova República, numa fase de transição, com avanços e recuos inerentes aos mais variados aspectos da vida em sociedade, que deitaria raízes até a virada do milênio. O Dia do Marinheiro continuava a fazer parte da pauta dos jornais, caso do *Rio Grande*, que publicaria uma extensa biografia do Almirante Tamandaré, além de divulgar um tópico sobre a Marinha naquele momento, destacando que ela

¹⁵⁹ *Rio Grande*. Rio Grande, 12 dez. 1984, p. 1; *Agora*. Rio Grande, 13 dez. 1984, p. 7.

¹⁶⁰ *Agora*. Rio Grande, 11 dez. 1984, p. 4.

crescia “de valor principalmente por ser o Brasil um país de inequívoca vocação marítima, com imensa costa debruçada sobre o Atlântico, a grande via de comunicações do mundo ocidental, e com importante situação geoestratégica”, a impor “a sua presença no cenário mundial”. Comentava ainda a folha que desde que o país alcançara “a sua soberania, a Marinha cumprira sua missão e o seu dever para com a Nação”, contando para isso “com valorosa contribuição dos seus devotados Marinheiros”, que se espelhavam “no Marquês de Tamandaré”¹⁶¹. Já o *Agora* divulgava a Semana da Marinha sob o prisma das comemorações em torno da força naval¹⁶².

Por ocasião do 13 de Dezembro do ano de 1986, a imprensa divulgava os atos alusivos à data e publicava um breve esboço biográfico sobre Tamandaré, com destaque para seus estudos de cunho hidrográfico¹⁶³. No ano seguinte, a grande novidade divulgada pelos jornais rio-grandinos era a inauguração de um novo monumento a Tamandaré na cidade do Rio Grande¹⁶⁴. Novamente se lançava mão de descrever alguns detalhes da vida do Patrono da Marinha, justificando-se a sua escolha tendo em vista que “ninguém mais do que ele, ao longo dos tempos”, conseguira “reunir maior vocação marinha, maior exemplo de bravura e liderança, de patriotismo e dignidade, de lealdade e sacrifício”, de modo que, “por todos esses feitos navais e por sua

¹⁶¹ *Rio Grande*. Rio Grande, 13 dez. 1985, p. 4-5.

¹⁶² *Agora*. Rio Grande, 13 dez. 1985, p. 1.

¹⁶³ *Agora*. Rio Grande, 13 dez. 1986, p. 1 e 3.

¹⁶⁴ *Rio Grande*. Rio Grande, 6 dez. 1987, p. 2; *Agora*. Rio Grande, 8 dez. 1987, p. 1.

brilhante personalidade, símbolo inegavelmente glorioso das virtudes cívicas do cidadão”, fora ele considerado grande Marinheiro, Marquês de Tamandaré, e posteriormente elevado às honras de Patrono da Marinha”, diante do que todos estariam a dever “um tributo de reconhecimento e gratidão” ao personagem que protagonizara “mediante sua ação no campo de batalha e mesmo em tempo de paz, um dos mais belos exemplos da história nacional”¹⁶⁵.

A imprensa não perdia a oportunidade de enfatizar que a escolha do 13 de Dezembro recaía na data de “nascimento do ilustre brasileiro” Tamandaré, o qual tivera “a sua vida ligada aos empreendimentos e feitos navais brasileiros”, confundindo-se “a sua biografia com a própria história da Marinha”. A relevância daquelas comemorações para cidadãos do Rio Grande era mais uma vez destacada, argumentando-se que “a gente rio-grandina”, que ostentava “com orgulho a boa fama de cultivar a mentalidade marítima em escala superior às populações de outras cidades brasileiras”, teria noção suficiente sobre o que era a vida no mar, assim como “os fatos que serviram para patentear essas qualidades eram por demais conhecidos” da população rio-grandina, que por isso tinha consciência da justeza das comemorações festivas” que se desenvolviam “ao longo desta Semana da Marinha”¹⁶⁶. Outra matéria publicada buscava lembrar as “lições e vida de virtudes” concernentes a Tamandaré, afirmando que ele tivera uma “vida impregnada de valores”, fora “um homem de valor transbordante de vida” e tivera “uma vida rica de

¹⁶⁵ *Agora*. Rio Grande, 12 dez. 1987, p. 2.

¹⁶⁶ *Rio Grande*. Rio Grande, 13 dez. 1987, p. 1.

lições”. Arrolavam-se então as “lições de virtudes” expressas e atribuídas a partir das ações do Almirante: identidade, longevidade, amor à família, simplicidade, modéstia, dedicação ao estudo, arrojo, coragem, audácia, intrepidez, gentileza, fidalguia, honestidade, humanitarismo, eficiência, solidariedade, amizade, justiça, brasilidade e respeito pelos nacionais, espírito de sacrifício, engenhosidade e capacidade de improvisação, altruísmo, cavalheirismo, capacidade de previsão, coerência, hombridade, fidelidade, amizade, piedade, zelo, responsabilidade, abolicionismo e dinamismo¹⁶⁷.

No ano em que o Brasil passava a ser guiado por uma nova constituição, considerada um dos pontos altos do processo de redemocratização, o 13 de Dezembro tinha mais uma vez suas solenidades divulgadas por meio da imprensa, que também lembrava quão “grandes e inesquecíveis foram os feitos da Marinha de Guerra, ao longo de toda” a História Brasileira, renovando-se o desejo de que a Armada continuasse, “através dos anos vindouros, apta e capaz de lutar pela nacionalidade e soberania brasileiras, como até então sempre o fizera”¹⁶⁸. Já no ano em que no país voltavam a ocorrer eleições diretas para Presidente da República, a imprensa divulgava as atividades que se desenvolveriam por razão da efeméride, com a “presença das mais altas autoridades estaduais nas comemorações de amanhã” e descrevendo alguns dos atos solenes¹⁶⁹. Na próxima Semana da Marinha, a imprensa ampliava a sua

¹⁶⁷ *Agora*. Rio Grande, 13 dez. 1987, p. 11.

¹⁶⁸ *Agora*. Rio Grande, 13 dez. 1988, p. 2-3.

¹⁶⁹ *Rio Grande*. Rio Grande, 12 dez. 1989, p. 1; *Agora*. Rio Grande, 13 dez. 1989, p. 1.

cobertura, divulgando as solenidades no Rio Grande, em Pelotas e São José do Norte¹⁷⁰. Foi publicada também uma crônica acerca do Patrono da Marinha¹⁷¹. O grande destaque das comemorações à Semana da Marinha esteve por conta da união de forças nas homenagens entre Marinha e Exército, com entrega de estandarte e descerramento de busto do Almirante no quartel do Exército¹⁷². Ainda que de forma tardia em relação à efeméride e já próximo à virada do século e do milênio, a imprensa ainda abria espaço a contestações quanto ao berço natal de Marques Lisboa, intentando justificar seu nascimento em São José do Norte, na matéria “Semana da Marinha – a verdade sobre Tamandaré”¹⁷³.

No início da década de noventa, várias instituições cidadinas manifestavam-se através da imprensa, buscando prestar “uma homenagem àqueles que, a exemplo do Almirante Joaquim Marques Lisboa, Marquês de Tamandaré, Patrono da Marinha do Brasil”, traçavam “com bravura o ideal de trabalho e engrandecimento da Nação”, prestando “a todos os marinheiros da esquadra naval brasileira o reconhecimento” pelo “compromisso nas conquistas e manutenção da paz e da hegemonia política, militar e econômica do país”, bem como “na consolidação da liberdade”, fatores que estariam a garantir “o Brasil no rol das grandes nações”¹⁷⁴. A presença do Governador

¹⁷⁰ *Agora*. Rio Grande, 8-9 dez. 1990, p. 1.

¹⁷¹ *Agora*. Rio Grande, 13 dez. 1990, p. 2.

¹⁷² *Rio Grande*. Rio Grande, 13 dez. 1990, p. 1; *Agora*. Rio Grande, 14 dez. 1990, p. 1 e 4.

¹⁷³ *Agora*. Rio Grande, 19 dez. 1990, p. 5.

¹⁷⁴ *Agora*. Rio Grande, 13 dez. 1991, p. 1.

do Estado e de autoridades civis e militares e a realização de atos solenes e desfiles marcaram o 13 de Dezembro, em 1991, na comuna rio-grandina¹⁷⁵. No ano seguinte, ocorreria a publicação de uma crônica sobre o Almirante Tamandaré, enaltecendo sua figura histórica e reivindicando junto à autoridade municipal uma melhor localização para o monumento ao Patrono da Marinha¹⁷⁶.

O ano de 1994 seria marcante para a retomada de matérias em maior escala sobre Tamandaré, a Marinha e o Marinheiro, tendo em vista o traslado dos restos mortais do personagem de volta à sua terra natal. Uma das primeiras providências tomadas pela Marinha foi a limpeza e pintura da fachada da Catedral de São Pedro, tendo em vista que o mais antigo templo sul-rio-grandense fazia parte dos locais onde se desenvolveriam os atos solenes daquele traslado¹⁷⁷. Além da missa e da exposição em vigília pública dos restos mortais de Tamandaré e sua esposa, haveria também salva de tiros de canhão, desfile, apresentação de banda e queima de fogos¹⁷⁸, até a colocação definitiva junto ao panteão especialmente erguido para esse fim¹⁷⁹. Depois de uma série de solenidades e de passar pela cidade de São José do Norte, os restos fúnebres do Almirante vieram a encontrar sua morada definitiva. A imprensa anunciava em manchete: “Tamandaré retorna à terra natal”¹⁸⁰.

¹⁷⁵ *Rio Grande*. Rio Grande, 14-15 dez. 1991, p. 1.

¹⁷⁶ *Agora*. Rio Grande, 13 dez. 1992, p. 2.

¹⁷⁷ *Agora*. Rio Grande, 3-4 dez. 1994, p. 20.

¹⁷⁸ *Agora*. Rio Grande, 15 dez. 1994, p. 7.

¹⁷⁹ *Agora*. Rio Grande, 16 dez. 1994, p. 3.

¹⁸⁰ *Agora*. Rio Grande, 17 dez. 1994, p. 1 e 3; *Agora*. Rio Grande, 20 dez. 1994, p. 20.

Já na segunda metade dos anos noventa, a imprensa retomava à questão da íntima relação entre a comunidade rio-grandina para com Tamandaré e a Marinha, afirmando que o 13 de Dezembro tinha um sentido especial para a cidade do Rio Grande, aproximando-se assim a figura de Tamandaré e a ação da Marinha com a população papareia¹⁸¹. Em 1998, o

¹⁸¹ *Agora*. Rio Grande, 13-14 dez. 1997, p. 2. Sobre essas relações, afirmava o jornal: “Em 19 de fevereiro comemora-se oficialmente o aniversário de fundação do Município. No entanto, pode-se dizer que uma cidade como Rio Grande, fundada e desenvolvida por homens ligados ao mar, deve ter também sua data, mesmo que por adoção, ligada à data em que se homenageia aquele que vive no mar. Vivemos mais um Dia do Marinheiro e, na condição de cidade que tem a honra de ter servido de berço e, agora também de guardar os restos mortais do insigne Patrono da Força Naval, seus filhos sentem-se participantes de todas as homenagens que são prestadas aos homens que, com arrojo e galhardia, sobrepujam a fúria dos mares para levar ao mundo o abraço de todos nós e, quando necessário, mostrar também que estamos preparados para lutar pela liberdade e soberania deste país. O 13 de Dezembro representa muito mais que um simples dia; assinala a homenagem à mais velha força armada brasileira. Representa, antes de tudo, a raiz da própria história de um povo que sempre usou o mar para desenvolver-se. Seja no ato do seu próprio descobrimento, quando as caravelas comandadas por Pedro Álvares Cabral chegaram ao Monte Pascoal, passando pela criação da Armada Brasileira e pela abertura dos portos às nações amigas, para chegar à guerra contra o Paraguai e ao segundo grande conflito mundial. Ali estava inexoravelmente estampada a garra e tenacidade do brasileiro que ama a terra mas conhece perfeitamente o grande parceiro que representa o mar. Rio Grande, em especial,

Agora publicava o editorial “Os bravos homens do mar”, no qual, mais uma vez destacava a relevância do 13 de Dezembro para os rio-grandinos, salientando que “mais do que em qualquer outro ponto deste imenso país”, os habitantes da “Noiva do Mar” teriam “obrigação de salientar vibração e orgulho pela farda azul e branca” da Marinha do Brasil, cujos navios diuturnamente singravam as águas costeiras “na permanente vigília em nome da soberania verde e amarela”, tendo em vista que junto à comuna dera-se o nascimento de Marques Lisboa, “um exemplo de dignidade e liderança”, o Patrono daquela força militar¹⁸².

Na virada do milênio, o 13 de Dezembro era marcado na cidade natal do Almirante pela inauguração de um espaço cultural no Panteão do Patrono da Marinha, constituindo verdadeiro memorial de Tamandaré, bem como de um bazar, no qual os visitantes poderiam encontrar objetos de motivos navais para aquisição. Além de Marques Lisboa, eram também lembrados os nomes de três militares rio-grandinos

vivenciou de perto grande parte dessa história, por receber de braços abertos navios de todas as nações através do seu porto marítimo; por ter participado da guerra do Paraguai, com vários de seus filhos e inclusive Marcílio Dias, que se destacou ao doar a própria vida para defender a sagrada bandeira verde-amarela e ganhar, por merecimento, o título de ‘Imperial Marinheiro’, ou por participar permanentemente da vida militar naval, através da sua Capitania dos Portos. Hoje, mais do que nunca, cada rio-grandino é um marinheiro sem farda e sente na própria carne, com orgulho, a homenagem que se presta à Força Naval e, em particular, ao 5.º Distrito Naval que representa a nossa Marinha tão *papareia*”.

¹⁸² *Agora*. Rio Grande, 15 dez. 1998, p. 2.

ligados ao mar, o Imperial Marinheiro Marcílio Dias, o Almirante Joaquim Francisco de Abreu e o Comandante Felynto Perry¹⁸³. Constituía esse ato uma forma de renovar na memória coletiva o papel de Tamandaré, bem como o intento de uma aproximação ainda maior com a coletividade. A ocasião servia também para destacar a importância da ação da Marinha na cidade do Rio Grande, mormente a partir da instalação do 5º Distrito Naval, em especial no que tange aos programas de assistência comunitária prestados por essa Força¹⁸⁴. As várias atividades solenes realizadas na cidade eram também noticiadas pela imprensa¹⁸⁵.

Já no novo século e no novo milênio, a imprensa mantinha a tradição de divulgar os eventos em torno do 13 de Dezembro, o Panteão de Tamandaré vinha constituindo importante ponto de realização de cerimônias¹⁸⁶. Entrega de medalhas, discursos e leitura de mensagem presidencial foram algumas das atividades que caracterizaram as solenidades em torno do Dia do Marinheiro, em 2003, na cidade berço do Patrono da Marinha¹⁸⁷. Em 2004 e 2005 viriam a se repetir os rituais solenes¹⁸⁸. Os atos festivos e as solenidades em torno do 13 de Dezembro, rememorando o papel social desempenhado pelo Patrono da Marinha,

¹⁸³ *Agora*. Rio Grande, 1º dez. 2000, p. 4.

¹⁸⁴ *Agora*. Rio Grande, 13 dez. 2000, p. 2.

¹⁸⁵ *Agora*. Rio Grande, 1º dez. 2000, p. 4.

¹⁸⁶ *Agora*. Rio Grande, 4 dez. 2002, p. 3; *Agora*. Rio Grande, 13 dez. 2002, p. 7.

¹⁸⁷ *Agora*. Rio Grande, 13-14 dez. 2003, p. 1 e 3.

¹⁸⁸ *Agora*. Rio Grande, 11-12 dez. 2004, p. 2; *Agora*. Rio Grande, 14 dez. 2004, p. 3; *Agora*. Rio Grande, 14 dez. 2005, p. 6.

desenvolveram-se praticamente sem interrupções nos oitenta anos que se seguiram à publicação do Aviso que instituía esta como uma data cívico-militar do calendário oficial brasileiro, como se repetiria nos anos seguintes, numa atitude que se estenderá pelo futuro. Esse microcosmo envolvendo o local e o regional bem pode expressar um comportamento nacional, de modo que as comemorações ao 13 de Dezembro cristalizaram-se de forma inexorável no seio da sociedade brasileira, sul-rio-grandense e rio-grandina. No Rio Grande do Sul e no Rio Grande, a exemplo do que acontecia no resto do país em múltiplas atividades, inclusive divulgadas por meio do jornalismo, mormente as realizadas no centro da nação, buscou-se estabelecer uma inter-relação ainda mais íntima com as comemorações do Dia do Marinheiro, tendo em vista ter sido o Rio Grande, o berço onde nascera o Almirante.

Desde breves notas, passando por algumas colunas, largos textos, páginas inteiras e as alusivas “páginas de honra”, foram várias as modalidades discursivas e gráficas pelas quais a imprensa trouxe a público a questão do Dia do Marinheiro, com constantes recorrências no que tange a apontamentos sobre a vida, detalhadas biografias ou tábuas cronológicas sobre a existência de Tamandaré, bem como de matérias noticiosas sobre as solenidades alusivas à data, no contexto local, regional e nacional, e ainda escritos sobre a importância da Marinha para a existência do país. O 13 de Dezembro se consolidava assim como um acontecimento que tinha por intento fundamental uma constante revitalização da memória em torno de Joaquim Marques Lisboa, de maneira a valorizar e glorificar o personagem histórico, ano a ano e geração a geração,

partindo-se da premissa que “a memória que se fixa por escrito” tende a ser “a do excepcional, de fatos, gestos e palavras que não são vulgares”¹⁸⁹. Nesse sentido, “a memória, como propriedade de conservar certas informações”, remete “em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas”¹⁹⁰. De acordo com essa perspectiva, visava-se a evitar que sua ação se apagasse junto à memória social, utilizando a ênfase e até mesmo a repetição como estratégias discursivas que plasmassem uma identidade¹⁹¹. Assim, por meio das páginas impressas, dava-se a construção de um feixe bem elaborado de inter-relações, de modo que o 13 de Dezembro passava a ser a data alusiva à Marinha, ao Marinheiro e ao Almirante Tamandaré, que, por sua vez, personificava em si esse conjunto de interações.

¹⁸⁹ DUBY, Georges. *Diálogo sobre la Historia*. Madrid: Alianza, 1980. p. 69.

¹⁹⁰ LE GOFF, Jacques. *História e memória*. 3.ed. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1994. p. 423.

¹⁹¹ Este objetivo é bem expresso por Aquiles Porto Alegre, ao abordar a ação de Tamandaré, afirmando: “Em sua vida há episódios tão impressionantes, tão comovedores, tão trágicos, que a memória popular os retém ainda, com todas as suas minúcias tocantes, como se houvessem sido desenrolados agora, diante dos nossos olhos”. PORTO ALEGRE, Aquiles. *Homens ilustres do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: ERUS, [s. d.]. p. 42.

A “data cívica” da Batalha do Riachuelo: heroicizando o imperial marinho Marcílio Dias

A conjuntura histórica na qual esteve inserida a Guerra do Paraguai apresentava um conjunto de jogos de interesses na região platina. Desde a sua independência, o Paraguai adotara uma postura de isolamento no âmbito continental, visando a estabelecer condições socioeconômicas de certa autonomia e com um modelo político de forte intervenção estatal. À Grã-Bretanha, que pretendia manter as relações de dependência e usufruir do livre comércio na região, o modelo guarani não agradava. A partir da administração de Francisco Solano Lopes, consolidava-se uma alternância na política externa paraguaia, buscando participar mais ativamente da diplomacia sul-americana.

O Império do Brasil tinha por intento exercer uma hegemonia no contexto sul-americano, bem como buscava manter a navegação na Bacia do Prata, fundamental para a chegada ao interior do país. A Argentina almejava porções do território paraguaio e o Uruguai via-se dividido pelos conflitos partidários internos e, externamente, apresentava governos mais favoráveis ao Brasil ou à Argentina. Por ocasião do conflito bélico entre o Império e o Uruguai de Atanásio Cruz Aguirre, o Paraguai se colocou na defesa deste, o qual foi derrotado e em seu lugar colocado Venâncio Flores. Solano Lopes levaria em frente seu apoio e, para tanto, invadiu o norte da Argentina e o Rio Grande do Sul, com a meta de chegar ao Uruguai, além da província imperial do Mato Grosso.

Diante disso, em maio de 1865, seria assinado o Tratado da Tríplice Aliança, pelo qual Brasil, Argentina e Uruguai uniam-se contra o Paraguai, pactuando um combate ao “tirânico e despótico ditador”, em alusão a Solano Lopes, de modo a evitar o plano deste de formar um “Grã-Paraguai”, o qual envolveria uma prática bélica e expansionista paraguaia em relação aos seus vizinhos, bem como promover o que consideravam uma necessária “salvação do povo guarani”, com a proposição de libertá-lo do que chamavam de jugo ditatorial de Lopes.

Os primeiros passos da guerra foram no sentido de expulsar os paraguaios dos territórios invadidos, como o Mato Grosso e o Rio Grande do Sul, no Brasil, e o norte da Argentina. Já nesse território, iniciaram-se os tantos obstáculos enfrentados pelo Império para vencer o inimigo, promovendo, inclusive, a necessidade de uma reorganização bélica para o combate naquele tipo de terreno. Uma dos enfrentamentos mais decisivos desta época foi a Batalha Naval do Riachuelo, travada na Argentina setentrional, na qual a esquadra brasileira teve de enfrentar as forças paraguaias em excelentes condições de combate, e a reversão de expectativas só ocorreu tendo em vista a resistência das tropas imperiais e uma manobra pouco ortodoxa do comandante Barroso que acabaria por levar à vitória dos aliados.

A Batalha do Riachuelo, travada a 11 de junho de 1865, seria um dos momentos decisivos no encaminhamento da Guerra do Paraguai, pois, a partir dela, a expansão paraguaia foi detida, com o refluxo de tal avanço, e o confronto passou a concentrar-se no próprio território paraguaio. O conflito bélico ainda se estenderia por praticamente um lustro, com marchas e

contramarchas, até que o intento fundamental da Tríplice Aliança, quer seja, a queda de Francisco Solano Lopes fosse finalmente executado. Além das questões estratégicas voltadas à internalização da guerra no Paraguai, tal batalha também foi relevante tendo em vista os prejuízos que a esquadra guarani sofreu diante da derrota.

Os atos bélicos travados no Riachuelo viriam a constituir verdadeira pedra de toque na edificação de personalidades guindadas ao panteão da heroicidade nacional. Dentre elas estiveram o Almirante Francisco Manoel Barroso da Silva, Barão do Amazonas, comandante das forças, indicado como o autor da estratégia decisiva da vitória, utilizando-se da belonave *Amazonas* para abalroar as embarcações inimigas. Apareceram também dois personagens nascidos na cidade do Rio Grande. Um deles, Joaquim Francisco de Abreu, comandante da nau *Belmonte*, com ação considerada como prenhe de bravura e energia naquele combate. O outro foi um jovem imperial marinheiro, Marcílio Dias, morto em combate em defesa da bandeira nacional.

Com o passar do tempo, a Batalha do Riachuelo, junto de alguns de seus participantes, viria a ser incorporada ao rol de datas cívicas brasileiras e um breve estudo de caso acerca das comemorações do cinquentenário e do centenário do evento, retratadas pela imprensa rio-grandina, respectivamente de 1915 e 1965, serve para demonstrar tal incorporação. Em cada uma das efemérides, houve um enaltecimento acerca da importância do combate associado ao processo que visava a incrementar um heroizar daqueles

personagens, com especial atenção para a figura de Marcílio Dias.

Em 1915, quando a Batalha do Riachuelo completava meio século, o decano da imprensa rio-grandina era o *Echo do Sul*, um dos mais combativos jornais sul-rio-grandenses. Por décadas tal folha colocou-se não só na oposição, como também na resistência ao modelo castilhistaborgista que dominou o Rio Grande do Sul durante a República Velha. Ardoroso combatente, o *Echo* viria a sofrer fortes perseguições políticas, tanto que sua circulação esteve interrompida por diversas vezes, tendo em vista a coerção governamental. Ao final da primeira década do século XX, o periódico promoveria uma certa suavização de suas manifestações político-partidárias, acompanhando a tendência de um jornalismo predominantemente informativo que ganhava espaço à época. O cinquentenário de Riachuelo foi observado pelo *Echo* por meio do editorial “11 de junho de 1865 – Marcílio Dias e a Batalha Naval do Riachuelo”¹⁹².

O editorial do *Echo do Sul* lembrava “a memorável batalha naval do Riachuelo”, travada entre brasileiros e paraguaios. A ação na corveta *Parnaíba* era lembrada como “o épico inferno de sangue e fogo”, pois ali se estabelecera “tremenda luta corporal em que a machadinha trabalhou incessantemente”, fosse “decependo membros”, fosse “despedaçando crânios”, de modo que “a cada golpe tombava, infalivelmente, um dos guerreiros”. A folha destacava as dezenas de marinheiros que, “com denodo”, pereceram naquela “homérica pugna”, transformando-se o convés “em

¹⁹² *Echo do Sul*. Rio Grande, 11 jun. 1915, p. 1.

vasto estendal de cadáveres e ainda mais vasto rio de sangue”.

Especificamente quanto a Marcílio Dias, o jornal enfatizava que ele lutara, “impavidamente, à arma branca, qual leão invencível”, de maneira que, ao se “darem conta de tão subido heroísmo”, os paraguaios se precipitaram sobre o marinheiro brasileiro. A descrição continuava, afirmando o periódico que Dias não pestanejava, aceitando a luta e “atirando-se a ela com tal impetuosidade que, a um só golpe de sua machadinha” caíam “inertes dois dos audaciosos” paraguaios. Ressaltava ainda que o próprio Marcílio tivera ali o “seu último triunfo”, também caindo, “não morto ainda, apesar de ter o corpo crivado de cutiladas”. Segundo o jornal, a queda do marinheiro brasileiro coincidia com o término do “combate formidável, o primeiro” dentre “os travados em águas sul-americanas”, com a ação do *Amazonas* levando a pique as embarcações adversárias. O editorial era encerrado com a constatação de que só após “ter erguido um *viva ao Amazonas*, suas últimas palavras, foi que o destemido Marcílio entregou a sua límpida alma ao Criador”.

Outro integrante do jornalismo rio-grandino à época do cinquentenário era *O Intransigente*, defensor ardoroso dos princípios castilhistas-borgistas, tanto que se apresentava no frontispício como “órgão republicano”. Em relação ao aniversário do combate de Riachuelo, a folha republicana dedicou a matéria intitulada “11 de Junho”, na qual rememorava que para “a gloriosa Marinha” assinalava “a data de 11 de junho um dos seus mais gigantescos feitos”, o qual reviveria “na posteridade, perpetuando a excelsa memória de um pugilo de bravos”. De acordo com o periódico, se

mantivera “culminante, em superior destaque nesse dia a figura heroica de um negro valoroso – o redivivo Marcílio Dias”, que morrera “gloriosamente no momento em que se erguia bem alto o auriverde pendão brasileiro”, o qual “o inimigo ousado” tentara substituir pela bandeira “das forças inimigas”¹⁹³.

Ainda fazia parte da imprensa rio-grandina em 1915, o periódico *O Tempo*, o qual teve nortes editoriais que variaram entre a preeminência do noticioso e o engajamento partidário. Por ocasião do cinquentenário, o jornal reproduziu em seu editorial o mesmo artigo publicado no *Echo do Sul*, sob o título “Um herói”. Na ocasião, a folha rio-grandina estampou também a coluna intitulada “Marcílio Dias”¹⁹⁴, explicando que esse era “um nome que a História” guardava “com carinho, registrando os seus feitos de valor”, os quais “o povo do Rio Grande” deveria “venerar, mais ainda por ser filho modesto do povo”, estando “nisso um destaque formidável”, já que “nem todos os heróis” seriam aqueles “que a História” impunha. Para o jornal, “Marcílio Dias foi ainda mais herói do que a História” dizia “e, para comprovar” tal asserção, considerava que bastava “a sua condição de simples marinheiro”.

Na concepção do *Tempo*, havia “heróis feitos pela buzina do jornalismo coevo e outros feitos através de mil trapanças dos incensadores de antanho”, os quais nem sempre seriam “justos, nem lógicos”. Nesse sentido, explicava que “a glória, os grandes feitos” deveriam “chegar através da alma popular”, pois lá estaria “o grande cadinho da História para depurar os exageros e a

¹⁹³ *O Intransigente*. Rio Grande, 11 jun. 1915, p. 1.

¹⁹⁴ *O Tempo*. Rio Grande, 11 jun. 1915, p. 1.

crítica dos fatos para a análise justiceira e severa”. Segundo a publicação rio-grandina, “a glorificação da Marcílio Dias” estava “depurada”, uma vez que “fulge, irradia, brilha como uma constelação luminosa e fulgurante”.

Para este jornal, aquele “valente e destemido marinheiro” soubera, “em arroubos de verdadeiro patriotismo, levantar o nome da sua pátria, morrendo heroicamente, abraçado à sua bandeira”. Destacava ainda que tais atos correspondiam a um “desprendimento da vida”, de modo que, com “patriotismo e abnegação” serviriam para formar “o valor” e dar “individualidade de destaque a um obscuro filho da gleba”, cujo “coração de patriota” era carregado de “civismo e arrojo”. De acordo com o periódico, “o povo deve adorar os heróis saídos da sua camada”, como seria o caso daquele “formidável patriota”, detentor de “atos de heroísmo e bravura”.

A mais jovem publicação periódica que representava o jornalismo rio-grandino em 1915 era o *Rio Grande*, favorável à causa castilhistaborgista, tanto que se apresentava como “órgão do partido republicano”. Mais tarde, a folha abandonaria o dístico partidário e buscaria um viés mais informativo. A respeito da meia centúria de Riachuelo, o jornal publicou a matéria “Data memorável”¹⁹⁵, a partir da qual demarcava que “o dia 11 de junho” assinalara “a passagem do feito marítimo guerreiro mais assombroso que o sol sul-americano iluminou”. A folha lembrava que se passara meio século desde que a Marinha, “sob o comando do intrépido almirante Francisco Manoel

¹⁹⁵ *Rio Grande*. Rio Grande, 11 jun. 1915, p. 1.

Barroso" forçara "a passagem do Riachuelo, conferindo à tirania de Lopes, o fero ditador paraguaio, a mais extraordinária vitória", dentre aquelas "que as crônicas dessa memorável luta", conhecida como Guerra do Paraguai, "registraram no mais fulgurante dos seus trechos".

Tal folha descrevia as circunstâncias nas quais se desencadearam os movimentos bélicos, com especial atenção aos acontecimentos na *Parnaíba*, a qual "teve a sua guarnição a defendê-la com tão indescritível bravura que cobriu de glórias os nomes de todos", mormente o "do heroico marinheiro Marcílio Dias", o qual sucumbira "na titânica luta, depois de juncar de cadáveres o tombadilho da intemerata nau", constituindo-se naquele "que mais se salientou nessa pugna de leões". O periódico dedicava ainda certo destaque para a ação do navio *Belmonte* e o comando "do bravo e enérgico" Joaquim Francisco de Abreu.

O *Rio Grande* ressaltava que, ao lembrar "esse estupendo feito, que tanto glorificou o nome brasileiro na história das lutas e na defesa da integridade do território" brasileiro, não passava "pela mente a ideia de vazar ódios contra o país tiranizado", o qual teria sido "levado a essa titânica luta para satisfazer os caprichos do ditador sanguinário", o qual, "a exemplo de um novo Nero, nem a própria mãe poupou". Nessa linha, sustentava que seu intuito era apenas o de "render uma justa homenagem à gloriosa Marinha", a qual soubera "manter as suas brilhantes tradições de grandeza e de amor ao solo sagrado", no qual "as vibrações do patriotismo" faziam "de cada coração de soldado uma muralha invulnerável de dedicação" ao "estremecido torrão" natal.

Meio século depois, era exatamente o *Rio Grande* o único jornal que circulava no âmbito rio-grandino à época do centenário da Batalha Naval do Riachuelo. Na semana que antecedeu à data, houve ampla divulgação dos atos comemorativos, como noticiava o periódico: “Rio Grande festejará o Centenário da Batalha de Riachuelo a partir de amanhã”, passando a divulgar o programa das atividades que viriam a compor a “Semana Marcílio Dias”, instituída para demarcar as celebrações. Dentre os eventos, apareciam: preleções, concursos escolares sobre a vida do marinheiro, visitação a museu, exposições, programas cívicos radiofônicos, torneios esportivos e turfísticos, concertos sinfônicos, missa campal, cerimônia de lançamento de flores ao mar, coquetéis, noite tradicionalista, apresentação de filmes e baile¹⁹⁶.

No editorial desta mesma edição, o *Rio Grande* destacava que a cidade se engalanava, demonstrando a “consciência marítima de seu povo, ao reverenciar a memória dos heróis nacionais, dois dos quais – Tamandaré e Marcílio Dias – nasceram” na urbe portuária. A folha enfatizava que a comunidade era o “berço do patrono da Marinha e do imperial marinheiro”, o qual, “por seu ato heroico”, entrara “para as páginas da história” e notificava que as comemorações estavam “atraindo as atenções”, ocorrendo as mais importantes diante da “figura brônzea” que retratava “o momento de sacrifício” de Dias, em referência à estátua erguida em praça pública. O jornal aproveitava a oportunidade para ressaltar que a cidade estaria a dever à “figura do grande chefe naval”,

¹⁹⁶ *Rio Grande*. Rio Grande, 3 jun. 1965, p. 1.

Tamandaré, um monumento de igual imponência, para “reviver” um “sentimento cívico nas gerações atuais”, bem como “reparar uma falta” e “pagar uma dívida de gratidão”¹⁹⁷.

O programa das comemorações do “I Centenário da Batalha Naval do Riachuelo” voltou a ser divulgado na íntegra pelo *Rio Grande* e, a cada dia, era noticiado o transcorrer das atividades, com destaque para a chegada de belonaves no porto citadino. A folha chegou a anunciar que “Brilhantismo sem precedentes alcançam as comemorações” do centenário. Já na véspera daquele 11 de junho, a publicação rio-grandina apresentava a manchete: “Centenário da Batalha Naval de Riachuelo: comemorações chegam ao clímax”, muitas delas voltadas a “prestar homenagem ao imortal Marcílio Dias, diante do monumento” que perpetuava “a sua figura de herói”¹⁹⁸.

Na edição do dia 11 de junho, o jornal estampava o retrato do imperial marinheiro e anunciava em letras garrafais: “Em honra dos heróis desfila a mocidade”, passando a descrever as atividades alusivas para aquela data. Houve destaque também para a presença do submarino *Riachuelo*, aberto à visitação pública, em homenagem à “maior batalha naval do continente”. Ainda apareciam versos do poeta pernambucano Vitoriano Palhares: “Foi prodígio! Riachuelo assombra./ é custoso pensar nessa batalha:/ Deus ali trabalhou./ Ali

¹⁹⁷ *Rio Grande*. Rio Grande, 3 jun. 1965, p. 2.

¹⁹⁸ *Rio Grande*. Rio Grande, 4 jun. 1965, p. 1 e 4; 5 jun. 1965, p. 1 e 8; 7 jun. 1965, p. 1 e 8; 10 jun. 1965, p. 1.

da morte difundiu-se a sombra,/ Em manto, que era púrpura e mortalha,/ E que ao mundo espantou”¹⁹⁹.

No editorial²⁰⁰, o periódico rio-grandino referendava aquele rol de solenidades comemorativas, sob o título “Nosso dever também cumprido”. Segundo a folha, “todo o Brasil” reverenciava “a memória dos bravos que tombaram e dos chefes navais que empregaram toda a sua inteligência”, visando a “conquistar uma vitória, para muitos impossível, diante da superioridade de forças do inimigo”. O jornal ressaltava que “Rio Grande, de maneira especial”, comemorava tal centenário, por tratar-se da “terra de Tamandaré, o grande almirante”, que se dedicara “por inteiro” à força naval, desde os seus primórdios, vindo “a merecer a honra insigne de ser escolhido Patrono da Marinha”. Enfatizava que era também a terra de Marcílio Dias, “o jovem marinheiro, que se transfigurou ante a exigência máxima do dever assumido para com a pátria”, escrevendo “a página mais expressiva de desprendimento levado às últimas consequências”. Além de constituir o torrão natal de Joaquim Francisco de Abreu, comandante da *Belmonte*, naquele “encontro sangrento”. Diante disso, o diário rio-grandino concluía que a cidade tinha “motivos maiores para relembrar o feito e para comemorar, com toda a solenidade”.

O *Rio Grande* apontava que as comemorações rio-grandinas “ganham expressão marcante no cenário nacional”, secundando apenas as festividades ocorridas no Rio de Janeiro. Segundo a folha, a comunidade organizara “uma semana de comemorações movida pelo

¹⁹⁹ *Rio Grande*. Rio Grande, 11 jun. 1965, p. 1.

²⁰⁰ *Rio Grande*. Rio Grande, 11 jun. 1965, p. 2

orgulho que a conterraneidade dos grandes vultos da história da Marinha” lhe proporcionava. Enfatizava que em tal efeméride ficaram ressaltados “os exemplos de bravura, de desprendimento, de patriotismo levado ao sacrifício extremo”, em um quadro pelo qual, a “veneração pelos heróis de Riachuelo” se misturava “com a satisfação” de conseguir “realizar uma programação de solenidades para as quais foram atraídas as atenções do povo”. Diante disso, o periódico concluía que aquela “geração de rio-grandinos” cumprira “o seu dever”.

Em outras páginas desta edição comemorativa, o *Rio Grande* divulgava “Documentos e notas sobre Marcílio Dias” e prosseguia noticiando o rol de atividades celebrativas, caso de uma peça apresentada na associação União Operária, sob o título “Marcílio Dias, o negro herói nacional”. Nas páginas centrais aparecia longa matéria intitulada “Riachuelo, altar do heroísmo”, contendo registros iconográficos de cenas urbanas citadinas, contemplando “Rio Grande no tempo de Marcílio Dias”, destacando “navios com o nome de Marcílio Dias” e recorrendo sobre os acontecimentos que marcaram a Batalha do Riachuelo, com especial atenção para “a bravura de Marcílio”. Outro segmento da matéria trazia uma tábua cronológica, com “Destaques da vida de Marcílio Dias”. As páginas do jornal apresentavam ainda a matéria “O encontro de Riachuelo visto pelo Barão de Tefé” e outra com destaque para lugares e entidades cujas denominações homenageavam o imperial marinhaeiro, levando à “perpetuação do nome de Marcílio”. Um soneto do

poeta gaúcho Damasceno Vieira, intitulado “A Marcílio Dias” também figurava na edição especial²⁰¹:

Entre aplausos ressurge a tua imagem,
Filho do sul, valente marinheiro,
Bravo Marcílio, jovem guerreiro,
Emocionante exemplo de coragem!

Na canhoneira presa da abordagem,
Entre tantos heróis, fostes o primeiro
A enaltecer o nome brasileiro,
Muito embora morrendo na carnagem!

Não viste em teu momento angustioso,
No *Amazonas* o intrépido Barroso,
Abalroando, conquistar vitória!

Porém a morte aos grandes não derriba
Passaste do convés da *Parnaíba*
Para a vida eternal de nossa História!

Finalmente a edição alusiva do *Rio Grande* à data do 11 de Junho, apresentava na contracapa a coluna de encerramento denominada “Riachuelo, pedestal da glória”:

Quem foram os heróis de Riachuelo?
Que nos responderiam eles se, de viva voz, os
interpelássemos acerca do feito extraordinário?
Porque eram simples, é porque eram homens, com a
discrição dos homens simples na sua grandeza, nos

²⁰¹ *Rio Grande*. Rio Grande, 11 jun. 1965, p. 4, 5, 6-7, 8 e 12

responderiam, talvez, que nada de maior percebiam no mero fato de cumprir seu dever.

Observariam – quem sabe? – que a bravura é uma atitude perante a vida, cuja essência reside na salvaguarda do princípio que consagra o ser humano como livre e igual ante seu semelhante.

Hoje, entretanto, com a vantagem de vermos as coisas retrospectivamente, o evento assume proporções universais, na medida em que os detalhes se projetam, como golpes de luz na tela do culto cívico.

A dimensão do feito é infinita.

O nome *Riachuelo* desperta no coração da pátria ecos distantes. São as vozes que, vindas do fundo das idades, evocam ressonâncias aurifulgentes de estremecido amor à nativa terra.

No Riachuelo, os marujos do Brasil deram tudo o que podiam. E, depois, um pouco mais. (...)

Nos fastos humanos, o embate memorável surge como uma grande resplandescência de brio cívico, como apoteose soberba de pátrio pundonor, de indômito arrojo, de arrogante destemor.

A galhardia dos nossos valorosos patrícios gravou, naquele dia inesquecível, a ferro e fogo, nos anais da nossa História, um capítulo de sublime esplendor, uma oferenda cruenta aos porvindouros de ardor e coragem.

Riachuelo, altar de bravura, forneceu ao Brasil heróis por atacado.

Foi uma horrída oficina forjando para a posteridade amostras refulgentes de amor ao solo natal.

O heroísmo magnífico do Riachuelo construiu um monumento de brasilidade, de ativo civismo.

Naquele ensolarado domingo da Santíssima Trindade, nas águas barrentas do Paraná, o valor da grandiloquência e a indomável coragem do marujo brasileiro, granjearam

para nossa terra o respeito e a admiração dos demais povos do mundo.²⁰²

Este brevíssimo estudo de caso, trazendo algumas notas sobre a contextualização e levando em conta as efemérides do cinquentenário e do centenário do confronto bélico expressas nos periódicos que compunham o jornalismo da cidade do Rio Grande, serve para demonstrar o processo de incorporação da Batalha Naval do Riachuelo no cerne das “datas cívicas” brasileiras. A imprensa exerceria um papel fundamental na divulgação e difusão da relevância do evento histórico na formação nacional, dando preferência a apresentá-lo pelo viés da heroificação de seus personagens. Dentre eles, a figura do imperial marinha Marcílio Dias avultaria em importância. O fato de tal personalidade ter nascido na própria urbe portuária em muito contribuiria com tal identificação, além do teor patriótico e combativo atribuído ao jovem militar. Interessante destacar que Marcílio Dias era um menino negro, de família pobre, cuja mãe, ao promover seu ingresso na Marinha, tentou garantir-lhe uma forma de subsistência e até de algum tipo de ascensão social, visando a dar-lhe um destino diferente ao da maioria que estivesse naquelas mesmas condições. A morte em combate o elevaria às raíais da heroicidade.

A ação do jornalismo rio-grandino em torno do ato de heroificar personagens vinculados à Guerra do Paraguai constitui um microcosmo exemplificativo do

²⁰² *Rio Grande*. Rio Grande, 11 jun. 1965, p. 12.

conjunto da imprensa brasileira que vem promovendo a edificação de tais “heróis nacionais”, ao longo de mais de um século de atividades jornalísticas. Como motivação de inspiração moral e cívica, “o herói aparece na qualidade de responsável pela indicação dos caminhos da humanidade e dos papéis que são destinados aos demais”, visando a “distribuir ensinamentos e pregando sua moral”²⁰³. Tal processo leva em conta que “a história de cada nação é representada em termos de explorações dos grandes indivíduos”, em um quadro pelo qual “o herói” pode ser “glorificado como o pai da nação”²⁰⁴. Em consonância com tal glorificação mítica e heroica, a ação de um almirante e de um marinheiro foi propagada pelos periódicos rio-grandinos, no intento de colaborar com a edificação de uma memória social de culto aos seus supostos atos de heroicidade, na busca por transpor atos pretéritos para a contemporaneidade, com o escopo de servirem como “lições” para as gerações vindouras.

²⁰³ MICELI, p. 10.

²⁰⁴ HOOK, p. 15.



COLEÇÃO RIO-GRANDENSE

A **Cátedra CIPSH (Conseil International de la Philosophie et des Sciences Humaines/UNESCO) de Estudos Globais da Universidade Aberta** e a **Biblioteca Rio-Grandense** reuniram esforços para editar a *Coleção Rio-Grandense*. Mais meridional unidade político-administrativa brasileira, o Rio Grande do Sul, tem uma formação preñe em peculiaridades em relação às demais regiões do Brasil, estabelecendo-se uma sociedade original em vários de seus fundamentos. Da época colonial à contemporaneidade, a terra e a gente sul-rio-grandense foram edificadas a partir da indelével posição fronteiriça, resultando em verdadeira amálgama entre os condicionantes luso-brasileiros e platinos. A *Coleção Rio-Grandense* tem por intento fundamental a divulgação da produção intelectual acerca de variadas temáticas versando sobre o Rio Grande do Sul, com preferência para as abordagens de natureza cultural, histórica e literária.



UNIVERSIDADE
ABERTA
www.ua.pt

**Cátedra CIPSH
de Estudos Globais**
2020-2025



ISBN: 978-65-89557-36-4

